This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 159 200

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF
CALIFORNIA

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

VOZES DO MEU LAR

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

—

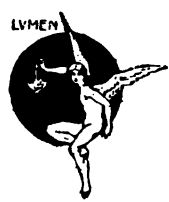
1902

VOZES

DO MEU LAR

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

VOZES DO MEU LAR



COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

—

1902

PQ 9..61
M32 V6

Das vozes presentidas no silencio do meu lar, tento guardar aqui lembrança esmorecida mas fiel ao carinho e anciedade com que as escutei. Viéram umas de longe, nas palavras d'amigos distantes, cuja face jámais os olhos verão, subjugado o espirito, em vága pena e saudade, pela irradiação da sua alma. Ergueram-se outras dentro do meu peito, ora mortificado pelos espinhos da estrada, ora entre affectos, emanando piedosamente de corações irmãos, que na mágoa e na alegria riram e choraram comigo. Muitas me trouxe o vento, a montanha, o rochedo e a floresta, a luz, o orvalho, o mar, os astros, o crepusculo e a aurora, a ave e a flôr. E de todas o côro suavissimo embalou meus sonhos de paz e amor.

M560275

M

1.ª PARTE

OS COMPANHEIROS DA ESTRADA

LIVROS E FLORES

JUNQUILHOS

Não tive na minha educação mestres caros, homens de muito saber, d'estes que trazem na lembrança infinita provisão de regras, remedio e solução para toda a contingencia e problema, pacientemente transmittido e vendido a quem lhes paga bem. Ensinaram-me pouca grammatica, pouco calculo e arithmentica, poucas linguas estrangeiras, pouca philosophia, pouca rhetorica, quasi nenhuma historia; e ensinaram-me esse pouco sem carinhos especiaes, em commum com numerosos camaradas, como eu, sem pretensões a sabedoria superior á que, no fim do anno, permittia annunciar singelamente: — Fiquei approvado.

A par d'esse humilde ensino e humildes mestres, — d'alguns dos quaes me lembro

com gratidão e saudade, — tive porém um outro mestre, esse d'um saber profundo, do unico saber verdadeiro, senhor de toda a verdade, nada pedindo pelas lições, dando-as generosamente, a cada a hora e a todo o momento, com uma largueza que as myriades de discipulos não esgotavam e nunca poderão esgotar. Esse mestre eram os canteiros do meu jardim, alguns palmos de terra, onde as plantas cresciam livremente ao vento, á neve, ao calor e á luz, e os insectos voavam, a cumprir a vida ephemera. Nunca, em circumstancia alguma da minha mocidade, tive a desventura de me vêr encerrado entre as estreitas paredes das prisões, a que tantas creanças são recolhidas, sob o pretexto de as educar e lhes fazer beneficio. Em casa tinha o jardim e os campos ao meu lado; no collegio, apartado das povoações, entre outeiros e prados, era mais largo o espaço aberto ao sol do que os telhados e abrigos; depois, em Coimbra, amei o Mondego, os choupos, olivaes e sebes umbrosas, com certeza, o mais sabio, o mais fecundo e o mais bondoso dos mestres da Universidade. Quem não aprendeu com elle, despeça-se de aprender o quer que seja. E' d'uma empedernida rebeldia.

Assim, fui conhecendo as estações, não pela altura da empreitada do meu saber, mas pela extensão da sombra das arvores e pelo viço das hervas, que cresciam nos sitios humidos. Quando hoje me fallam do natal da minha mocidade, não me lembro se *as selectas e as grammaticas* iam adeantadas e bem sabidas, mas lembro-me, — e em que visão querida e lucida! — das violetas ao pé do muro, debaixo d'um loureiro, entre orvalhos durante todo o dia, nos recantos onde o sol nunca tocava; lembro-me dos carvalhos, da sua rede pardacenta protegendo o campo, marcado pelas ultimas folhas seccas, e pelas sombras longas, muito longas, estendidas sobre elle e retalhando-o de traços negros. Fallam do carnaval? Não sei dizer se o compendio de historia já tinha passado a invasão dos barbaros, se fallava de maravilhosas guerras punicas, se perseguia Mithridates, rei do Ponto, homem celebre que resistiu ao veneno. Mas sei que, emquanto na rua corre a vozeria continua de gente brincando, os junquilhos no jardim, silenciosos, erguidos nos pedunculos flexiveis, altos, esguios, os calices pendendo para a terra, no desvanecimento da propria graça e belleza, vertem mysticos perfumes das amphoras d'ambar.

Na vida tive felicidade bastante para sentir a rotação dos astros e o volver dos tempos representarem-se na minha imaginação pelo desabrochar de flores; vém como rythmos de cantos magicos, infundindo na alma gratidão, serenidade e belleza, promessas infinitas, arrebatamento na vida eterna.

Os junquilhos marcam no meu pensamento uma hora de resurreição, de graça expansiva e singela. Vae a sumir-se a melancolia, levada nas roxas nuvens de violetas, formando o seu cortejo, para irem dormir as longas calmas estivaes. Vem dos junquilhos o primeiro hymno dos perfumes primaveris. Accordam os renovos do arvoredo; despertam na seára a tentação da fecundidade. Ainda passam na atmosphera brizas geladas descendo dos montes; mas elles alli estão a reanimar-nos de esperança, cavalleiros ousados, rompendo sarças, a abrir caminho ás flores breves, as que abril desfolha. Como enclausurados, fugindo á luz emquanto o sol andava baixo e frouxo, a armarem-se de coragem para quebrar a couraça de gelo que afogava a vida, soltam-se agora, aos bandos, mensageiros da alegria, a cantar liberdade, e a prometter amores.

MIMOSAS

Ha uns bons trinta annos, quando comecei a olhar para as cousas do mundo com o pensamento da missão humana, regulando-as e sujeitando-as á ordem preconcebida sob um pensamento superior, vinha a casa de meus paes um homem já velho, aferrado ás cousas da agricultura com enthusiasmo e vivacidade, denunciando a paixão absorvente. Não passava um dia sem fallar das sementeiras, a chorar uma haste partida pelo vento, a louvar o viço d'uma arvore plantada por suas mãos.

O velhito contava maravilhas d'arvores novas, vindas de longe, de infinitas virtudes. Chamavam-se eucalyptos. Cresciam nos terrenos mais aridos, soffriam a maior seccura, medravam com uma rapidez desconhecida, baniam as febres ruins

dos logares visinhos, davam madeiras rijas e lenha preciosa, farta de resinas que ateiavam o fogo e exalavam calor. Aos meus olhos de creança, essas arvores offereciam um phenomeno, que observava com curiosidade; as folhas mudavam de fórma. Largas e curtas nos primeiros dois annos, eram, nos ramos novos immediatos, compridas e curvas, como uma grande foice.

Junto ao tanque, para mais commodamente regar os alfobres, bastas vezes carecidos d'agua, o velhito lançou tambem as sementes negras de outras arvores, chamadas australias; logo a par, semeou umas outras, apparentemente eguaes, que, dizia elle, eram mimosas. E as australias e as mimosas viéram em pequeninas folhas, sensiveis á luz, fechando á tarde, ao pôr do sol, sempre crescendo, a transformarem-se umas em leves ramagens azuladas, as outras em rigidas e sombrias verduras. Plantaram-n'as pela beira do campo, á borda do caminho que o separava do pinhal, onde já os eucalyptos erguiam columnas brancas, entre retalhadas e negras cascas de pinheiros. As australias cresceram direitas, robustas, severas; as mimosas alargaram-se em nuvem alvacenta, e na primavéra toda dourada, d'um

ouro fino e leve, como a luz das manhãs de abril.

Assim, por intermedio do bom fanatico da natureza e das suas graças, se me revelou o mundo maravilhoso da flora australiana.

Que bellas cousas aprendi d'esse santo velho! Leu-me Virgilio, ensinou-me a plantar arvores, e, melhor do que isto, ensinou-me a amar Virgilio e as arvores! — Grandes bens, que muito generosamente me transmittiu e muito devotadamente lhe agradeço.

Por isso agora, — e sei bem quanto esta especie de oração, o commoveria, trago no meu espirito a sua lembrança, associada á imagem das douradas flores que elle plantou.

Nos preguiçosos e descuidados dias de Coimbra, lá do ninho da cidade alta onde me abrigava, tornei a vêr, pela beira do rio e pelos quintaes dispersos, as mesmas nuvens douradas, na minha infancia contempladas como soltas nos ares pelas piedosas mãos do velho. Vinham no fim de janeiro. Ás vezes, por seu mal muito bastas vezes, com dôr paciente, ficavam, em dias escuros e ainda breves, curvadas ao peso do diluvio caído dos ceus, ao sopro do vento sul. Na floresta despida eram o primeiro canto da primavéra, ave

perdida, precursora da luz, vindo annunciar as andorinhas e os ninhos. Erguidas entre o arvoredo, respondiam aos junquilhos humildes, soltando o mesmo canto, poisados na terra, junto á habitação.

Hoje, as mimosas são flores vulgares. Vindas da Australia, das terras onde as chuvas são mais raras, seguidas d'um cortejo de cavalleiros da abundancia, de toda a infinita flora que trouxe á charneca despida abrigo e sombra, por toda a parte se cultivam ; de estranhas, algum tempo, converteram-se em deuses lares e amigos. São um sorriso, suavisando e completando a robustez sevéra das congeneres. N'essa invasão de plantas desconhecidas trazidas á Europa pelos prophetas da sciencia, na victoria de plantas peregrinas sobre os velhos povoadores da terra europeia, as mimosas, enriquecendo os nossos invernos com as flores precoces, surgem como bandos illuminados do sol, a cortar trevas geladas, conquistando rapidamente pela generosidade o logar até aqui só reservado a flores, que ha muitos seculos nos acompanham a vida. Identificaram-se com a nossa alma ; arrancaram-lhe affecto e veneração, antecipadamente pagos com os sorrisos da graça indefessa, que nem aos vendavaes nem ao frio se calou. A tudo resistem.

O seu leve perfume é simultaneamente consolação dos tempos de esterilidade e invocação da fé em energias surdas, que preparam os fogosos esplendores da primavéra.

Bemvindas sejam !

LILAZES

As flores não teem para mim vida simples. Não são unicamente creações da natureza dispersas pela terra; teem ao mesmo tempo vida historica, o tempo e logar onde as encontrei, as pessoas que as cultivavam, a hora do seu apparecimento e as circumstancias em que se associaram ao meu espirito, ás minhas alegrias ou mágoas. São relações, companheiros da estrada.

Assim, pensando nos lilazes, não posso imaginal-os nem em jardins ricos, nem aos feixes, nos mercados, nem em salões faustuosos, embora em todos esses logares os tenha encontrado. Hei-de vêl-os alli, onde pela primeira vez se revelaram aos olhos da minha infancia.

Foi na terra de meus avós, á beira d'um caminho estreito, espreitando por cima do muro escalavrado e musgoso, que eu vi os lilazes, erguendo thyrsos purpurinos, a incensarem a athmosphera de perfume subindo ao ceu, a perder-se na tepida luz, que do ceu vinha tambem. Vi-os muitas vezes, tornei a encontral-os por diversos logares, em todas as primavéras; mas cerrando os olhos, a revêl-os e desenhal-os unicamente na minha lembrança, estão sempre alli, por cima do muro, ao canto da casa.

E, lembro-me bem, era a casa d'um homem rico. Não os encontrei pelas aldeias; não foi á beira do poço, a que a linda moça vem encher o cantaro, onde ceruleos craveiros se debruçam e o mageríção cria o novello frondoso, para ser levado á romaria. A pobreza conhece-o; talvez o admire; mas não lhe deu agasalho nos rudes e mal cuidados canteiros

Os botanicos contam que é desconhecida a terra natal dos lilazes. Viéram da Persia para a Europa no seculo XVI; á Persia teriam vindo talvez da China. Não se sabe ao certo. Ha muitos seculos habituados a viver nos jardins, a serem servidos pelos homens, perderam os vestigios da origem, ignoram a terra que, espontanea,

primeiro os creou. São, entre as flores, as de mais remota fidalguia. Procuram cuidados e abastança, desprezam a choupana, e a choupana não tenta captival-as.

Embora! Sempre lhes farei a minha offerenda de gratidão. Ainda desviados dos caudaes da natureza e da vida humana, na estreita habitação que o luxo lhes escolheu, quero adoral-os na sua fidalguia consagrada. Mereceram-n'a; conservaram robustez, singeleza, sobriedade de colorido, viril grandeza; os esplendores da primavéra guardam alli, sob trajos ricos, o corpo endurecido que luctou com os gelos do inverno e os venceu. Receber-lhes-hei o perfume, como uncção veneranda, na qual a belleza parece apartar-se da sensualidade e repellil-a, para se ostentar em soberania olympica.

AS CILINDRAS

Conheci-as pelo perfume. Não sei onde nem quando as encontrei. Na minha lembrança vagueiam immateriaes, vozes ethereas, vibração d'uma alma. Um perfume, suavissimo, sem par, involvendo-me no tempo em que os rouxinoes cantavam e os salgueiraes, pela beira do rio, cruzavam ao vento, sem cessar, laminas fulgentes, — foi tudo o que primeiramente conheci das cilindras. Havia-as por toda a parte, nas casas pobres, junto ás eiras, onde os linhos coravam ; e nos palacios nobres, nos canteiros orlados de murta, entre bancos de cantaria lavrada. Assim, esta flôr representava-se-me sem casta nem lar preferido, simples emanação da primavera, solta ás primeiras brizas repassadas de sol, ao mesmo tempo caricia e promessa, afago

do corpo cobiçoso de tardes amenas, esperança de renovos e viço, na atmosphera gloriosa de luz e calor.

Só tarde, muito mais tarde, depois de lhe ouvir e conhecer a voz, desejando-a como um bem do ceu, attentei na sua fórma. Era uma flôr singela, pallida e branca, d'estranho entretecer de pallidez e alvura, como se em corpo de neve corressem seivas de ouro. A pallidez até nas folhas se insinuava; dos ramos franzinos, que todavia resistiram aos gelos do inverno, desabrochavam folhagens, cobrindo a verdura d'uma gaze dourada.

Pensei nas violetas. As cilindras são missionarios da mesma fé, são suas companheiras da primavera. Ambas têm singeleza, modestia, suavidade e perfume brando; simplesmente uma adorou, nas cores do crepusculo, o silencio, e longas noites frigidas, a outra, vestida de aloiradas tintas que roubou ao sol, ergueu o doce cantico á luz vivificante.

A historia diz-me que a cilindra é indigena na Europa. Talvez por isso lhe quero tanto. Vagamente, sinto-me filho da mesma terra; embalam-me cantos de mãe commum. Mas, ai de mim!... O seu perfume solta-se livre, por onde vôam as aves,

o meu pobre corpo rasteja enfermo, pela terra de que se não desprende. Seja-me ao menos ventura erguer-lhe louvores! Seja-me consolação e paz sentir-lhe a divina graça!

OS LIVROS

I

Não ha n'este mundo cousa alguma de mais suavidade para a minha vida do que os livros. Consoladores, mansos companheiros, é alegria tel-os a meu lado, folheal-os, manuseal-os, vêl-os simplesmente; são necessidade para o espirito e, direi, quasi necessidade para os meus sentidos. Casa onde os não veja, está incompleta; dia em que não leio, foi da maior fadiga. Ficou-me a sensação de falta essencial, exactamente como se tivésse soffrido fome ou sêde.

Depois, sou glutão. Quero muitos; quero, ao sabor do meu capricho, ter sempre á mão, ou uma obra de arte, ou um livro de sciencia, ou de historia, ou de viagens, moralistas, romancistas, ou ainda mesmo puras bagatellas. Ha dias em que a

Historia natural para creanças, de Prang, e as *Aventuras do barão de Munckhausen* me interessam tanto como Tolstoi, Ruskin ou os mais deliciosos chronistas portuguezes. Tudo depende da inclinação momentanea.

Ás vezes, porém, considero se isto não será vicio, talvez nocivo, contra o qual devo acautelar os estranhos, já que de mim não cuido, por me julgar incorrigivel. Este amor excessivo do pensamento será porventura uma distracção das obrigações de trabalho! O que é necessario, conveniente á boa ordem social e a uma salutar disciplina moral, não é lêr, reflectir, meditar; convém trabalhar com os braços, tirando da terra o pão de cada dia, ajudando a natureza a produzir, transformando os seus productos, adaptando-os ao agasalho e sustento da humanidade.

Mas, em seguida, surgem novas duvidas. Talvez não seja assim!... Onde começa e onde termina a moralidade do trabalho e da actividade humana? Por acaso, quando leio a *Vida de S. Francisco d'Assis* faço mal, e faço bem quando semeio cevada e a ponho a apodrecer, para extrahir uma bebida, sob a influencia da qual os homens commettem crimes e enlouquecem? Sou máu quando, sósinho e tranquillo, classifico

uma planta em face dos livros, comparo as suas fórmas com as fórmas d'outras plantas, lhe comprehendo as relações e admiro a belleza, e sou bom quando vendo tabaco ou cousas caras e ridiculas, com que as mulheres se enfeitam?

Se considerarmos as nossas acções em todas as consequencias ulteriores, muito teremos de supprimir na actividade chamada economica, muitas vezes, nos ultimos resultados, mera destruição de toda a economia; e muito teremos a accrescentar á ociosidade que se limita a contemplar e meditar.

N'estas horas de perplexidade, que alegria encontrar alguem em meu soccorro, e, com o pezo d'uma grande auctoridade, livrando-me de duvidas, substituindo-as por affirmações cathegoricas! Aconteceu assim com a leitura d'um antigo discurso de John Morley que ha pouco, casualmente, me veio ás mãos. Náo, não tenho de hesitar: a leitura é a mais sadia e proveitosa hygiene. Diz-m'o um homem cujo talento é famoso, antigo e provavelmente futuro ministro d'estado d'uma tão grande nação, que dirigiu por largos annos um dos jornaes mais importantes de Londres, leu e estudou muito, ensinou e praticou, na pratica da administração das

cousas da terra, d'essas por tantos julgadas o fim ultimo e razão superior da actividade humana.

Ao fim de tão longa e variada experiencia, esse homem não se contenta com o saber que importa á actividade economica, faz o elogio da litteratura e affirma a sua necessidade. « Sei que ha um grande movimento a favor da educação technica e commercial. As necessidades especiaes do nosso tempo e do nosso paiz levam-nos a dar particular attenção a esta materia. Aqui, o saber é um negocio, e nunca poderemos manter a nossa preeminencia industrial, com tudo o que d'ella depende, se não adeantarmos a educação commercial e technica com todas as nossas forças. Mas ha um terceiro genero de saber, que tambem, a seu modo, é negocio. Ha a cultura da sympathia e da imaginação, a excitação da sensibilidade moral, e o alargamento da visão moral. A grande necessidade da cultura moderna, scientifica no methodo, racionalista no espirito, e utilitaria no fim, é descobrir qualquer agente efficaz para alimentar em nós o ideal. Este é, segundo creio, o interesse e a funcção da litteratura. A litteratura, só, não fará um bom cidadão, não fará um bom homem. A historia dá-nos

muitas provas de que o saber e a instrucção de modo algum isentam os homens da acrimonia, da vaidade, da arrogancia, d'uma mortifera tenacidade nas cousas futeis. O mero saber e instrucção e o conhecimento dos livros de modo algum suspendem e dissolvem todos os acidos que se movem no systema humano. Nem um momento pretenderei que a litteratura póde substituir a vida e a acção. Burke diz : " Qual é a educação da generalidade do mundo ? Lêr certa somma de livros ? Não ! Constrangimento e disciplina, exemplos de virtude e justiça, eis o que fórma a educação do mundo ". Isto é profundamente verdadeiro ; a vida é o grande educador. Mas os livros, se são bem escolhidos, reconciliam-nos com a disciplina, interpretam a virtude e a justiça, despertam em nós o espirito de advinhar e erguem-nos á consciencia do que é o melhor nos outros e em nós. »

O que devemos, porém, entender por litteratura, pelo instrumento poderoso que, nas palavras do cardeal Newman, alarga o espirito, corrige-o, sublima-o, habilita-o a comprehender e digerir os seus conhecimentos, e lhe dá dominio sobre as suas faculdades, applicação, flexibilidade,

methodo, exactidão critica, sagacidade, destreza e expressão ?

« A litteratura consiste em todos os livros, e são muitos, em que a verdade moral e a paixão humana são tocadas sómente com certa largueza e attracção de fórma. A minha noção do que estuda litteratura é a d'um homem explorando, atravez dos livros, as viagens estranhas da razão moral do homem, os impulsos do coração humano, a sorte e mudanças pelas quaes passaram os ideaes humanos de virtude e felicidade, de conducta e de modos, e a fortuna varia das grandes concepções da verdade e da justiça. Poetas, dramaturgos, humoristas, satyricos, mestres do romance, grandes prégadores, escriptores de caracteres, escriptores de maximas, grandes oradores politicos, — todos são litteratura, emquanto nos ensinam a conhecer o homem e a natureza humana. E' isto que faz da litteratura, convenientemente joeirada e escolhida, e convenientemente estudada, não a mera frivolidade elegante que tantas vezes e tão erradamente se suppõe ser, mas um instrumento proprio para o exercicio systematico da imaginação, da sympathia, e d'uma fecunda e variada sensibilidade moral. »

E já agora, não tendo sido parco de citações, — tão doce me é ouvir o canto das sereias, cantando alegrias que a minha voz não sabe cantar, embora o coração intensamente as sinta! — quero concluir nas palavras de Morley:

« Bacon pensa bem, como geralmente lhe acontece, quando nos manda lêr, não para contradizer e refutar, não para crêr e acceitar por averiguado, não para encontrar palestra e discurso, mas para pesar e considerar. Sim, deixae-nos lêr para pesar e considerar. Nos tempos futuros, promettendo ou ameaçando profunda controversia politica, economica e social, o que temos a fazer é induzir o povo a pesar e considerar. Precisamos que elle cultive a energia sem impaciencia, a actividade sem inquietação, a inflexibilidade sem mau humor. Não vou prégar-vos nenhum estoicismo artificial. Não vou prégar-vos a indifferença pelo dinheiro, ou pelos prazeres das relações sociaes, ou pela estima e boa vontade dos nossos visinhos, ou por qualquer outra das consolações e necessidades da vida. Mas, afinal, o que mais importa, juntamente para a felicidade e para o dever, é vivermos habitualmente com pensamentos de sabedoria e sentimentos justos.

A litteratura auxilia-nos mais do que outros estudos a esta abençoadissima companhia dos pensamentos de sabedoria e sentimentos justos; e é assim que aproveitei este ensejo de vivamente a recommendar ao vosso cuidado e interesse ».

II

No discurso de John Morley, ao qual acabo de me referir, aponta-se o excessivo logar do romance na propagação da litteratura. Assim, n'uma cidade do norte da Inglaterra, o romance representa 76 por cento dos livros pedidos n'uma bibliotheca, n'outra 82, n'uma terceira 84, e ainda em outra 67 por cento. A média seria de 70 por cento, na Inglaterra. Em Chicago, é de 60 por cento. A Escocia tem melhor média; ahi, dá-se maior procura das obras chamadas serias.

Morley, commentando o facto, accrescenta:

« Não se supponha que eu quero depreciar o valor do romance. Pelo contrario; penso que, quando um homem trabalhou rudemente durante um dia, o que de melhor tem a fazer é lançar-se na leitura dos romances de Walter Scott, de Miss

Austen, ou de qualquer outro dos nossos escriptores contemporaneos. Eu mesmo sou um leitor voraz de romances. Por conseguinte, não apontarei, como censura ou fonte de desanimo, que o romance tenha tomado tão largo logar nos objectos de interesse litterario. Sómente insisto em que esse logar é excessivamente largo, e ser-nos-ia mais agradavel baixal-o a cerca de 40 por cento e elevar, de 13 a 25 por cento, o que é classificado como litteratura geral ».

Isto acontece em Inglaterra. O que se diria em Portugal? Se houvesse meios de informação sufficiente, se podéssemos fazer estatisticas das nossas leituras, com certeza a média do romance nas leituras usuaes seria ainda superior á de Inglaterra, áliás não pequena. Basta vêr os jornaes diarios; assignam-se pelo romance ou pela politica, talvez mais pelo romance do que pela politica. Se esta é a causa determinante do interesse entre os homens, nas mulheres, e são muitas as que lêem, o romance é a justificação unica da compra do jornal. Note-se que egual facto se dá em todo o mundo, nos paizes, em materia de educação litteraria semi-barbaros, como o nosso, e nos paizes, pela educação na cabeceira do ról das grandes nações,

como a Inglaterra e os Estados Unidos da America.

O temperamento de frieza e moderação do anglo-saxonio e o genio buliçoso e ardente do meridional são, para o caso, de perfeita identidade; a ambos o espirito pede o mesmo alimento; ambos revelam, de modo indubitavel, a mesma accentuadissima tendencia.

Ora, necessariamente, quando um phenomeno social se revela com tão geral e firme intensidade, deve prender-se a caracteres permanentes da natureza humana; deve ter fundamento na propria constituição do espirito. E, na verdade, assim creio.

A razão d'esta inclinação para as obras de imaginação está, a meu vêr, n'aquelles mesmos motivos que nos levam a procurar os livros. Com excepção dos casos, proporcionalmente raros, de especulação scientifica ou philosophica, com excepção ainda da acquisição de conhecimentos technicos, profissionaes e praticos, lemos por exercicio espiritual, pelo prazer de pôr em actividade as multiplices energias mentaes, lemos para vêr o mundo e os homens, para pensar e sentir. A vida é una e indivisivel; o espirito não se fragmenta, move-se sempre na sua unidade e plenitude. O exercicio preferido será exactamente aquelle

que simultaneamente lhe excita todas as energias, já movendo-as conjunctamente, já alternando-as com tanta frequencia que o mesmo é leval-as a par. E' este, se não me engano, o motivo fundamental da preferencia das obras de imaginação em todas as litteraturas do mundo.

D'aqui derivam varias consequencias, duas das quaes apontarei.

Em primeiro logar, quanto menos culto é um paiz, maior será a tendencia para as obras de imaginação. A cultura disciplina, equilibra, differencía; assim como, em materia economica, a cultura creou campos de trigo ou milho, o que no estado natural é a excepção, sendo regra a associação das diversas plantas, assim tambem nos dominios do espirito a cultura desenvolveu inclinações e aptidões particulares, fez uma divisão racional e deliberada, creou apetites singulares. A regra, aqui, é tambem a associação, a vida na unidade, e d'ahi resulta que, se abandonamos o espirito, elle naturalmente irá para onde encontra satisfação completa, sem procurar attender a necessidades particulares, ainda ignoradas.

Depois, não me parece, posta a questão d'esta forma, termos de nos preoccupar muito com o modo pelo qual

as leituras se distribuem. Sem embargo, como é sabido e regra geral em casos e circumstancias identicas, a leitura é, ao mesmo tempo, agente e producto do estado social; mas sempre me inclino a crer que é principalmente producto. Se fômos educados entre gente humilde, naturalmente preferimos, — mesmo porque as comprehendemos melhor e a comprehensão facil é um acrescimo de prazer, — as obras que nos recordam os representantes da nossa condição social. Vivemos na riqueza, no luxo, na sensualidade, e no vicio? Dirigimo-nos aos que partilham as nossas aspirações e sentimentos. Pelo contrario, crescemos em condição modesta, desconhecemos as miserias da fome e as da riqueza, tivemos sempre deante dos olhos espectaculos de ponderada bondade e abundancia, sem prodigalidade nem dissipação? O espirito ha-de inclinar-se á representação d'esse modo de existencia, ha-de procurar a harmonia de vibração nos estranhos, condição para os acceitarmos, e porventura lhes concedermos affecto pela continua intimidade.

Que as obras de imaginação hão-de ser procuradas de preferencia, não me resta duvida. São aquellas onde a vida se nos representa na totalidade, nas cousas

realisadas, e no movimento e nas aspirações da alma. Que possam ser mal ou bem, ainda é evidente. Estou convencido de que as nossas preferencias serão determinadas pelos habitos, tradições, educação, necessidades de trabalho, situação economica, não excluindo propensões organicas, ás vezes tão accentuadas que vencem os demais elementos.

Direi, repetindo as palavras de Morley: « O que mais importa para a felicidade e para o dever é vivermos habitualmente com pensamentos de sabedoria e sentimentos justos ». Mas esses pensamentos e sentimentos terão sempre uma base, que a litteratura lhes não póde dar. Apenas os póde definir, desenvolver e conservar.

Vamos, pois, lendo os romances, que o espirito tão avidamente nos pede. Deus queira que sejam bons; é signal de trilharmos o bom caminho! Senão ai de quem os aprecia! Precipitam a carreira em que a desventura o tiver lançado.

MADRESILVAS

A madresilva é o propheta do estio. Já se vão mostrando os fructos das plantas que floriram na frescura temperada da primavera; só agora, nos braços esbeltos e ousados, prendidos ás arvores ou soltos pela encosta, vem a madresilva trazer a offerenda de louvor ao sol ardente e á luz deslumbradora. E' o hymeneu da graça e da coragem, symbolo que marca no volver das estações a união mystica da fragilidade delicada, timida, e da perseverança do poder e firmeza, acoitando-se em fórmas leves, flexiveis, exteriormente inconsistentes. Parece nas espiraes das vergonteas errar em busca de apoio, incerta e doida; é no intimo tecida de fibras resistentes, duraveis, como o linho; da haste mimosa e delgada rebentam em feixe, cerradas e bastas, as flores

que se desdobram nas curvas sem fim, em facil e ingenua desinvoltura.

Soffre a sombra paludosa, ergue-se sobre o salgueiro, ao lado dos nenuphares; junto do rosmaninho, enfeita os calcareos pulverulentos; sobre os penhascos, entre seixos e o serpão, mostra soberana a singela altivez. Nada teme; nem putridas e doentias humidades, nem aridez requeimada, nem os ventos que açoitam as cumiadas, nem a quieta estagnação dos valles. Mas prefere a luz. A sua missão é levantar um hymno ao sol. Só perante elle desferirá o canto. Na escuridão, é esteril. Ahi, as flores serão raras, perdidos os laivos violaceos que as enfeitam; mais parecem cantar magoa e saudade do que triumphos. Onde quer que se encontre, virá n'uma aspiração violenta, insaciavel, á procura do ceu azul, sem macula, para se espelhar e receber, entre os labios descerrados, alentos de calor fecundante.

Perfume doce, enebriante. Que é da suavidade primaveril da cilindra? Levaram-n'a as chuvas breves de maio. A esta hora, com o sol a prumo, a exaltação vencerá. Contradicção mysteriosa! Doçura e ardor são filhos da mesma mãe, do mesmo seio, d'uma mesma alma. Nas fornalhas do estio, que incendeiam tanta vida para a

converter em cinza, fabrica-se o assucar da uva e o aroma da madresilva.

Mais tarde, quando o sol baixar, as hastes que agora saudaram a luz e a sua victoria cruel, nos clarins recurvos da madresilva, hão-de pender sobre a terra vergadas de fructos rubros, como gotas de sangue. Devia ser sanguineo o fructo d'esta flôr da paixão, que, na pureza ardente, viveu breves dias de doçura para cantar o fogo celeste.

AÇUCENAS

No altar, aos pés da imagem de S. José com o Menino Jesus ao collo, mãos devotas da graça, ou levadas pela modesta gratidão d'algum occulto milagre, pozéram em pobre vaso um grande ramo de açucenas. A sua alvura destacava pela macieza, entre brilhos faiscantes, vindos do nicho concavo, onde o santo se recolhe, sob a meia-cupula dourada, apoiando-se em columnas espiraes; e, ao sentir na flor o arfar de vida dominando a fria immobilidade da egreja, ainda em toda a limpidez da minha ignorancia infantil, perguntei que flores eram aquellas, tão lindas, cheirando tão bem.

Responderam-me — quem já não sei! talvez alguma crédula serva de meus paes, de cujo nome ingratamente perdi a lembrança...: — São açucenas, as flores do

Menino Jesus, porque elle era assim tambem, puro como ellas.

Desde esse tempo, não mais ouvi fallar das açucenas sem a imaginação m'as representar, adorando o Menino Jesus. Vi-as pela primeira vez no templo; invariavelmente, sem duvida por esta coincidencia casual, o pensamento as lembrou sempre como flores sagradas.

Depois, vi-as no jardim. Estavam n'um canto, ultimo aquecido á tarde pelos fogos do poente, no tempo em que já a sombra apetecia, e eu brincava debaixo das arvores; voltadas para a luz, sobre a haste esguia, levemente inclinada, vinham da terra, surgindo em meio de verdes florões, a receber o sol e a abrigal-o no candido seio. Então, se ouvia fallar das açucenas, sentia a luz do sol poente, correndo sobre o canteiro do jardim, como uma onda que se espraia e desvanece, a atmosphera tépida das tardes de primavera, languidez de vida mansa e seivas abundantes; e era a açucena que tudo me representava, na haste esguia, inclinada para a terra, dobrada de amor, perfumada e alva.

Mais tarde, quando a curiosidade me começou a rasgar mysterios e emudecer ingenuos cantares da infancia, quiz saber, nos livros dos homens, a historia d'aquelle

ser, cristallisação da pureza, na minha reminiscencia flor sagrada da primavera e de Jesus Menino.

Viéra da Palestina. Salomão havia dito: — « Bem como é a açucena entre os espinhos, assim é a minha amiga entre as filhas ». O poeta traduziu:

« Amada do coração
Entre as mais és tal e qual
Uma açucena entre espinhos ».

Jesus dissera tambem: — « Considerae como crescem os lirios do campo: elles não trabalham, nem fiam: digo-vos mais, que nem Salomão em toda a sua gloria se cobriu jámais como um d'estes ». Plinio, o naturalista, o sabio, deu á açucena o segundo logar, depois da rosa.

Mas um velho, homem singelo, um d'estes homens que atravessaram pela vida sem a deixar corromper-lhes a propria singeleza, á tarde, passando comigo no jardim, parou um instante ao pé das açucenas. Contou-me mais que os livros santos e os livros dos sabios. Contou-me: — Na minha aldeia, é a flor dos pobres. Não ha choupana que a não tenha.

Então, fiquei a scismar n'essa providencia, que em serras asperas, ao abrigo do mundo, fez guardar pelos pobres o

symbolo da pureza. E na açucena vi juntar-se, em um só perfume, candidez, belleza e caridade, alvuras creadas da luz do sol, dispersando pollens doirados, e alvuras irrompendo do coração, a mostrar á nossa alma a paz da vida simples, que a demencia chamou pobreza.

AMIGOS CERTOS

« O mais singular e mais proveitoso conselho, Serenissimo Rei, que Demetrio Phalereo, philosopho mui sabedor, deu ao grande Tholomeu, Rei do Egypto, para sobre todolos Reis do seu tempo poder ser mais excellente, foi que procurasse de vêr, e ter por mui familiares os livros, principalmente aquelles, em que os virtuosos costumes e claros feitos dos illustres Reis e Principes passados fossem verdadeiramente escriptos: amoestando-o que com vivo cuidado os lesse e ouvisse: nem era sem causa; porque, como mui prudente, sabia que os livros, posto que sejam conselheiros mortos, sempre porém ensinam e dão verdadeiros e sãos conselhos, mui livres e isentos das paixões dos conselheiros vivos, dos quaes muitas vezes por

não saberem, e outras por não quererem, e muitas mais por não ousarem, se nega e esconde a clara verdade, que os seus maiores e Senhores pospõem ás proprias inclinações e paixões d'affeição, odio, lisonjaria, interesse ou temor, que são causa da mais certa quéda ».

Assim escreveu Ruy de Pina, o chronista.

Cortezão, embaixador, querido do *Principe Perfeito*, coberto de honrarias; temido dos grandes, como Affonso d'Albuquerque, que, no dizer de João de Barros, teve a fraqueza de enviar joias ao chronista para não se esquecer d'elle na sua historia; sem arrebatamentos de justiça, complacente com os pequenos apetites, fraquezas e vaidades do mundo; sentiu o poder d'esses conselheiros silenciosos, persuasivos, eloquentes no silencio. Captivo da voz estranha, que nos falla liberta do ruido das cobiças atarefadas e inquietas, amou a sua repousada belleza. N'esses dias comprehendeu talvez a inanidade das luctas e ambições politicas que o rodeavam; porventura convenceu-se, juntamente com tristeza e redemptor desprendimento, da inutilidade dos proprios passos e fadigas. A voz dos conselheiros mortos calou os gritos dos conselheiros vivos; as lições do

passado, poderam mais que os incitamentos da existencia activa. E quem tanto amou o mundo, alguns instantes o teria despresado pelo amor d'uma eterna sabedoria, guardada em estreitas folhas que as mãos abrangem, profundos thesouros sobre os quaes o pensamento paira sem cançar, abrindo largos vôos, como aves brancas no azul do céu, longe da terra.

OS CRAVOS

O craveiro é, no viver da nossa terra, como os animaes domesticos. Não se affasta da habitação. Quando não habita quasi no interior, ao abrigo dos alpendres ou aninhado ao canto da janella, está proximo, sob o muro do poço. Não vae além d'este curto espaço, continuamente frequentado pelas creanças, pelos servos e pela dona da casa, na faina domestica. Ouve o latir dos cães, o canto do canario e da rola em alegre captiveiro, a voz pedinte do gato; recebe a cada instante cuidados de mãos d'anneis, é respeitado de humildes e soberbos. Perdido nas brumas, longe da terra natal, ardente e calcinada, parece soffrer perpetuo temor, sem animo de se propagar livremente, aventurando-se a luctar nos largos campos, por onde

se combatem e se amam, em multidão, milhares de flôres.

Mas não é invalido, nem inutil, nem guloso, nem amigo do luxo. Robusto, a vida familiar e domestica não o perverteu, adoecendo-lhe a sensibilidade; revestido d'uma couraça metallica, sob o véu azul e prata que o cobre, supporta sede, sol e frio, sem desfallecimento. Uma simples mão cheia de terra o alimenta durante annos; despreza a abundancia, prefere a sobriedade, approxima-se da indigencia com ousada firmeza. Visita miseros tegurios, o mais rude leito lhe convém; basta-lhe para pousar a concavidade de um pedaço abandonado da louça da cosinha, só quanto lhe supporte a magra terra que o sustenta. Assim, na singeleza e austeridade, fica de guarda ao casal, emquanto os gados pastam, e a familia lavra o pão, ou, descuidada, folga no arraial. Muitas vezes o tenho visto debruçado da varanda, em habitações pobres, nos logares desertos, no meio do silencio, dando testemunho de vida, a indicar a propriedade, a prometter o fogo que á noite ha-de accender-se na lareira e erguer ao céu fumos suaves, como orações.

Entre a desordem, annunciando uma aspera existencia de labor, onde os instrumentos de trabalho formam toda a mobilia

e adorno, o craveiro é o unico signal do desinteressado culto da belleza. Foi guardado durante o anno inteiro para breves momentos de graça, para florir breves dias, em raras flores, e beijar com os beijos vermelhos o casebre desmantelado.

Onde o levará a rapariga, que tão attenta lhe espreitou o desabrochar, para o colher agora por esta humida manhã de junho? Se não vae a enfeitar o peito do namorado, irá para o altar, offerecido a S. João, o santo patrono dos folguedos, das danças e fogueiras, do bulicio e amor pagão.

Só por isto, pela vida moral, pelo destino que o traz associado á alma popular, ao trabalho, á rudeza, ao recato e á modestia, estimo o cravo e n'elle ouço cantares singelos de paciencia e amor. Só por isto! Pois nas fórmas encontro qualquer cousa rigida, recordação da ingrata terra africana, onde as mãos piedosas dos cruzados de S. Luiz o foram buscar, se é verdadeira a lenda. Como a piteira, para resistir ao sol, armazenou sob um revestimento metallico, de prata e aço, seivas gommosas, que supportem o vento secco do areal e do deserto; desconhece o mimo da verdura tenra. E as flores rebentam do calice consistente em petalas curtas, temendo expandir-se. A sua belleza está unicamente

na harmonia serena, ponderação e ordem, equilibrio de colorido e perfume; todo o error lhe foi prohibido, toda a liberdade da graça lhe foi vedada. Conciliou a força e a belleza; poude ser bello atravez da indigencia do solo e das inclemencias d'um céu abrazado; mas d'ahi lhe ficaram laivos de vida austera, banindo ingenuidade e doçura. Embora não se tornasse altivo pelo triumpho contra os elementos adversos, attingiu todavia a severidade, sem indulgencia para a fraqueza nem carinhos para a humildade.

A DAHLIA

É uma flôr perante a qual me sinto em peccado; desestimei-a injustamente. Talvez pela abundancia das petalas e folhagem, lembrando ostentação de riqueza vulgar, desprezava-a. Só tarde lhe comprehendi a generosidade e a graça; só quando a vi com o cravo e a açucena, junto do poço em que as raparigas descalças vem mergulhar o balde, para dar de beber aos gados, mugindo impacientes nos curraes, suspeitei a sua belleza. Se o povo a estimava, havia de ter virtudes ingenuas; ha sempre n'esses amores poderosas affinidades occultas. Attentasse um pouco; descobril-as-ia.

O povo amava-a; tinha-a em casa, dispensando-lhe cuidados; cortava-lhe as flores para as levar á capella da aldeia,

sobre o altar, enfileiradas aos lados do cruxifixo, em palmitos, postas nos vasos onde se espalmavam as petalas ricas, circundando o calice, a trasbordar de estames doirados, de oiro candente.

Na ignorancia, o meu espirito era victima do erro. Suppunha intrusa nos campos toda a flôr exotica. Usurpava o logar das plantas que abrigaram os nossos avós e nos protegeram. O meu coração revoltava-se contra esta batalha, em que por mão dos homens se expoliavam dos ninhos os habitantes d'outr'ora.

Quando, porém, vi a sombra, o abrigo e o lume magicamente creados em arvores colossaes, no bravio adusto, pela flora australiana, comprehendi a santidade d'esses missionarios de vida; quando, lendo a historia das plantas que melhor nos servem, soube terem sido trazidas no correr dos seculos, de regiões distantes, acompanhando-nos em exercito fiel, laborioso e previdente, accordaram em mim novos sentimentos. Distinguindo nas plantas exoticas o luxo, o capricho e a sensualidade do beneficio caridoso, substitui por justiça e gratidão muito inconsiderado desprezo.

Olhei então a dahlia com outros olhos. Lembrei-me da sua resistencia ao rigor do inverno, das flores desafiando o sol

canicular e alegrando as hervas seccas, prostradas no pó, estrellas brilhantes, ora veludosas, ora rutilas, sempre firmes, como grito de corajosa alegria em meio da aspereza da batalha. São das poucas flores que soffrem o abandono no estio e ao mesmo tempo se prolongam até ás primeiras geadas. Essas folhagens amplas e escuras, que não temeram o sol, só murcharão queimadas pela neve. A horicultura deformou-as, abusou da docilidade, convertendo-lhe a parca desinvoltura em regrada e enfadonha symetria, despojando-a das joias do pollen abundante para o converter em petalas innumeras; mas no logar onde as adoro, nas casas pobres, a ingenuidade primitiva reapparece; a dahlia, rehavendo n'este semi-abandono a singeleza, revela-me, assim identificada com os que a acolheram e amaram, mysterios de luxo e opulencia entre o trabalho agreste e privações.

ESPELHOS DA VIDA

I

É sempre estranha e nova a alegria de vêrmos o nosso pensamento confirmado por aquelles em cuja auctoridade confiamos. Será pois perdoavel, — pelo menos assim me apraz imaginal-o, — que eu, ha muito apologista do romance como fórma d'arte e companheiro educador, registe palavras d'um bello espirito em soccorro da minha opiniáo.

Encontrei-as n'um livro da celebre romancista ingleza, Jane Austen. Dizem assim: « Por vaidade, ignorancia ou moda, os nossos inimigos são quasi tão numerosos como os nossos leitores : e, emquanto os prestigios do 900.º abreviador da *Historia d'Inglaterra* ou os do cavalheiro que reune e publíca doze versos de Milton,

de Pope, de Prior, com um trecho do *Spectator* e um capitulo de Sterne, são exaltados por mil pennas, parece haver o cuidado quasi geral de contestar a importancia do romancista e depreciar-lhe o trabalho, em resumo, desprezar obras que só se recommendam por invenção, espirito e gosto ». O romance « é sómente uma obra na qual as mais bellas faculdades do espirito se prodigalisam, e que offerece ao mundo, n'uma linguagem escolhida, a mais completa sciencia da natureza humana, a mais feliz imagem das suas variedades, as mais vivas effusões d'espirito e humorismo ».

Os gregos crearam no theatro monumentos sublimes, emparelhando com as esculpturas do Parthenon, que chegaram até aos nossos dias sem perderem um atomo do prodigioso poder de impressão. Em pequenas cidades, arrebanhado todo o povo na estreiteza d'um valle, bastava-lhes o proscenio para virem juntos contemplar as paixões humanas, assim como em dias ordinarios a palestra dava alimento bastante á chamma do espirito. A transmissão escripta era difficil, quasi inutil, para quem a toda a hora se avistava, e de momento, a um grito de guerra ou de prazer, corria a juntar-se no ágora. Mas essa raça querida

do espirito, que, atravez de vicissitudes infinitas, deu á civilisação europeia moldes incorruptiveis, amou o theatro; pôz ahi tão pura e elevada expressão que a posteridade, ao fim de longos seculos, continua a admiral-a com espanto, incapaz d'encontrar melhor.

Hoje, dispersas as habitações e povoado o mundo, circulando o pensamento em torrentes creadas pela invenção da imprensa, o theatro, sem ter perdido a mais pequena parcella de valor, é insufficiente. Ao casal isolado no campo e na montanha, ou afogado, em não menor isolamento, entre multidões desconhecidas, são necessarias novas fórmas d'arte, para erguer no remanso domestico o espelho da vida, visto que por impossibilidade material o povo já não consegue verificar, reunido no amphitheatro, o movimento da propria alma e o eterno combate das paixões.

A uma revolução politica correspondeu uma revolução litteraria; áquella liberdade individual, que constituiu uma cidade independente entre os muros do lar de cada familia, a esta especie de pulverisação da cidade, corresponde a pulverisação da arte, o punhado de barro substituindo o marmore colossal, o livro encerrando o discurso, o romance reproduzindo o theatro e

alargando-o em mais vasto scenario e mais complexo enredo.

Por isso o romance se me afigura não só espelho da alma, onde de continuo póde mirar-se e corrigir-se, cultivando a belleza e extirpando ruindades, mas ainda a fórma d'arte democratica por excellencia, levando á choupana com tranquillas horas de salutar recolhimento o espectaculo da vida, algum tempo privilegio do theatro.

II

Toda a litteratura muito impropriamente chamada de imaginação, poesia, drama, romance, é dos meus prazeres favoritos. Não desprezo o conhecimento das cousas, a observação scientifica, a descoberta das leis da materia e da vida physiologica, a relação dos mundos que se movem no espaço; têem, além de utilidade e poesia, encantos magicos, subtil e poderosa força d'attracção. Mas de todas as cousas cognosciveis, a mais vasta e captivante é certamente a alma humana; e esta revela-se nas relações dos homens com a natureza e entre si, essencia e base do romance e do drama, e na contemplação dos ceus e

anceio por uma existencia divina, desprendimento terreno e purificação da alma, que são poesia.

Acontece-me, porém, ouvir frequentemente que essa litteratura tão apetecida do meu espirito desmoralisa, preverte, accordando desejos de realisação impossivel, a induzir-nos em caminhos impraticaveis, mentindo quando occulta crueis e inevitaveis realidades, transportando-nos a alturas, das quaes só ha regresso em dolorosas quedas.

Entre affirmações petulantes, cathegoricas, e tendencias accentuadas e dominadoras do meu temperamento, desconfio, hesito; chego em breves momentos a convencer-me de que, em semelhantes leituras e consequentes cogitações, deixo evaporar uma existencia esteril, — talvez fecunda, se a consagrasse á realidade, phantasma altivo e perseguidor de todo o devaneio.

Tento ás vezes esclarecer o problema; procuro orientar-me nas opiniões alheias, de que por acaso ou deliberada investigação posso ter conhecimento. Onde quer que encontre elementos para decidir este caso de consciencia, sempre páro attento. Foi assim, ha pouco, lendo e relendo notas d'um critico desconhecido de Walter Scott.

Diziam assim :

« Um erro fundamental é a ideia de ser o romance em certo modo uma brincadeira com a vida, ficção, convencionalismo, uma cousa sobreposta. Nenhuma critica genuina jámais se alcançará, emquanto não tivermos attingido que o romance está, não na parte externa da vida, mas absolutamente no seu centro. O centro da existencia de todo o homem é um sonho. Morte, doença, loucura, são accidentes meramente materiaes, como a entorse ou a dôr de dentes. O facto d'estas forças brutaes cercarem sempre e muitas vezes tomarem a cidadéla, não prova que ellas sejam a cidadéla. O orgulho do realismo (applicando o que os expositores chamam o seu escalpelo) é cortar no coração da vida ; mas fará uma incisão muito superficial, se unicamente penetra até aos habitos, calamidades e peccados. Mais profunda do que isto, está a propria visão do homem ».

Adeante accrescentava, ainda no mesmo pensamento :

« O romance é, como a tragedia ou a farça, um estado da alma, e por qualquer razão obscura ou elementar, que nunca podemos comprehender, esse estado da alma é evocado em nós pela vista de certos logares ou contemplação de certas

crises humanas, por uma corrente, passando sob a ponte de madeira, ou por um homem, cravando a navalha ou a espada em duro madeiro ».

Fiquei pensando se este desconhecido me teria dito, em resumidas palavras, toda a verdade.

São maus os romances e a poesia por serem um sonho? Mas o centro de qualquer existencia humana é sempre um sonho. O advogado, revolvendo leis, commentadores de causas celebres e processos rendosos; o medico, esmerando-se com os clientes ricos, depois de ter experimentado nos hospitaes as enfermidades da indigencia; o commerciante, esgravatando na conta do freguez e na do fornecedor, a vêr se, com deligencia, dos residuos d'uma e outra junta boa medida de dinheiro; o mendigo, esmolando dez réis para ir á taberna aquecer a imaginação e o corpo; o politico, afreimado na conquista de popularidade e poderio; — todos esses e muitos mais prophetas orgulhosos da realidade vivem unicamente o seu sonho, o seu romance.

Sómente, o sonho é differente em cada um. Mutuamente, entre si, julgam pervertidos, fóra da realidade, os que não sonham iguaes sonhos. No fundo, todos vivem para

o romance, procurando e amando os logares, espectaculos, palavras e acções humanas que concordam com esse « estado d'alma » e o inflamam.

O problema moral da litteratura de imaginação está, pois, não em a evitarmos, mas em procurarmos alimentar no coração um estado d'alma que nos dê paz e virtude. Assim recebido no lar, será companheiro precioso, definindo sentimentos que nos vagueavam no intimo, sem alcançarem traduzir-se em palavras, instigando pelo conselho e pela visão a subirmos de continuo a uma existencia mais alta.

O ELOENDRO

Pelos jardins, unicamente pelos jardins, sob a tutela e generosidade do homem, entregue ás suas mãos, recusando a vida livre á lei da natureza, habita uma pequena arvore florindo no estio, á hora em que a terra parece reduzida a cinza pelo sol no zenith e toda a vegetação soffre uma pauza, e se defende apenas da morte, sem aventurar renovos, deixando cahir e disseminar pelo vento as sementes amadurecidas. Essa arvore enfeita-se de flores côr de rosa, abundantes, aos feixes, tendo nas côres doçura sem egual, suavidade que é sonho d'um paraiso de volupia. Quando tudo em volta desfallece abrazado, ella ostenta prodigamente continua vibração de côres mimosas, tão tenras em meio da vastidão ressequida e pulverulenta que nos

deixa no espirito suspeitas de apparições magicas, porventura traição, a tentar-nos com mundos estranhos, inaccessiveis.

E todavia essa arvore, assim tão affastada das irmãs, sósinha nos jardins, é tambem filha da nossa terra, nasceu e vive ao sul da Europa, nas margens do Mediterraneo, na Asia meridional e pela Africa do norte.

O povo chama-lhe o eloendro. Baptisando-a, confessou-lhe culto e adoração, porque o povo só concede nome ás flores que ama; as outras, as multidões dos jardins luxuosos, flores exoticas vindas de terras ignoradas, não têem nome entre a gente simples, naturalmente porque nada souberam dizer á sua alma. Não se juntaram ainda ás festas e amores, para alcançarem ser lembradas pelos labios populares.

Dizem os botanicos que o eloendro, trazido da Grecia pelos romanos, é tanto mais verde quanto mais luminoso e quente é o clima; e accrescentam, — ameaça terrivel! — que possue veneno violento, espalhado nas flores, nas folhas e ramos mais tenros.

Esta arvore, pois, que innunda de rosada luz a atmosphera em fogo, parecendo rir com meiguice das tentativas vãs do incendio

estival, salvando immune a graça entre as chammas, tem amores occultos e ardentes, apetece a luz e o calor, em cujas fornalhas segrega venenos poderosos, emquanto pela calma nos adormece sob as caricias de mansidão.

Mysterio !

Mas aquelles que sabem contemplal-a com amor paciente, descobrindo-lhe a historia, perdoam-lhe amores e venenos. Contam os sabios que, n'uma epoca geologica anterior á apparição do homem sobre a terra, a vegetação do sul da Europa era de natureza essencialmente tropical. A flora e a fauna paleontologicas, convenientemente examinadas, admittem e justificam esta hypothese.

Ora, d'esse naufragio d'um mundo vegetal, que as profundas modificações climatericas da Europa produziram, alguns raros sobreviventes, resistindo ao resfriamento progressivo do clima, chegaram até nossos dias. É d'este numero a palmeira anã, a alfarrobeira, a romanzeira, a figueira, e o eloendro.

Assim, conhecendo-lhe o passado, vejo a flôr do eloendro, sonhando no esplendor a margem dos rios tepidos e caudalosos, onde viveu entre vegetações luxuriantes. Já não lhe quero mal pelo veneno, fabricado

contra o poder dos monstros, menos felizes do que ella, ha muito sepultados, para não mais reviverem, no escuro seio da terra. Peregrino salvo d'um faustuoso imperio anniquilado, vem perdido na frieza dos vales, soltando cantos de frescura, a que os ermos calcinados e os gelos não sabem responder; e leva no peito, ultima arma, o veneno, inutil já agora que, protectores e inimigos, todos dormem o somno da morte.

O MILAGRE DAS ROSAS

Nos braços longos, espinhosos, a roseira apertou todo o hemispherio boreal em circulo de belleza doce e perfumada. Foi do Japão e do Extremo Oriente á Europa occidental, e, reapparecendo na America do Norte, fecha a peregrinação á volta do mundo, d'um mundo particular que ella elegeu, a egual distancia dos gelos infecundos e da sensualidade do equador. Espraiou-se na terra das grandes civilisações; a todas viu, por todas foi amada; recusou o torpôr venenoso dos tropicos; não quiz affastar-se dos logares onde o orvalho suavisa o ardor do dia e as noites longas repousam dos fulgores estivaes. Aborreceu as côres brilhantes, cobriu-as sempre de casto véu; soube na opulencia das petalas ser profunda, sem perder

suavidade. Porventura nos calices, que cobriu sumptuosamente, occultou mundos de grandeza sem crueldade e dôr. Toda a altivez lhe repugna.

Sómente por isso prendeu sempre a alma humana. A Biblia cantou-a; cantaram-n'a os livros santos; como a cantaram os amantes, os sabios e os guerreiros. No seu altar ajoelhou, durante infinitos seculos, a humanidade. O seu dominio é eterno: não se sabe quando e onde começou, nem se concebe que jámais se extinga.

O milagre da sua vida é a ingenuidade incorruptivel sem austeridade, a graça, cedendo á fraqueza sem se manchar. Nenhuma flor se submetteu mais facilmente ao capricho dos homens; alliaram-n'a a especies estranhas, em promiscuidade indecifravel; transformaram-lhe as côres e fórmas; da singeleza tiraram monstros. Tudo acceitou graciosamente; nenhum sacrificio ao desvario, á perversão e á vaidade recusou. Mas n'este assedio á belleza salvou, sem um instante de desfallecimento, com poder indomavel, frescura, moderação, perfume, suavidade. Assim, no throno seguro, póde ouvir blasphemias, ser involvida pelo ruido das paixões. Passa incolume sobre a impureza, salva invariavelmente de toda a offensa; no abandono

ou no culto, sobre rochedos estereis ou em jardins, entre grandes ou entre humildes, leva no peito sua alma divina. As gerações passadas escutaram-lhe a voz com delicia religiosa; os vindouros hão de aspirar a ouvil-a; assim como nós a procuramos para lenitivo do soffrimento. E o seu milagre, o milage da suavidade, hade realisar-se eternamente, desabrochando-lhe do seio, como um bem do Senhor, trazido á terra pelos anjos.

OS PEQUENINOS

Já ouvi que era erro preferir os livros pequeninos. Diziam-me : — « E' curioso que a litteratura seja a unica cousa para a qual o volume se considere defeito ; só n'esta fórma da arte, a mais delicada e importante, os homens reclamam brevidade. Ser portatil é, para o livro, merecimento. Porquê ? A abundancia, a riqueza, foram sempre, em todas as artes, signal de superioriedade. As pyramides do Egypto e a Venus de Milo seriam mais bellas se se podessem trazer na algibeira ? Não : pelo contrario, perderiam parte do valor. A verdade é que o volume constitue um elemento de apreço na litteratura, assim como na architectura, na esculptura, ou na manteiga e nos sapatos, nas simples commodidades da vida. Se a qualidade é

boa, quanto maior porção, melhor. Lembrou-se alguem de julgar o campo menos bello por o vêr recamado de flôres n'uma extensão infinita, o céu menos captivante por muito povoado d'estrellas? Perdeu-se a magestade do mar na vastidão? Havemos d'estimar menos um livro por conter grande somma de pensamento exarada em largos in-fólios? Sempre se reputou prova d'applauso em litteratura lamentar que a obra fosse breve ».

Embora! Não me convenço. Sou pelos pequeninos. Em arte, as figurinhas de Tanagra valem a Victoria de Samothracia; a flôr e a arvore são irmãos gemeos, d'egual tamanho e formosura; a montanha e o outeiro sobem no espirito humano ao mesmo nivel; a fonte ergue da timida obscuridade canções tão bellas como os córos retumbantes da onda. As *Georgicas* valem a *Eneida;* o *Inferno* amesquinha as *Mil e uma noites.* E o Evangelho, o livro dos livros, cabe nas pregas do mais singelo manto.

Com uma só differença: os grandes tingem-se de laivos de soberba, os pequeninos seduzem pela humildade. A magnitude póde ser, e é, grandeza, magestade, força, expansão absorvente; mas opprime, domina, calca. Só a pequenez foi ungida

das bençãos do Senhor, eleita como habitação da virtude.

Ha um sabor de intimidade nas cousas pequeninas que luxo algum póde compensar; como quem falla baixo e diz segredos insinuantes, consoladores, temendo, corrompidos, perder-lhes todo o perfume, se o vulgo os affronta irreverente. A ostentação, ainda a ostentação de sadia belleza e força salutar, involve quebra de pudor.

Para serem companheiros do coração, os livros hão-de occultar-se, como tudo o que é amado do coração; irão comnosco, unidos ao corpo, sem que olhares profanos os insultem com escarneo ou indifferença. Não ha primores de forma, perfeição physica, deslumbramento dos olhos, invocação de prazer sensual, que compensem o recato da alma amiga, aconselhando na angustia, enxugando lagrimas, infundindo a paz, no desprendimento das cousas do mundo.

Por isso, eu quero aos livros bons e pequeninos, como ás violetas do meu jardim.

VIOLETAS

Cantada pelos poetas, os amantes pediram-lhe o perfume, para dizer o que os labios não traduzem. Diffundiu-se por choupanas e palacios, ermidas e jardins sumptuosos, pela solidão e pela cidade. Ao fim, depois de atravessar tumultos e paixões, abençoando todo o peito alguma vez anceiado por um fremito brando de candura, reapparece intacta, senhora de todo o poder de virtude, derramando pureza, serenidade e mansidão, soltando a voz timida e ao mesmo tempo penetrante, que eleva aos mundos da graça. Parece supplicar, e captiva. Implorando, na obscuridade que habita e jámais abandona, ordena, infundindo-nos a sua alma.

Ama a luz attenuada das encostas sombrias, o regato apertado entre as collinas,

a protecção do roble nodoso; quer contemplar o firmamento, timida, sem lhe abrir o peito, que entregue a todo o ardor seria abrazado. Para desferir o canto, espera o céu coberto das primeiras nuvens do outomno; o azul do estio deslumbra-a, fere-a. Emquanto o advinhou na atmosphera, dormiu, occulta na terra, o somno de mysteriosa abstinencia. Porventura odeia fulgores, impetuosidade dardejante do sol a prumo; sentiu-lhes talvez a crueldade, e chorou-a na escuridão em que se acoita; ou no lethargo amou o ascetismo.

« Ave! Flôr da humildade! Cheia de graça, o Senhor está comtigo, o Senhor que nos dá a paz; és bemdita entre as flôres; bemdito é o fructo do teu seio, teu casto perfume e doce côr, tristeza indulgente, virtude sem orgulho, singéla isenção de passageiros brilhos. Roga a Deus por nós, na vida e na morte; santifica-nos, concede-nos o espirito de que és na terra fiel mensageiro. Escudo do coração, defende-o de ambições más, da vaidade e do odio. Affeiçôa-nos á tua imagem; dá-nos com a tua alma a vida eterna, a vida do eterno amor. »

2.ª PARTE

POR MONTES E ARRAIAES

MEZ DE MARIA

Entrei por acaso ha pouco na capella de aldeia, onde se celebrava o mez de Maria. Era á tarde, á hora do crepusculo, quando a natureza nos parece penetrada da mais intima melancolia. Dentro, o povo canta em tom plangente, ajoelhado aos pés da Virgem, entre flores esmaltadas de raras luzes, involtas em nuvens de puro incenso. Voltou do campo; tem na physionomia expressão de sorridente tranquillidade, contentamento de haver terminado a fadiga d'aquelle dia e se encontrar na adoração das cousas a que a sua alma consagra tanto amor. Cá fóra, as andorinhas voam, junto ao beiral, abraçando os ninhos sob as grandes azas luzentes. O povo e a natureza unem-se no mesmo culto, na glorificação da vida e

da serenidade. Affasta-se a paixão e a dôr; o universo é uno, glorioso e augusto.

Se me perguntam o que pensa esta gente de quanto sente e faz, creio firmemente que a sua consciencia n'aquelle momento mal tolera sombra de raciocinio. Está alli, feliz, não porque admire a imagem ou as flores, dê maior valia ás predicas e orações que o sacerdote lhe leu, mas por uma vága attracção, por impulso instinctivo. Prazer ingenuo, prazer em toda a pureza, isento da depravação do raciocinio, em que toda a sensação se attenua!

Pois bem! Direi ainda: — o povo pratica d'esta forma a mais sublimada religião; na inconsciencia, eleva-se ao mais transcendente amor.

A extraordinaria propagação do culto de Maria — é de todo o paiz ou, pelo menos, de todo o norte do paiz, — tem realmente qualquer cousa superior a caprichos de beaterio ou instigações ecclesiasticas. A *sciencia,* desconfiando, logo tratou de procurar, a seu modo, explicação e respectiva theoria; e d'essa diligencia voltou triumphantemente — a seu modo tambem. Li ou sonhei, mas por certo não o sonhei, que o culto do mez de Maria era, como em regra as demais

festas da Egreja, tradição pagã adaptada ao christianismo, culto naturalista do rejuvenescimento que a primavera importa, associado á imagem de Maria, cheia de graça; era a fuzão n'um symbolo unico da graça do espirito e do viço do mundo organico.

Simplesmente acontece á sciencia escapar-lhe o que aos olhos do poeta e do illuminado é a realidade palpavel. O amor da terra, n'este mez tão cheio de captivantes graças, significa pura e unicamente um modo de ser sublime do amor que o Christo ensinou e é vida eterna.

O maior vulto da egreja do occidente, S. Francisco d'Assis, comprehendeu-o e definiu-o em palavras, que constituiram monumentos do pensamento humano.

Como Christo, no jardim das Oliveiras, S. Francisco teve tambem um momento em que porventura sentiu saudades da terra. Vendo chegada a sua hora, tambem disse: « affasta de mim este calice, se é possivel ». Foi em S. Damião, onde passou os mezes de julho a setembro de 1225, no penultimo anno da sua vida. Consumido pela doença, quasi inteiramente cégo, elle que da alegria fizéra um dever, *gaudentes in Domino:* « Ah! se os irmãos soubessem tudo o que eu soffro, dizia, de que piedade e compaixão seriam penetrados! »

Como Christo venceu a tentação e triumphou contra a tristeza. Por esse tempo, completamente senhor da sua alma, restituido pelo Espirito ao amor, soltou o *Cantico do sol* onde se encerra a mais alta poesia, a mais religiosa emoção que do peito humano póde desprender-se. Louvado seja o Senhor pelo sol « que dá a luz », pela lua e pelas estrellas « claras, preciosas e bellas », pelo ar e pela nuvem, pela agua « humilde, preciosa e casta », pelo fogo « alegre, corajoso e bello », pela terra que nos sustenta !

Mais tarde, agonisante, proximo a dormir para sempre, completará o canto destinado a ser eterno, o canto da humanidade no que ella tem de mais elevado. Fundindo n'uma só alma a terra e o céo, accrescentará : « Louvado seja o Senhor pelos que perdoam por vosso amor e soffrem enfermidades e attribulações ; felizes os que perseverarem na paz, pois serão coroados pelo Altissimo. Louvado seja o Senhor pela nossa irmã, a morte corporal a que nenhum homem póde escapar ; desgraçados dos que morrem em peccado mortal, felizes os que se encontrarem conformes com a vossa santa vontade porque a segunda morte não lhes fará mal algum. »

A vida está n'este cantico, a vida inteira. O mundo do amor é só um. Aquelle que souber amar o sol e a luz, saberá tambem amar a morte e perdoar, entrará na communhão do amor que não conhece limites, tudo acceitando porque se consubstancia com a natureza.

Quero pois vêr no culto do mez de Maria um passo, — infimo, sem duvida, mas todavia um passo, — para superiores destinos. N'este casto amor da natureza vae já um inicio de desprendimento do pesado involucro que é propria carne, um vôo para as regiões de pura luz.

A ASCENÇÃO

Ainda não havia exposições de rosas, nem mercados de flores, nem vendedeiras de ramalhetes para o peito, já a primavera, festa da natureza, resurreição de vida e belleza, era celebrada na egreja com uma chuva de rosas desfolhadas e o canto das aves.

Pelas aldeias, seria avareza ou mesquinhez recusar as córadas messes dos jardins para o templo, ás vezes bem pobre, n'este dia enfeitado de grinaldas frescas e odoriferas. Do tecto choviam, soltas, pétalas mimosas que nos cercavam e beijavam com o alento perfumado, d'uma suavidade religiosa. Diziam-nos tambem : — « Eu sou a resurreição e a vida » ; e, dizendo-o, inspiravam-nos a resurrreição e a vida, davam-nos esperança e coragem, affastando

o pensamento da fraqueza e da morte, promettendo o perenne resgate de toda a miseria e da pobreza no renovar periodico do viço e da belleza.

Diziam-nos que para a alma humana, como para a natureza, ao inverno frio, agreste e estéril, ao tormento e á dôr, succede a primavera angélica, florida e fragrante, doçura e paz. N'este dia, os olhos turvavam-se de delicias, o corpo embalsamava-se de perfumes; e a alma lavava-se de tristeza e odio. Que não houvesse sombras no coração, como não as havia na terra fecundada pelo sol!

Lembra-me sempre, — e já lá vão mais de vinte annos passados depois d'essa delicia! — que abençoado prazer senti ao entrar uma vez na egreja de Santa Cruz, em Coimbra, em quinta-feira da Ascenção. Do tedio d'uma manhã ociosa de estudante, achei-me transportado a um mundo de gloria e triumpho em que tinha a minha parte. Com as flores adejavam pelo templo frescura e vida; involviam-me, penetravam-me subtilmente, vivificavam-me tambem.

Hoje passei no mercado. Vendiam-se grandes ramos de rosas, crusavam-se os açafates dos compradores. Lembrei-me então, mais uma vez, de quando entrei em Santa Cruz.

D'antes não havia flores no mercado, nem mesmo se vendiam flores. As flores eram dadas, para n'este dia não faltarem na egreja. Era ir lá receber as suas bençãos; para casa bastava trazer a saudade d'uma grande alegria, que voltasse como astro benéfico na sua rotação. Agora, cada um a quer ter em casa; não vae á egreja, deixou isso para a gente rude ou ingenua; quer festejar a primavera no isolamento egoista.

Foi um mal. Se ha na egreja catholica cousa moral e superiormente concebida, é a coincidencia das festas com as grandes épocas da natureza. Hei-de sempre achar melhor, mais bello e expressivo, referir os factos aos santos que aos dias do calendario; porque ha-de sempre dizer mais ao nosso espirito a palavra S. João, o Natal, o Espirito Santo, que o dia 24 de junho, 25 de dezembro, ou determinado dia de maio ou de junho. N'um caso ha uma secca e morta indicação; no outro uma rapida revelação de movimento em que se junta a vida social com o volver da natureza, suas festas ou agonias, sempre com o seu eterno palpitar.

Depois, não é desmoralisador o apartamento da communidade? Não era melhor sentirmos juntos, encerrados nas quatro

paredes da egreja, a que todos tinhamos dado flores e cuidados? Não haveria um acrescimo de intensidade de sentimento? Não sentiriamos mais, muito mais salutarmente, sentindo jnntos? Talvez assim houvesse uma partilha menos desigual das mágoas e da felicidade; todos traziam bens e males, d'uns e outros todos levavam quinhão.

Os tempos, porém, mudaram. Achou-se a egreja ruim, o que ainda póde justificar-se, pensando nos abusos que acoitava; e achou-se que não era linda, o que cousa alguma póde indicar. Para sentir as flores, não é preciso ir á egreja pela Ascenção; vae-se ao mercado em qualquer dia, trazem-se para casa, só para nós! Tambem ha-de haver flores caras e flores baratas, flores de ricos e flores de pobres; até para as cinzas ha luxo, ha nos cemiterios campas rasas, palacios e monumentos caros.

Embora! Não quero mudar; sou pelo passado, contra o meu tempo. Quereria mais flores na egreja n'este dia e muito povo a adoral-as; e que se deixassem os mercados para as cousas que se compram e vendem. Já são tantas, que bem podiamos roubar-lhes este symbolo da graça e candura.

É uma profanação.

Et si vous vous posez au front des violettes —
Aimez la modestie en leur simple beauté.

Diz assim o poeta. Mas não é só se coroares a fronte de violetas que tens de amar a modestia significada na sua belleza. Em todas ellas ha segredos de virtudes, canticos infinitos que tens de ouvir, se de facto as amas, antes de as admirares. Senão, são nada. Não passam d'um instrumento de sensualidade; o mais das vezes nem isso, simples adorno das vaidades.

Levêmol-as antes ao templo. Já não é por nós, é por ellas; já não é para melhor as sentirmos, é porque ellas o merecem, para mais inteiramente as adorarmos.

DA FREITA Á GRALHEIRA

Pelo fim da tarde, o sol sobre o poente, embaraçado em nuvens espessas, que ora deixam á luz gloriosa liberdade, ora a cobrem de cerrados aguaceiros, cheguei ao sopé da montanha. Passára já outeiros e valles, cada vez mais apertados; ha muito vinha subindo na estrada macia, levado vagarosamente pelos cavallos pacientes, astutos na arte de se pouparem; mas só agora sahia dos caminhos suaves e frequentados, para me abeirar dos montes asperos, onde as aguas e as bestas de carga rasgaram com esforço ingremes atalhos.

A escuridade veio em silencio, perturbado apenas pelo tanger de algum campanario perdido na deveza ou pelo breve piar d'avesitas, esvoaçando sobre as ramagens,

em busca de pousada para a noite. Toda a natureza repouzou na mudez olympica, mysterio eterno da montanha, sua benção de eterna paz.

De manhã, continuamos a subir o monte, na vereda alcantilada que conduz aos planaltos humidos da Freita. Dentro em pouco, seguindo pela crista das serras, encontramos um povoado, a Mijarella. Onde as aguas corriam abundantes e em mais largos reconcavos das penedias se poude juntar a terra negra, fez o homem sua morada, — acervo de pedras mal talhadas, á volta da lareira e do forno, coberto de lagedo, abrigando-se ainda este ultimo com grosseiros colmaços, apertados por varas de carvalho que nos cruzamentos unem e se ajustam sob o peso d'uma pedra solta, simulando cravaduras cyclopicas. Ao lado, para os gados, fez-se uma toca quasi igual; entre as duas habitações deixou-se o pateo estreito; e fóra estende-se a eira, tambem de pedra sem argamassa. Os campos estão em redor, tortuosos no limite e mingoados na extensão, não consentindo mais largueza os penhascos, que, surgindo a cada passo, desviam o rego do arado. Aproveitam-se pequeninos retalhos de terra aravel; na vastidão, nas atormentadas ondas de granito que se erguem pela

montanha, não penetra o ferro. Só os gados as conhecem, tozando a carqueja, cuja raiz se insinuou nas fendas apertadas dos rochedos; e transformam-n'a em leite precioso, abundancia do casal.

Mal diviso arvores mesquinhas na ourela do prado ou no cerrado, que o muro defende de incursões damninhas; os rebanhos matam-n'as ao nascer; as neves, o frio e o vento reduzem o porte das raras que sobrevivem á perseguição do inimigo inexoravel.

Em baixo, junto á estrada, ouvi fallar de riquezas e trafego dos bens da terra; senti passar mercadores, vágos zumbidos d'ambição e dólo, astuto e interessado commercio. Aqui, mal se presentem animaes e homens; da proximidade da natureza resulta desconfiança do mundo. O rebanho humano apascenta-se solitario, bravio, timido e espavorido, pondo confiança sómente em segura liberdade e isolamento, fugindo ao contacto de estranhos, que suppõe inimigos; — tal qual os outros rebanhos, os que enfeitam os montes com aloiradas manchas de macia pelagem. Será melhor assim? Ou valerá mais a sensibilidade exaltada pelo atrito da multidão, revelando-nos segredos infinitos e complexos da alma humana? O montanhez,

do alto do seu ninho, lança á cidade olhares de cobiça, advinhando-lhe gózos sem fim ; mas os martyres do desengano, como almas condemnadas, respondem com o anceio da simplicidade, em que descobriram, por transes dolorosos, a ventura. E então o casal tosco e grosseiro surge lá no alto da montanha como flôr da redempção de miseros e culpados, que ambiciosas loucuras precipitaram em agonia.

Prosigamos nos carreiros dilacerados pelas intemperies. Deixemos o pequeno povoado. Dentro em pouco, a solidão é perfeita ; cercam-nos altos castellos de granito, fendido pelos gelos nas luctas seculares da agua e do rochedo. Nenhuma voz humana se ouve já ; o vento mal póde cantar sobre a terra despida, sem rumor das plantas que se curvam ; apenas o regato solta aos musgos, que o apertam, a cristalina voz d'alegria indefessa. Por vezes, juntam-se a aridez e o silencio. Nem lamentos nem verdura ; sobre a terra estende-se o destroço das penedias desfeitas, n'um aspecto de ruina estreme e irreparavel. Alli, a montanha diz-nos todo o segredo, todo o seu infinito amor. Para crear o valle, onde florescem rosas, esboroou-se ferida e triturada pelos gelos ; e as aguas levarem á varzea, diluida nos

caudaes, essa poeira das rochas, leite abundante e são d'uma grande e caridosa mãe. Gerou assim a planicie profunda e fertil, com amor incansavel, mutilando-se, retalhada para lhe dar o sangue do seu sangue, a carne da sua carne. Acceitou a indigencia e nudez esqueletica, asceta da natureza, para as boninas crescerem, nos valles distantes, entre o orvalho dos rios, sobre fundos nateiros. E o peito descarnado ficou de pé, aberto a novos sacrificios, trazidos pelas tormentas do inverno, para que não séque a fonte uberrima de caridade. De guarda á abundancia e paz da planicie e do valle, em vigilias sem fim e lucta agreste, noite e dia véla no ermo a montanha.

A SEMANA SANTA

Quando era creança, passava os dias da Semana Santa e da Paschoa em casa d'uma familia de velhos burguezes. D'esse tempo ficaram-me recordações tão vivas, que nem os annos tempestuosos da mocidade poderam apagal-as, ou sequer attenual-as.

Lembra-me bem do tranquillo recolhimento que me cercava. Vinha quarta-feira de trevas; em casa terminou o bulicio, a gargalhada estrepitosa e o continuo praguejar do velho azafamado, governando a casa. O trabalho corria silencioso e moderado, a conversação pausada e discreta; tudo se envolve em atmosphera de paz, amor e perdão. Sexta-feira santa era dia de lucto; cada um parece sentir o remorso vago das torturas que os homens infligiram a Christo. Depois vinha

a alegria e o riso, luz de alvorada, a Paschoa. Os annos succediam-se; o sentimento não afrouxava. Sempre n'aquella época o espirito d'essa santa gente, como por instincto, pela natural necessidade de repouso, voluntariamente se desprendia das coisas da terra, e, banhado em contricção, meditava o drama do Calvario, intimamente pedindo a Deus para a illuminar na senda do trabalho e da virtude.

Em volta de mim, a toda a hora e a todo o instante, a caminho da egreja ou durante as magras refeições permittidas pela regra catholica, ouvia contar a paixão de Christo. Todos a conheciam; uns de tradição, outros pelo que tinham lido nos livros de orações, outros ainda porque, educados á antiga, senhores da lingua latina, acompanhavam, em velhos cartapacios, as cerimonias da Egreja. Repetiam-se as phrases, narravam-se factos, apontados como regras moraes e leis da vida, justas, dignas de observar-se, essencia e condição da vida.

Por differentes fórmas e vias, todos chegavam ao mesmo termo; a Semana Santa era a rememoração meditada da paixão de Christo. Assim procedia aquella gente, limitando a isto as leituras e o saber-

E eram modestos e bons, sempre com a tranquillidade propria do profundo sentimento do destino, sempre com o sorriso, benevolo e franco, vindo da compaixão pela fraqueza humana.

Entremos agora na casa burgueza do nosso tempo. Perguntemos o que sente e pensa da Semana Santa a gente que a habita. Creio não me enganar, se resumir a resposta n'estas duas palavras — curiosidade e enfado. A egreja frequenta-se da mesma fórma. Vão lá para ostentar o proprio luxo e admirar ou deprimir o luxo extranho; vão para vêr e criticar o bom ou máu gosto dos armadores; vão porque é n'estes dias o logar onde se encontra o maior numero. Os mesmos motivos que em tempos ordinarios dão enchentes ás casas de espectaculos, atulham as egrejas na Semana Santa. Mas, se a uma d'essas raparigas de vinte annos, vestidas tão ricamente, perguntarmos o que significam as cerimonias a que assiste, nenhuma d'ellas saberá dizel-o.

Estes são curiosos. Mas ha tambem os que se enfadam. Já inteiramente desprendidos das coisas da egreja, contentam-se em ficar em casa, roidos de aborrecimento, esperando com anciedade a volta dos dias de folia, maldizendo dos retardatarios que

ainda mantém decrepitas instituições e absurdos costumes. E vivem torturados, inquietos, agitados por invejas, ambições infelizes, odios e vinganças.

Comparo as duas epochas. Sem estereis lamentações do passado, convenço-me de que se pratica grande erro e injustiça passando a Semana Santa ao ról dos milhares de frivolidades.

É injustiça. Seja qual for o modo pelo qual consideremos Christo, ou lhe concedamos attributos de natureza divina, conforme as tradições da Egreja Catholica, ou o julguemos simplesmente homem, conforme o ensino da philosophia e da historia, é certo que o seu vulto nos apparece como o maior da humanidade. Nenhum nos revelou maior numero de verdades eternas; nenhum as confirmou com mais heroico exemplo; nenhum, finalmente, deu as bases de mais poderosas e duradouras instituições. Ora uma civilisação que divinisa desde o mais perverso artista até ao mais rematado pedante da sciencia, época de centenarios, cortejos civicos, pantheons, estatuas e arcos triumphaes, não faria muito se em cada anno concedesse breves dias á meditação da vida d'aquelle que, sem oiro nem aço, venceu maiores combates e nos deu maior

riqueza — a paz da consciencia, — que todos os heroes do mundo.

É um erro. Sendo a doutrina christã o maior balsamo e unico remedio para as dôres humanas, e sendo o nosso tempo agitado por innumeros desvarios, que só podem terminar com a profunda revolução dos sentimentos, pelos quaes guiamos e apreciamos a existencia, é erro desviar-n'os d'aquillo que nos conduz á tranquillidade e á paz.

SENHORA DA NAZARETH

Com a Senhora da Nazareth começam para Aveiro as romarias do outomno. Menos antiga e fallada do que outras famosas pelos annos, milagres e concorrencia, — S. Paio da Torreira, Senhora das Areias, Senhora das Dôres, Senhora da Saude, — a Senhora da Nazareth é mais recatada e egualmente pittoresca. A capella é pequena; o local lindissimo, á beira da ria, abrigado pelo pinhal, que se estende na pequena duna. Não chega alli o açoite dos ventos do norte, unico flagello da paysagem magnifica; livres da sua inclemencia, podemos contemplar repousados as aguas entre salinas e juncaes, a casaria da cidade marcada pelas torres das egrejas e pelas cupulas d'azulejo, rutilantes no sol do poente, e, ao longe, o azul das serras tapetadas de pinheiraes, aldeias e

campos verdejantes. Ao prazer dos sentidos, penetrados de tanta suavidade, e á doçura evolando-se da paysagem, junta-se o deleite do espirito, lançado na meditação perante o espectaculo da vida. Quanta alma, quanta fadiga, quanto amor e trabalho, n'aquella cidade que advinhamos tumultuosa, nas montanhas involtas em silencio austero e nas aguas rumorosas, emballando o somno e cuidados do pescador! Por momentos, esquecemos o bulicio ambiente, para nos deixarmos n'este scismar.

A hora, porém, é d'alegria; os romeiros cantam e riem, agrupados em volta de merendas; ou dansam ao som da viola e descantes de languida tristeza, propria do povo. Á capella afluem orações e esmolas, que as imagens santas recebem em meio da profusão de lantejoulas, sedas, plumas, barbara amalgama de coisas brilhantes e vivas côres. O povo ama-as assim; paga-lhes d'este modo tributo de veneração e da fortuna que na vida lhe teem dado, quando na angustia ou na esperança as invocou em espirito e lhes pediu auxilio. Não se prenda o vulgar com qualquer aspereza que acaso possa haver para os sentidos educados em mais subida esthetica; attente bem na alma involta na grosseria; por certo, se curvará

commovido deante da fé singela que alli se ostenta, agora e sempre, fundo incorruptivel da humanidade, sua força intima e fecunda. Por muito que a philosophia e a razão tentem dominar, o homem será arrastado pelo sentimento; ainda mesmo onde julgue levar-se pela sciencia, obedecerá á crença.

Folga o povo no arraial; na capella dá graças a Deus pelos beneficios recebidos. É a occasião propria para o fazer; os campos estão desertos, recolhido o pão nas velhas arcas, enfeitados os casaes dispersos com bastas mêdas de palha. Agora, lavrador e gados, irmãos na fatalidade da existencia, associados na mesma lucta, em que o auxilio é reciproco, esperam os frios do inverno, assegurado o sustento na fartura do celleiro.

Eis a razão intima das romarias do outomno; tivemos na primavera festas do rejuvenescimento, festas da alegria e esperança; tivémos no S. João o culto da natureza em pleno ardor; temos agora no outomno o culto do trabalho consumado e retribuido na abundancia. É tempo de repouso e acção de graças. Recebam os deuses e a natureza mãe, prodigos de fructos, o poetico testemunho de união que as orações do povo significam!

S. JOÃO

— Não é um santo muito milagroso, mas ainda serve de muito! Serve de muito!

Assim me dizia do S. João um homem pratico em romarias, que as frequentou com assiduidade parente d'obrigação.

E traduzi no meu pensamento: — Não é santo muito milagroso, que nos valha em horas dolorosas; não é santo para curar de males ou livrar de afflicções; mas serve de muito, protege amores, ouve confissões d'amantes, dá-lhes momentos de expansão e liberdade.

E' o mais pagão de todos os santos; é o que mais se occupa das cousas da terra. Todos personificam uma força, um poder do mundo; nenhum como este a personifica despida de uncção divina, isenta de

aspirações celestes. E' d'uma brutalidade bacchica.

Sol alto, noites breves! Assim como a natureza marca n'esta epoca o auge da luz, o corpo humano parece significar correspondentemente o auge da propria exaltação. A alma adormece, soffre um instante de lethargo; a intensidade da vibração pagã atemorisa-a, confunde-a. Logo resuscitará, quando fôr passada esta onda. Agora, está vencida pelas ephemeras energias animaes, e por uma atmosphera adversa. Porque a alma apetece fraqueza e mortificação, revela-se na dôr; e então, quando baixa ou se escurece a luz do sol contingente e incerta, a outra luz, a luz do espirito, desponta serena e eterna.

Fogueiras e cantares são companheiros symbolicos do S. João. Nenhum vê tão altas e crepitantes chammas; nenhum ouve tantas e tão maliciosas trovas; nenhum se rodeia de mais buliçosas danças. Tem muitas capellas, mas muito poucos templos. O seu templo é sob a aboboda celeste, recamado de estrellas, orvalhado docemente pelas madrugadas. O outro, o templo de granito, de paredes altas e luz attenuada, não lhe convém; é refugio do mundo, e elle não quer

refugiar-se do mundo; adora-o, sente-o propicio.

Desfolham-se as ultimas flores da primavera; amadurecem os fructos. A vida terrena consumou a existencia de amor e fecundação. D'aqui em deante, a decadencia inicia uma nova vida. Amanhã cae o fructo por terra; o vento dispersa as sementes amadurecidas; o estio queima a planta murcha ao findar a sua obra; estão desertos os ninhos; calou-se o rouxinol. Depois virão as sombras do outomno; novas vidas hão-de surgir entre ellas. Mas agora... victoria! A natureza triumphou. Curvemo-nos tambem, saudando o seu triumpho.

Curvemo-nos perante elle; o corpo tem os seus direitos. Não porque o meu coração exija que me associe á festa. Sou dos fracos e timidos; os meus deuses não podem ser os da força e do ardor. Mas é necessario, é justo, quando não é tambem caridoso, dar logar á alegria alheia, deixar, sem murmurios de aversão, os desordenados folguedos da ingenua animalidade, embora o nosso temperamento a regeite.

Elles ahi vão, rapazes e raparigas, turbulentos, grosseiros, provocadores, brutalmente sensuaes, nas palavras, nos gestos

e gritos! Deixae-os passar; é a sua hora. Não os turvemos com maldições; não as merecem. A natureza é sempre virtuosa e sã, porque é sincera. Se nos opprimem, offereçamos ao triumpho a propria oppressão. Seja a nossa offerenda de respeito, já que não podemos ou sabemos, porque a nossa alma emudece, cantar nos córos da gloria.

Consola-nos segura esperança. A nossa benção não tarda.

Para quem observa o movimento das estações e o palpitar da terra, mal passa o S. João, germinam sementes que hão de florir no outomno, despontam renovos, annunciando a segunda primavera. E' uma lei fatal, quasi independente da humidade atmospherica. No apogeu do sol houve uma instantanea paralysação da vida. Mas logo começa uma outra vida.

Façamos como a natureza nos ensina. Ouçamos serenos os cantares do S. João; e, se não nos inflamamos nas labaredas das fogueiras, esperemos a renascença d'essa outra vida, vida do coração, amando o outomno, a luz branda, suavidade, e aborrecendo impetos brutaes e ardor cruel.

NAS SOLIDÕES ALEMTEJANAS

Pobre Alemtejo!... Não lhe valeu a vastidão dos campos e charnecas mysteriosas, como o mar; não lhe valeu o attrahente caracter das villas e cidades, acoitando-se pelos outeiros, espreitando timidas sobre a planicie, fugindo ao vento inclemente, ora abrazado, ora gélido, a varrer a terra, aqui pulverulenta, acolá resumando eternas aguas; não lhe valeram os monumentos que se erguem, marcando seculos, luctas e victorias, incendiando a imaginação com espectaculos do passado!... Nada d'isto lhe valeu! O Alemtejo será terra de degredo e esterilidade; como as serranias transmontanas e as montanhas beirenses, logar de excommunhão que evitam com pavor os funccionarios do estado, emigrantes, homens ricos, e até

simples viajeiros, jornadando, para seu prazer.

Todavia, quanta injustiça n'este modo de ver, que affastamento d'uma sã penetração das bellezas do nosso paiz, que desvairamento dos sentidos e do espirito !

Quando passei em Lisboa, a caminho do Alemtejo, encontrei mais do que um amigo, ao qual communicava o destino da minha jornada. Uns sorriram bondosos da extravagancia; outros ingenuamente me perguntaram que interesses me levavam a essas terras, lamentando desde logo tão arduas fadigas. Ninguem, nem uma pessoa, me disse : — Vá. Ha de ver bellas cidades e paysagens magnificas, dignas de ser admiradas. Temiam por mim as hospedarias, o desconforto, e principalmente, espectro de desolação, o enfado das longas horas atravez das gandaras desertas. — E' horroroso ! . . . horroroso ! . . . diziam em voz abafada, como recordando pezadelos opprimentes.

Ora eu, atravessando essas terras, fiquei com a impressão de se lhes poder discutir a fertilidade, os termos economicos d'aproveitamento, typos de propriedade, systemas de cultura mais adequados; mas de modo algum soffre discussão a belleza, nem da paysagem nem das cidades.

Primeiro, a paysagem.

Não ha senão dois grandes aspectos da natureza: — a planicie e a montanha, a vastidão incerta e vaga, e a serenidade magestosa, triumphante de todas as batalhas. Tudo o mais se resolve em accidentes de duas grandes modalidades, combinações infinitas em infinitas proporções.

A steppe e o mar são espectaculos absolutamente identicos. Um economista eminente, Frederico Le Play, aproximou-os, comparando-os, conjugando-os na mesma classificação, por motivos de ordem economica — um com os seus peixes e algas, o outro com as suas pastagens, ambos baldios immensos de abundante e espontanea producção.

Mas nem só ahi a aproximação é exacta. Na planicie, como no mar, a vida externa e a revelação da alma, o espectaculo para os olhos e a impressão para o espirito, são fundamentalmente identicos; a mesma indecisão de linhas, os mesmos cambiantes de luz, as mesmas ondas, ou das aguas ou das hervas, sob o vento correndo célere e livre; as aves perdem-se na vastidão sem limites; aqui e além signaes de vida extranha, de luctadores ousados, ou na arvore ou na véla; sempre mysterio, impenetrabilidade dos horisontes

fugidios, confundindo céu e terra, na mesma nuvem.

Ora o Alemtejo é a nossa grande steppe. Se temos almas de poetas para admirar o oceano e a planura, por certo ha-de haver quem admire a paysagem do Alemtejo. Tudo está em a sabermos comprehender, partindo de que a paysagem é uma revelação das forças da natureza, não simples manifestação da vida social, base do criterio ordinario. A frequencia das aldeias e a intensidade da cultura constituem, o mais das vezes, os titulos pelos quaes um logar é chamado bello ou feio. A vida propria da terra, fóra da collaboração humana, raro se attende.

Por isso se diz feio o Alemtejo. Cantanos, na verdade, uma soberba epopea de vida ingrata, deslumbrantes triumphos de luz, extaticos e crueis amores do sol. Mas não lhe pedem isso as boas almas vulgares.

Depois, as cidades.

Primeiro, entendamo-nos, o que é uma cidade bella?

Será um agglomerado de palacios e jardins, ligados por alamedas largas e bem arborisadas? Será caudaloso movimento, entre armazens de mercadorias, confusão babylonica e estrepitosa de gentes, animaes e coisas informes? Tudo isso

póde ser interessante, comprehender retalhos de belleza. Concedo mesmo que seja significativo e nos revele parte da vida social. Mas nada d'isso é caracteristico.

A primeira condição de belleza está na harmonia, unidade de vibração, talvez convergencia de movimento, deixando no espirito impressão completa, n'este sentido, — em que os objectos palpaveis revelam a mesma vida interior, nitida, clara, definida.

Assim, só as pequenas cidades se podem dizer bellas. As grandes agglomerações destroem a unidade, e consequentemente todo o caracter. Onde encontraremos vida mais bem caracterisada que a das cidades do Alemtejo? Onde o abandono, por certo nefasto para a vida economica, foi tão propicio á belleza?

Evora, com monumentos romanos, portaes em ogiva, torres, arcadas gothicas d'egrejas, paços das escolas e bairros novos, agrupados em torno das reliquias, entre as quaes se abriga ainda toda a intensidade de circulação, é um quadro completo. Lê-se nas pedras e ruas o passado, a genealogia da familia, feitos e grandezas dos maiores; e no presente, riqueza a alastrar e crescer, segurança que permitte a habitação longe das armas e cas-

tellos. São desnecessarias palavras; a alma advinha-se.

Beja, porém, guarda melhor ainda a physionomia bem desenhada. Deixa na lembrança a impressão d'um castello formidavel, dominando a planicie e protegendo a cidade, pequena, de ruas estreitas e ingremes, onde se traduz o temor dos ardores do estio. Se em Evora ficaram bem gravados os passos da vida historica, larga e abundante, em Beja assignalam-se as relações com a natureza circumvisinha. Sente-se a anciedade de sombra e abrigo; toda a cidade parece viver d'este sentimento.

Perolas perdidas, condemnadas a trocar-se em breve por coisas feias e commodas, a que chamam civilisação!

DEVANEIOS

Manhã de névoa, pardacenta, humida, calada! Brizas inquietas e sussurrantes, gorgeios d'avès, vozes do trabalho áfoitando o jugo! Tudo dorme na madrugada preguiçosa e tardia. Foi hontem dia de festa na aldeia. Talvez por isso o somno se alonga, no cansaço do serão ruidoso, das digestóes pesadas, vinhos abundantes e viandas bem adubadas de cravo, de louro, pimenta, perfumes aperitivos e oleos saborosos.

Pela estrada fóra, ermo e solidão! Na neblina que os valles apertam, sobre os regatos, e os pinhaes prendem, nas pontas esguias, movem-se naiades perdidas, errantes, dores, agonias, escravos da mudez, espargindo silencio pela terra.

Rolando vertiginosamente atravez de fórmas incertas e fugazes, na atmosphera suave e fresca, umas vezes sinto a escuridão, entre o arvoredo espesso, outras a rapida sensação de frio agudo, correndo sobre as aguas do rio; aqui uma esperança de desoppressão, na charneca despovoada e alta, além suspeitas d'um turbilhão de vidas, ao dominar os largos valles, onde habitam sombras gigantescas; e sempre, rolando sem repouso, busco loucamente um termo inacessivel.

Lá em cima, ao fim da estrada ingreme, onde a ladeira é mais extensa, parei um momento para descansar, sentado sobre uma lagea estreita, alli esquecida á beira do caminho.

Olhei em volta de mim. Da montanha descia um fio d'agua, polindo os seixos brancos, azues e rosados, que, no fundo, brilhavam como marmores finos. A subir pela terra, rasgada das correntes caudaes do inverno, estendiam-se musgos veludosos, d'uma riqueza sombria e grave, em tintas modestas, ora verdes, ora doiradas, tecidas delicadamente, pelas fadas beneficas que trabalham dia e noite, ao sol do estio e nas tempestades de dezembro. Mais além, reclinavam-se sobre a agua, insaciaveis, fetos frondosos, expandindo-se

com nobreza sevéra. Em cima, o tapete das frageis urzes côr de rosa, a perder-se entre rigidos e asperos troncos de pinheiros.

Onde ia eu correndo assim? Não estava alli, em dois palmos de terra, um mundo infinito de belleza, vida e saber? Talvez mesmo um mundo moral, profundo e sabio, nas existencias inconscientes, soffredoras sem lamentos, a crescer sem inquietação e morrendo a restituir á terra generosamente as suas riquezas, depois de a terem louvado e glorificado com esplendores do viço?

Vim descendo triste. Porventura, a minha jornada n'aquella hora e em todo o passado, a minha e a dos homens do meu tempo, correndo entre névoas, sem norte sabido e em aspiração desordenada, era desvairamento e peccado. Insensatez!... A vida inteira está sempre em volta de nós; ao nosso alcance temos sempre quanto nos é dado sentir e possuir. Peccado!... Vamos correndo e deixamos ao lado da estrada, sem os agradecermos, sem mesmo os vermos, infinitos bens prodigalisados pela natureza. A suprema sabedoria e virtude consubstanciam-se n'uma só alma. Estavam alli, nos musgos humildes, cumprindo quedos o seu destino

na terra. Era só imital-os, para sermos bons como elles; era só vivermos tambem para um espaço infinitamente pequeno, dando-lhe todo o ser, desinteressadamente.

Horas depois, lia em Tourgueneff: — « Para o homem que reflecte, não ha deserto ». Não o ha, não o póde haver, desde o dominio consciente da perfeita communhão com a natureza. Então, onde elle está, está ella tambem, a plenitude da vida na perfeita unidade. E não ha, deserto, porque nos acompanha sempre a companheira da qual somos parte minima imperceptivel.

Continuando, li ainda: — « Katia vinha sentar-se muitas vezes n'um grande banco de pedra... Cercada de sombra e frescura, lia, trabalhava, ou entregava-se á sensação doce e lenta d'um socego profundo, sensação que cada um deve conhecer e cujo encanto consiste na observação silenciosa, quasi machinal, da poderosa onda da vida que se expande continuamente em volta de nós e em nós ».

Em volta de nós e em nós — os limites da vida confundem-se. De facto, não existem; a vida é uma só. A civilisação procura erradamente differencial-a; d'essa grande onda, destroe dentro de nós a fonte de gozo puro, anniquila a parte mais

sã da nossa existencia. O famoso amor da natureza, celebrado pelos poetas, escarnecido pelos espiritos fortes de vaidade e descrença, bem póde ser, por fim, a mais elementar condição de saúde physica e moral. Deixar de o sentir é depravação doentia, talvez inicio de loucura, sem duvida vertiginoso caminho de inquietação e infortunio.

Assim o meu tempo o comprehendesse! Se podésse parar na carreira em que o leva a ganancia e a sensualidade, encontraria momentos de repouso superiores a todos esses bens freneticamente procurados em meio de tantas dores. Mas, pobre desvairado, corre, deixando a felicidade á beira do caminho. A felicidade não chega, porque a despreza e a desconhece; a amargura mortifica-o, e teme a morte, que ameaça e córta todas as vãs esperanças.

RIGORES

O inverno prolonga-se. Aos dias frigidos, d'um vento leste cortante, succede agora o norte gelado, manhãs de neve a queimar os pastos, apertando os ramos em botão, que tentam orvalhar de verdura o arvoredo despido. As horas doces foram raras durante o inverno, e deixam-n'o terminar sem pressa de se mostrarem. De longe em longe, veio uma tarde calma, um poente tépido e tranquillo; mas foi a ave peregrina, passou ligeiro, batendo as azas, a fugir de terras inhospitas, recusando-lhe agasalho.

O corpo e o espirito estão fatigados de repressão e soffrimento. A paciencia dos primeiros dias, a paciencia com que se sentiram e acceitaram cousas antecipadamente julgadas inevitaveis, é substituida

pela anciedade de repouso e suavidade. Intimamente murmuramos supplicas, vagas orações a deuses desconhecidos, cuja clemencia imploramos. Talvez mesmo tenhamos sentido breves revoltas contra a oppressão injusta, a consciencia d'um castigo immerecido. Mas as divindades não se commovem, os rigores não abrandam; nem supplicas humildes nem gritos de insubmissão conseguem desviar da carreira os astros impassiveis. A expiação, — talvez uma expiação da vaidade e ambição que nos corróem! — ha-de consummar-se, sem a mais leve fraqueza do algoz.

Não praguejemos. Por ventura a inconsciencia, representando-se-nos ferocidade indomavel, encerra lição soberana, fecunda, consoladora disciplina do espirito, que alarga o coração. Nos rigores da natureza fortalecemo-nos para os rigores da vida moral. Deve ser assim; é espelho de virtude esse que Deus nos envia em tantos seres, conformados com a adversidade, em mudez sublime; é a provação do corpo, para nos avigorar a alma. Ensina-nos a repetir a palavra « paciencia ». Repetindo-a, derramam-se-nos no peito filtros redemptores, conformidade e resignação.

Um poeta, depois de muito ter soffrido, exclamou : — *La bonne souffrance !*

Tinha razão. É bom soffrer. Não é isso mesmo que nos diz toda a natureza, reprimida pelo gelo, esperando a hora de resurgir em flores ? No silencio escuro, distilla perfumes, d'aqui a pouco espalhados nos ares, prodigamente.

Sejamos como ella ! Na mortificação creemos indulgencia, doçura, desprendimento, para perfumar tambem os agrestes caminhos da existencia.

CANÇÕES DO INVERNO

Creio ter na minha vida um peccado de que poucos poderão absolver-me : — visitar o Bussaco no inverno, no rigor do inverno. E' quasi escandaloso ; deveria talvez, prudentemente, occultal-o. Como porém peccado confessado é meio perdoado, quero ser perdoado.

Não contesto a lei ; contesto a immoralidade. Faltei á lei estabelecida ; é certo. Não posso conceder que tivesse praticado um crime.

O Bussaco, é sabido, deve visitar-se no estio, com muito pó, muito calor, muita azafama nas estações do caminho de ferro e os maiores incommodos. Sem isto, parece não prestar. Ir descançadamente n'uma carruagem, sem encontrar parceiro, apeiar-nos na estação deserta, sem pregoeiros,

sem cocheiros, sem corretores dos hoteis, sem a perseguição de pedintes e mercadores, entrar na casa erma, tendo á escolha innumeros aposentos, sentar-nos á meza em que uma creada silenciosa só de nós cuida e não nos faz esperar pela cosinha fresca, só para nós preparada, tudo isto é, no conceito vulgar, grande mal a que devemos ter aversão e que, — ponto essencial! — no caso muito particular de visitarmos o Bussaco, parece destruir a paysagem.

Portanto, o Bussaco só convenientemente poderá visitar-se no verão; sómente n'essa epocha poderemos encontrar todas as mortificações do corpo e do espirito, proprias para converter em paraiso a sombra das arvores e o murmurio das fontes.

Tal é o singelo e logico raciocinio, ao qual conduz o facto, averiguado e sabido, da completa ausencia de visitantes n'aquelles sitios durante o inverno.

Porventura tem razão, se considerarmos a feição do espirito da maior parte dos peregrinos usuaes, dos que se enthusiasmam pelo Bussaco e o procuram, segundo creio, levados por impressões absolutamente sensuaes. O que lhes faz parecer d'uma belleza unica o arvoredo e os recessos humidos e tapetados é o refri-

gerio do corpo ardido em vida febril, castigado por um trabalho inquieto, excessivo, sem trégua, extenuante. O sentimento de restauração de forças physicas e beneficio corporal transporta-os e inflama-os em desejos e saudades, isentos os olhos descuidados da pura admiração da natureza. Essa radicalmente lhes fugiu; o amor da natureza só no seu contacto e contemplação, conhecendo e participando da sua vida, póde alcançar-se; não pódem portanto têl-o aquelles cuja existencia se limita entre estereis muros de pedra polida, montanhas de papel e arvores de lona, pregada nos caixilhos dos bastidores de theatro, tudo bem espargido com a especie particular de sentimento, que reduz esta vida a simples negocio de avidez de bens e satisfação do corpo.

D'outro modo, o Bussaco, as praias, serras e aldeias, seriam tão visitados no inverno como no estio, na primavera e no outomno. Se se trata d'uma questão de hygiene, concordarei com todas as pretensões da medicina. Se se trata do repouso e educação do espirito, direi que os aspectos da natureza são em todas as epocas igual e infinitamente bellos.

Talvez mais significativos de vida no inverno! Talvez este movimento de lucta e resistencia aos astros adversos seja mais

fecundo e rico que ess'outro tempo durante o qual, sol alto, a vida da terra só tem a erguer-se á luz. O combate vale talvez mais que o triumpho; o esforço é superior a uma coroação magnificente. O guerreiro é maior na armadura do que nas sedas flacidas e brocados reluzentes dos dias de gala; os troncos nús, mal protegidos de musgos prateados, elevando-se como lanças, n'um desafio heroico á neve e ao vento gelado das longas e tardias madrugadas, não dizem menos, não cantam menos commovedoras canções do que os pampanos acariciados de brizas temperadas e vivificantes, banhados de orvalhos cristallinos e sol benigno, ebrios de pujança. Depois, no inverno, que poema de caridade em toda a natureza! As arvores, como castellos, protegem aldeias humildes, obscuras. Pela terra rastejam os pequeninos, em timida graça, os fetos e a pervenca; lá no cimo, pelejam ramagens altas e espessas, para junto a seus pés lhes darem guarida.

E ficamo-nos a escutar as canções do sublimado amor d'esses gigantes, na dorida consciencia da nossa avara fraqueza, das loucuras do egoismo, e na saudade d'uma abnegação da qual, — triste destino! — para sempre perdemos a ingenuidade.

QUADROS DO ESTIO

As ceifeiras desciam o monte pelo carreiro tortuoso e ingreme, trazendo da eira, estendida no alto, aberta ao vento e ao sol, pannaes da palha dos milhos ceifados nas terras temporãs, já debulhados e recolhidos. Vinham derreadas, sob o peso da massa enorme, oscillante, desconjunctando os rins no equilibrio incerto, cravando os pés negros e descalços na poeira do atalho, onde os seixos polidos e firmes, incrustados na argila calcinada, lhes davam apoio. A ladeira era quasi a prumo. Nem os gados podiam trepar lá acima. Mas para aproveitar, — eram tão pobres ! — foram semeiar no cerro agreste, enchada ao hombro, no braço um cestito com o punhado de sementes. Agora recolhem á aldeia a magra colheita. As moças foram adeante,

ligeiras e ageis, braços erguidos, levando nas teigas o feijão alvo, entre milho louro e miudo. Descem devagarinho os velhos, cautelosos e tremulos, carregando as palhas.

Pela beira do campo, vem peixeiras da praia affastada. Trazem o pescado das redes lançadas sob as estrellas da noite, calada e quêda. Os barcos recolheram na madrugada humida e fresca; e ellas ha muitas horas correm a apregoar pelas villas e a regatear, real a real, a sardinha que as mulheres compram á porta, mirando-as com suspeita, ao estendel-as no prato luzidio, tirado n'aquelle instante das prateleiras da cosinha. As peixeiras pedem, ameaçam, choram e juram; ao fim, contam o pouco cobre, a um canto, em cima dos fetos que cobriram a canastra, cortados no pinhal, quando lá passaram. Com elle comprarão a brôa para os pequenitos; ficaram em casa guardados pela avó.

Meio dia! Sob o céu velado, na calmaria sombria e morna, dormem os campos, vastos, infinitos, onde os milharaes se expandem, a sorver as aguas dos nateiros do inverno, caridosos e ricos.

Horas de descanso! Alli á sombra d'um salgueiro, proximo da ponte escalavrada, sobre a valla, coberta de nenuphares nas

aguas baixas e immoveis, aquella mulher que vinha pela linha férrea, o filho ao cólo e açafate á cabeça, poisa o açafate e o filho; tira para fóra o caldo e o pão, esperando o marido, que além sáe da officina, a bluza azul denegrida do fumo, do ferro, do carvão e oleos com que cuidadoso alimenta as machinas insaciaveis e vorazes, como loucos, errando sem destino, debatendo-se em furia.

De repente, no silencio timidamente interrompido pelas aves que murmuram queixumes ou cantam amores, reboa um silvo agudo, crescente e confuso! Em breve, a gare deserta, n'um bater de ferros estridulo, infernal, accorda espavorida, ao parar da machina fumegante e humida, arrastando as carruagens empoeiradas, em que se destacam lettras de bronze e crystaes polidos.

Um pregoeiro gritou: — Cinco minutos de demora!

De dentro, pela escada estreita, descem homens impertinentes, hirtos, desdenhosos, de galões amarellos semeiados pela góla do casaco e do bonnet, trocando entre si palavras breves e olhando os relogios. E desceram tambem outros, muito poucos, que passeiam na gare compassadamente, — fastio ou reflexão? — silenciosos, bem

trajados na alvura das suas camisas, nos sapatos esmerados e roupas flacidas, macias, cingindo-se ao corpo em moleza voluptuosa.

A um signal, recolhem todos ás carruagens. Da primeira, a que ia adeante, repleta de pannos e coxins, desfila para a outra, arejada e fresca, o cortejo de gentes emplumadas e petulantes, mulheres com o rosto involto em véus ligeiros, homens risonhos ou graves, triumphantes, dominadores, orgulhosos da riqueza e dos regalos. Já se sentam ás mezas eriçadas de linhos brancos, sem mancha, estrelladas de vinho e crystaes. As carruagens deslizam de mansinho. Um homem gordo, de lunetas d'oiro e collete branco, bem barbeada a face trigueira, rapidamente desdobra o guardanapo com que cobre o peito, e, impaciente, n'uma gula raivosa, despedaça um pão sobre o qual estende pedaços de manteiga, deliciosamente rescendente.

E os campos ficaram dormindo no silencio e na paz; e os ceifeiros sobem outra vez ao monte, n'uma fadiga resignada, a recolher as palhas que os gados hão-de apetecer com balidos imploradores, pela invernia escura, quando as aguas cobrirem a pastagem.

Tambem um dia, — lembra-me agora! — vi um quadro celebre em que das profundezas do porão d'um navio, na floresta de mastros cobrindo o mar, um homem negro e andrajoso vinha subindo curvado, semi-esmagado sob um fardo enorme. Em baixo, os irmãos revolviam blocos do carvão, confundidos todos n'um mesmo negrume. Ao longe, brilhavam palacios, torres de marmore; e perdiam-se estatuas em jardins mimosos.

NO ETERNO TEMPLO

Two Voices are there; one is of the Sea,
One of the mountains: each a mighty Voice.

WORDSWORTH.

Ha duas grandes vozes; uma é do mar, a outra da montanha; ambas poderosas.

A natureza quiz ter os seus templos. Não se contentou com a veneração da graça disseminada pela terra inteira; recolheu-a, concentrou-a em logares privilegiados, onde, sendo mais completa e magestosa a revelação, mais commovido e humilde seja o culto. Creou o mar e a montanha, a torrente e a arvore, o valle e a campina; como a ave que, embora lançando na atmosphera um vôo vertiginoso, de espaço a espaço poisa e quéda para cantar ou nos mostrar a pureza das fórmas, assim a natureza, embora involvendo o homem e a terra, permanente-

mente, em contacto ininterrompido, com innumeraveis graças e indomaveis energias, aqui e além pára e, n'uma pausa, levanta o sanctuario, para nos dizer palavras solemnes e exigir adoração plena.

Edificou dois grandes templos: ergueu na montanha o templo da força, da firmeza, da aspiração estoica, resignada e serena, peito exposto á ameaça, ao rigor, á crueldade do vento; na campina e no mar consagrou a vastidão infinita, imagem d'uma quietação sem limites, caindo sobre todas as ondas, abrandando a anciedade, promettendo a paz divina, sob o céu sem vento e sem nuvens e sobre a terra de que toda a aspereza desappareceu, para se converter na superficie unida e rasa das aguas mansas.

Entre a montanha e o mar, entre os dois grandes templos consagrados ás divindades supremas, quantas ermidas e egrejas, quantos logares de oração, offerecidos ao culto das divindades menores, das innumeras almas em que a sua alma se traduz! Na arvore, no rochedo, na flôr e no rio, quantas vozes differentes, contando-nos cousas ineffaveis das existencias mudas que nos cercam, inspirando, pela revelação de heroismos e soffrimentos, caridade e sacrificio, doçura e pureza, florescendo

pela terra sem aspirações de louvor e esperanças de premio!

A nós, os homens, a melhor sorte que a fortuna nos póde conceder, não é levantar templos mesquinhos, á semelhança da nossa fraqueza e mesquinhez; é orar nos grandes templos que a natureza levantou na estrada da nossa peregrinação. Ahi meditaremos; e, sem desvendarmos os infinitos mysterios ambientes, é já uma benção sentil-os, adoral-os, abandonarmos o coração, n'um impulso de inteira conformidade, ao immenso palpitar. Então n'esse culto e humildade, sentiremos a vida grande e infinito o amor; sentiremos uma alma heroica de abnegação, infiltrando-se no universo, desde as estrellas, que se consomem espargindo luz, até ao musgo suavemente doirado, na mais recondita cavidade dos rochedos. E, sentindo-a, ha-de correr-nos no sangue um balsamo em que a miseria terrena se afunda e toda a dôr se resgata.

EM JORNADA

As *Cartas Peninsulares* de Oliveira Martins desmentem a má fama dos caminhos de ferro, como instrumento de vêr o mundo. Essas paysagens do valle do Tejo e da Beira, de que nos falla com tão viva percepção e bello poder de as reproduzir em palavras singelas e breves, passaram-lhe pelos olhos sómente n'uma corrida, talvez a razão de cincoenta kilometros por hora. Todavia, viu-as e sentiu-as.

E' que em todas estas cousas de vêr e comprehender temos a contar, não só com o movimento dos objectos mas tambem com a sensibilidade de quem por elles passa. A mais lenta jornada é incapaz de accordar os nervos adormecidos ou obtusos; e um simples lampejo póde descobrir infinitas vidas ao espirito attento, vibratil, ávido de sensações.

Apezar d'esta circumstancia não me convenço de que os caminhos de ferro deixaram de ser o modo menos intelligente de viajar, o que menos concede aos olhos e ao pensamento. Não; creio ainda que elles, como todos os demais transportes rapidos, foram devastadores de boas e poderosas impressões, salutares, educadoras. Quero só dizer e admittir que ainda assim podem aproveitar a quem possuir uma sensibilidade delicada.

Tudo isto eu pensava ha pouco, rolando aturdidamente por essas terras além, sacudido pela vertigem d'uma machina a vapor, cuspindo fumo negro e soltando a voz asperrima sobre a primavera candida e fulgente, caridoso remate d'um inverno cruel.

Quantos segredos me foram murmurados por imagens passageiras, quanta belleza me acariciou a vista e o peito, quantas almas de paz e riso, e tortura e sombra, passaram deante de mim!

A' beira do Mondego, junto aos campos onde as aguas baixaram e as hervagens já vestem a terra, vem o pastor com o docil rebanho unido, longa fita escura sob uma nuvem de pó, no caminho estreito. Vem lá dos valles abrigados, das encostas suaves, a que se acolheu dos rigores do inverno; desce á planicie, promettendo

agora abundancia prodiga. Na sua vida vae um poema de sujeição aos astros e suas leis, de ingenua conformidade com o volver das estações. Vejo-os caminhar, ao pastor e ao rebanho, com oppressão indefinida e vaga, talvez saudade d'um paraizo que a consciencia advinha e sabe ter perdido.

Pela estrada adeante florescem giestas brancas, humildes, baixas, pequeninas. Viéram desgarradas a estes campos humidos. A sua patria é nas montanhas, entre granitos enxutos e aridos. A esta hora cobrem-n'os de aljofares; rolaram até aqui trazidas nos temporaes e na corrente, como farrapos d'um grande manto que o vento rasgou.

Adeante está o palacio escalavrado, jardins abandonados, ruas de murta, tanques rotos, recamados d'hervas paludosas, bancos de pedra vestidos de musgo, roxas olaias chorando purpurinas lagrimas sobre as ruinas e o mysterioso passado. Ouviram decerto confissões d'amor, viram folguedos, mocidade e risos, enfeitaram riquezas; foram testemunhas de festas magnificas; nas ruas desertas, que os silvados conquistam, debalde esperam o regresso do senhor, rico, orgulhoso e nobre, que alli dominou outr'ora.

Depois, entre montes aridos, no valle, junto ao ribeiro caudaloso, canta a azenha ensombrada dos carvalhos, mal aloirados de pallidos renovos que se abrem á luz, e brincam creanças, cujos paes mourejam — vidas humanas estreitas, como os logares que habitam, e, como elles, silenciosas. Mal sabem que se encerra alli a suprema sabedoria! Mal sabem quantos tormentos vão além dos montes, nos campos revoltos, batidos dos temporaes, e nas brancas cidades, que ao longe brilham ao sol!

De repente, encontro-me cercado pela invasão de gente fina na carruagem, entre uma multidão de mantas, correias e fivéllas. Trazem muitos jornaes. Sentam-se gravemente, a lêl-os com soffreguidão.

— Bravo! exclamou o mais moço.

— O que é? responde um outro, pachorrentamente, olhando por cima da luneta.

— Temos o *Trovador* no Colyseu. Lá estou caido. E' muito bom. Póde-se fumar!

Fumar ou não fumar, eis a questão! pensei comigo. Grande criterio da arte da vida.

Adormeci.

Fui accordar proximo da cidade. Momentos depois, na rua via uma dama vestida de luto, de muitos crépes, em

carruagem que seguia lentamente, tirada por dois enormes cavallos, com os creados trajados de negro. Ao dar a volta, uma pequena réstea de sol ousou beijar aquella funebre magestade. Mas a dama resistiu, abrindo a sombrinha, que era tambem toda de crepes. Nem ao sol quiz permittir que tocasse a mágoa, senão coando-se pelo luto fabricado em teares e vendido ao metro.

MANHÃS DE PRIMAVERA

A primavera repete-nos n'este instante o seu poema de doçura e prodigalidade. As flores tapetam os atalhos, espreitam-nos e acompanham-nos pelas planicies e encostas, transpondo valados, baloiçando-se nos comoros, surgindo humidas dos ribeiros, onde perpetuamente banham os pequeninos pés e bebem a vida em crystallinas aguas. Passa nos ares uma onda infinita de fórmas, perfumes e cores, turbilhão que nos embriaga e suffoca ; a existencia do individuo, como ser independente e livre, perde-se n'esta torrente, dilue-se. O corpo e a alma são nada, apenas tenuissima parcella, e imperceptivel, da corrente impetuosa ; e, mais singular, sentimos com delicia o proprio anniquilamento, entregamo-nos sem resistencia á oppressão,

apetecemol-a com anciedade, como se conjunctamente encerrasse supremo prazer e suprema destruição. Porventura, temos vaga consciencia de nos engrandecermos, confundindo-nos no movimento creador, e de nos purificarmos, abdicando do sonho vão da existencia activamente dominadora, do sonho d'imperio e reino sobre a terra.

Talvez não!... Talvez seja antes repouso, vida facil sob carinhos de deuses beneficos! Talvez ainda a certeza de ser esta opulencia nuvem fugidia, voltando breve as luctas que restituem a consciencia de encerrarmos uma força em combate, a bater-se contra o mundo adverso, pugnando pela vida ameaçada dos astros inclementes!

No abatimento anesthesico em que a primavera voluptuosamente nos prostrou, conservamos recordação indelevel do passado, entrevemos, como sombra leve, fadigas do futuro. Não esquecemos quanto ella foi lenta em se desprender da treva tempestuosa e do vento frigido, devastador; o proprio viço nos lembra a fragilidade ephemera. No renovo ungido de seivas odoriferas, que se abre ao sol, lemos involuntariamente a triste predestinação; nos laivos dourados vem já a pallidez do outomno, logo sentimos perpassar a briza

agreste, restituindo á terra a folha arrancada da haste, a essa mesma terra que a gerou e a renovará em vidas infinitas.

Seja porém qual fôr o mysterio da seducção, louvemol-a; porque é incerto se é amor, se é crime, querer desvendal-o. Livremo-nos da heresia, orando submissos. Seja a nossa voz sómente um murmurio de gratidão!

ORVALHOS

Vae frio o outomno. O estio cessou rapidamente, n'um dia escuro de chuva abundante, cerrado, como as manhãs de dezembro. Alagaram-se os campos, a agua penetrou a poeira avida; depois, quando o sol reappareceu, sopraram sobre a terra as brizas do norte, arrefecendo-a. N'uma instantanea mutação, os astros deram-nos, com o refrigerio do corpo, fatigado dos continuos ardores estivaes, a alegria do espectaculo novo, em que os brilhos crystallinos dos ramos gottejando substituiram penetrantes reflexos de luz na atmosphera abrazada.

Todavia, embora simule uma embuscada este repentino apparecimento, o outomno veio ha muito, doce, suave, timido e bello. Antes de nos proteger, caindo prodiga-

mente como redempção, em chuvas generosas e beneficas, veio de mansinho, pela sombra dos vallados e pela beira dos regatos, em orvalhos preguiçosos, quedando-se até tarde no arvoredo e nas hervagens, lentos a subir ao céu e a obedecer ao sol que começou a baixar.

Só a leviandade dos olhos nos faz imaginar que as estações se alongam ou abreviam, cortadas por mudanças subitas. O volver dos astros é invariavel; e invariavel tambem o modo por que a terra lhes responde. Ainda com o sol a prumo, o ar em fogo e as seáras louras, quando toda a existencia se mostra paralysada, já surdamente vem surgindo as plantas que annunciam o outomno. Aqui e além, do meio da poeira, surge a folhinha verde, o rebento, precursor de novas vidas. Á fatalidade do mover dos mundos corresponde a fatalidade do renascer da vida.

Mas por emquanto o céu escalda. Em que puras fontes bebem as ousadas mensageiras? Nos orvalhos distillados durante o escuro silencio da noite, que ao alvorecer vergam a haste da tamargueira e cobrem com um transparente lençol aquoso a graminea humilde, bracejando, de rastos. O sol, no esplendor olympico, assim regula o mysterio. Basta escurecer por uns

breves momentos e a noite prolongar-se um pouco, para se soltarem livres as energias guardadas nas sementes e sobre ellas descerem os bafos humidos do ar velado por ligeira névoa. Brilham então os orvalhos do outomno, doces orvalhos tardos em dissipar-se pela manhã adeante, e voltando cedo, ao escurecer.

Talvez assim seja tambem a vida da nossa alma, perdida no valle de lagrimas! Escrava do sol que a domina, o destino, astro soberano, cumpre a missão, perfazendo o cyclo fatal da sua orbita; e nos ardores do estio, febres de paixão, advinhará tambem limpidos orvalhos, doçuras do outomno, suavidade d'affecto sereno e amor sem macula.

VOZES DO ARVOREDO

Ainda creança, no estio, pela hora da calma, passei com meu pae por baixo da tilia que elle tinha plantado.

— Que boa sombra! disse, ao sentir o refrigerio que o meu corpo recebia com delicia da atmosphera protegida pelo docel de folhagem abundante.

— É muito fresca, respondeu meu pae.

Para mim, estas palavras foram a primeira revelação de uma verdade, cuja vastidão e complexidade hoje reconheço. Não são iguaes as sombras de todas as arvores. A cada qual preside diverso espirito, aspirações diversas, diversos beneficios.

No meio da generosidade infinita da arvore, dando abrigo das intemperies, no casal que com ella construimos, reani-

mando os membros entorpecidos e hirtos pelo frio, defendendo as aguas subterraneas da rapida evaporação e alimentando-as no inverno, em meio de tantos carinhos, não é menor a ternura e graça com que sob vastas frondes nos offerece refugio dos extenuantes ardores do estio. Mas, fazendo-o, quantas vozes differentes nos acolhem !

Umas vezes, a sombra é um balsamo, uncção que nos percorre o corpo, a procurar-lhe feridas e a libertal-o de dores. E' enfermeira, com remedios magicos a restituir a vida, que sentiamos apagar-se e descer n'uma anciedade consumptiva. E' assim o salgueiro e o choupo, a sombra baixa e humida, tão farta de energias fluentes que parece immergir-nos n'um baptismo de vida ondeante. Outras vezes, sentimos na sombra uma mysteriosa severidade, rigores, talvez dureza; ha uma seccura que affasta toda a suavidade. O sobreiro, em todo o poderio dos longos e robustos braços, o loureiro, com a impenetrabilidade da folhagem basta e opaca, não supportam indulgencia para a fraqueza, innoculam-nos um espirito de austeridade.

Michelet, o extraordinario poeta da natureza, com o seu poderoso espirito de interpretação, observa que ha sombras fecundas e sombras estereis. A' sombra do arvoredo

mais espesso cresce innumeras vezes outra floresta de pervencas, de fetos, gramineas, laurestins e musgos, emquanto ao abrigo d'outras arvores a terra se endurece e mirra, infecunda.

Na sombra das arvores vagueiam porventura duas grandes almas : uma absorvente, dominadora, insaciavel, alma rude e apaixonada, que só para sua grandeza combate com a luz e o fogo do ceu, humilhando quanto a cerca ; a outra, creadora, caridosa, chamando em volta de si os timidos e enfermos, os pobres e os fracos, para os libertar e proteger, communicando-lhes seivas doces e opulentas, revestindo-os de matizados trajos, salvando-os do combate com o sol dardejante e o ar leve das alturas, que as aves affrontam sem medo.

ARIDEZ

Prophetas e santos amaram o deserto. Para inteiramente dominar a alma, preferiram a aridez e o ermo á fecundidade povoadora e frondosa; temeram a abundancia, como tentação, fugindo á embriaguez dos sentidos, ás caricias fartas da natureza prodiga. Desprezaram a verde encosta, rutilante e tenra, o valle abrigado que o ribeiro emballa com murmurios e envolve em frescura, trocando tepidos refugios pelo abandono inclemente ao vendaval e á neve; procuraram em regiões de luz ardente a inspiração que succumbia entre affagos allucinantes.

É que o deserto captiva, a aridez tem virtude; e ostentam-n'a em belleza magnifica, forte e serena, instigando, expondo á

lucta, emquanto infundem coragem e exaltam em triumphos do espirito.

Quando, ao pôr do sol, descubro na montanha escalvada, sobre o tapete severo e negro, a mancha branca da pequenina ermida, sinto perpassar a seducção do deserto, combate silencioso do pobre coração em busca da verdade, renunciando á riqueza e bens da terra para se transportar aos ceus de absoluta pureza.

Só a aridez tem luz, coragem, abstinencia, rigor, severidade. Desde que a terra se veste e enfeita, ou de macio e succulento prado, ou d'arvoredo luxuoso e altivo, desde que a rocha crystallina se furtou aos beijos candentes do sol e se acoita nas sombras temperadas onde o musgo a invade, ahi começaram fórmas ondeantes, caprichos de deleite, laços d'amor ephemero. No regato os diamantes desabrocharam em nymphas; respondem-lhes na floresta os cantares das dryades, brincando e rindo na espessura. E o santo fóge, avido de sacrificio e purificação, em anceios d'amor mais alto, desprendendo a alma da bruma onde se afóga e perde.

3.ª PARTE

ALTARES DA MINHA FÉ

O POVO E A PATRIA, ASPIRAÇÕES E CRENÇAS

O MEU OPTIMISMO

CARTA A UM AMIGO

Estranha v. o meu optimismo, quando considero o estado do paiz. Não lhe levo a mal que o estranhe. Quero mesmo conceder-lhe o sorriso dos homens simultaneamente intelligentes e compassivos; o optimismo tem, em toda a circumstancia, leves tintas de ingenuidade, senão mesmo de imbecilidade. Os philosophos que procuram aviltar os homens, não cessam de apontar esse sentimento para o lançar á conta de inferioridade; mas os homens não se emendam, e continuam, graças a Deus, a ser optimistas, alegremente ou imbecilmente, como queira.

Por isso, em these, concordo em julgar ridiculo o optimismo. Ser optimista é desconhecer a triste condição da humanidade, ignorar Schopenhauer, e, sobretudo,

estar muito áquem da civilisação. A civilisação, corrupta nos sentimentos intimos, é exteriormente grave, pausada, séria, e nos melhores dias magestosa, de grandes e largos gestos, tragica mesmo em derradeiro extremo.

Por esta razão, meu amigo, lhe concedo que se ria do meu optimismo; reconheço que não está no pensamento contemporaneo. Mais ridiculo do que á moda, diz algures um escriptor francez, só affastar-nos da moda. E a moda politica é a seriedade sombria.

Agora, já desobrigado de todo o respeito, faça favor de me ouvir mais um instante.

V. estranha o meu optimismo, porque é citadino; eu adopto-o, porque sou provinciano. Entre a cidade e a aldeia houve e haverá sempre dois modos de vêr absolutamente distinctos, em grande parte oppostos, duas concepções da felicidade, da riqueza, do trabalho e dos prazeres, excluindo toda a conciliação.

Ao despertar e abrir a janella, se tem a coragem de a abrir, e no temor das pneumonias não prefere olhar apenas atravez dos vidros, v. encontra a rua escura, como todas as ruas, por onde passa gente pressurosa, desconhecida, parecendo trabalhar

sob um açoite; e a essa mesma hora eu tenho deante de mim campos aljofrados de orvalhos, reflectindo, dispersando a luz, gente tranquilla que vae, enxada ao hombro ou conduzindo o jugo placido, cavar a terra e lançar a semente, para lhe ser pago em pão o suor do rosto.

Sahindo de casa, v. encontra a multidão espavorida, a perguntar-lhe se vem dinheiro, o que dizem os credores, a Havas, os telegrammas; se vendemos as colonias; se ha quem as queira; se empenhamos os caminhos de ferro; e depois outra vez, afflictivamente, em kyries infindos, se vem dinheiro, se vem dinheiro!... E eu, amigo, sahindo de casa encontro lavradores que se alegram ou contrariam (não chegam a entristecer-se) se vem sol ou se vem chuva, esperando resignados os castigos e as prodigalidades do grande banqueiro, a Providencia, que ora desconta a fartura ora a mingua, mas nunca leva juros, nem faz syndicatos, nem rouba, nem intriga, nem discursa.

Venho assim a crer que a natureza é optimista; n'ella, vida e contentamento são synonimos. Os melros e os rouxinoes lamentam-se um dia, quando lhes roubam os filhos; mas, paga essa divida, elles lá vão, azas ao sol, sem mais lamurias, a

crear novos amores e a tecer outro ninho. O pessimismo é molestia da corrupção humana. Procuremos fugir-lhe, aspirando as auras sadias que elle jámais contaminará.

Depois ainda, — deixe-me alongar a justificação, — v. vê a nação, eu vejo o povo; v. vê um organismo politico a dissolver-se, eu vejo uma creação natural, sempre viçosa.

Se pergunta o meu juizo sobre esse organismo politico que tanto o preoccupa, porque está em contacto com o seu cerebro e de perto lhe percebe as desordens, digo com franqueza e rematado pessimismo: — Agonisa.

Agonisa! não pode ser outra a conclusão de quem não fôr surdo nem cego. O circulo aperta-se; os encargos crescem desmedidamente; emquanto elles crescem, revelam-se parallelamente cubiças extranhas. A insolvencia vem lenta, aos pedaços; aos pedaços tambem nos hão de levar a tunica, chamem-se esses pedaços Lourenço Marques, caminhos de ferro, monopolios, ou o que quizerem. É sempre um processo de liquidação de territorio e abdicação da independencia. O meu pessimismo na ordem politica nem sequer admitte a possibilidade de nos salvarmos á

custa de sacrificios, de impostos monstruosos; os encargos são de tal ordem que os sacrificios podiam valer-nos um dia, mas, para nos salvarem, seria necessario mantel-os longos annos, e a tanto não chegam as nossas forças economicas e moraes. Portanto, a nação tem a cova aberta; por suas mãos a abriu.

Mas, meu amigo, quando a nação acabar, ficam ainda cinco milhões de portuguezes, homens sadios e bellos, trabalhadores, sobrios, d'uma maravilhosa organisação moral, amoraveis, resignados, almas de poetas com eternos amores, cantos de sublime saudade que em todo o mundo não teem iguaes. E eu creio n'esse povo, na sua resistencia, na sua grandeza, nos seus destinos. Foi conduzido por maus pastores á escravidão; mas não se perverteu. Aspirações e energia conservam-se intactas, puras.

Ora aqui tem onde vou enxertar o meu optimismo, já agora inabalavel, emquanto não me mostrarem que o povo portuguez é differente do meu juizo e que ainda na escravidão pode haver maior dignidade e grandeza do que n'uma corrompida independencia. Até então, fico-me orgulhoso e contente, a admirar este paiz, sem inveja da grandeza anglo-saxonia ou do dominio

slavo, com imperturbavel crença nos seus destinos. Trabalharia, se alguma cousa valesse, não com a esperança de manter a nação, que pouco promette, mas com a fé de conservar virtudes patrias em que tudo confio.

UMA LIÇÃO SALUTAR

O sr. Ramalho Ortigão tem, por certo, publicado livros que encerrem mais saber e primores litterarios, e revelem critica mais mordente e caustica do que *O culto da arte em Portugal;* mas em nenhuma das suas publicações, em tantos annos de publicista e em tão brilhante e activo trabalho, nos deu um livro, como dizer?... tão bondoso. Não é accusação, posto que apparentemente o pareça; é uma supplica, singelamente baseada em factos, convencendo-nos do erro e conduzindo-nos á emenda; não é anathema, é livro de amor por tanta riqueza perdida, que envolve na sua ruina a melhor parte da alma portugueza.

Atravez do breve inventario da nossa incuria na guarda e conservação dos monumentos nacionaes, atravez da enumeração dos desacatos commettidos por todo o paiz, do Algarve até Bragança, por todas as cidades e aldeias, olhando indifferentes para as ruinas das melhores flôres da arte portugueza, destruindo com rematada imbecilidade nobres reliquias da nossa historia, deixando perder e obliterar as mais bellas tradições, preferindo com deploravel ausencia de bom gosto a réles fancaria estrangeira ás coisas genuinamente nossas, pelas quaes andam dispersos pedaços da alma de nossos avós, que o mais rudimentar sentimento patriotico mandava affagar carinhosamente, n'um culto intimo, constantemente traduzido em factos, na lembrança fiel e reproducção das lições do passado; atravez d'este montão de destroços, o espirito do sr. Ramalho Ortigão não pára, chorando as joias perdidas; revela-nos a verdade, toda a cruel verdade que elles escondem. « Falta-nos a alta noção da solidariedade patriotica », diz-nos; e mais adeante, já proximo a terminar, volvendo os olhos sobre o caminho percorrido, tem esta confissão em que a singeleza da phrase traduz a angustia do sentimento:

« Dissolvido o culto artistico pela negligencia ou pela inepcia de abastardadas classes dirigentes, os fieis debandam por não haver egreja que os reuna, e é já evidente esta enorme catastrophe: que na arte de Portugal faltam corações portuguezes ».

Proclamando tão dolorosa verdade e demonstrando-a, o sr. Ramalho Ortigão dêixa-nos a esperança de renascimento, indicando meio de salvar e guardar o pouco que nos resta da arte portugueza, chamando a nossa attenção, como o tem feito os melhores criticos da arte nacional, para as industrias e viver do povo, unicos elementos onde, por feliz afastamento d'uma errada civilisação, se conservam ainda vivos costumes, tradições e formas, que podem dizer alguma coisa á nossa alma.

A salvação não pode vir de outra fonte. Se me fosse dado aconselhar, diria á mocidade que agora frequenta as escolas e na qual, quero crel-o por honra nossa, ha um generoso e sincero desejo de servir a patria:

— O patriotismo não é uma bandeira desfraldada ao vento, com hymnos desafinados d'uma philarmonica; o patriotismo é qualquer coisa concreta, silenciosa,

traduzida nas tuas palavras e affectos, nos objectos que te cercam, nos amores e festas, no trage e nos habitos.

Quizeste fazer a casa; escolheste para modelo uma amalgama muito feia de pedaços de pedra e retalhos de madeira chamada *chalet*. É feio e é mau; não tem belleza, nem decoração, nem commodidade. E todavia tinhas ao pé da porta um modelo excellente; tinhas ao pé de ti essa casita da Beira, toda de pedra, bem solida, caiada e limpa, baixa, como nos convem, entre o arvoredo e as ramadas, que dão sombra no verão e deixam penetrar o sol de inverno, com a escada e o alpendre estendidos na frente de toda a habitação, onde no estio trabalhas com a tua familia e onde recebes os amigos e clientes ás horas da calma. Viveram assim teus avós. Imitando-os, has de esquecer-te de ti para te fundires em qualquer coisa indefinida, que começou antes de ti e te ha-de sobreviver. A patria está n'isso.

Déste um baile no dia dos teus annos, para beberes pela prolongação da tua vida. Não faziam assim teus avós. As suas festas eram quando na aldeia havia festa tambem; vinham então os visinhos, os parentes e amigos. Bailava-se no palacio; o povo cantava nas ruas juncadas

de funcho. Comprehendes? Uma só alma, as festas não eram para ti; a tua alegria fundia-se na alegria do povo.

Tens um filho; vestistel-o de tecidos caros e flacidos, que o algibebe teu conhecido te vendeu por bom preço. Foi desperdicio e uma falta; gastaste muito e abandonaste aquillo a que devias querer. Com um gabão de briche ou de burel, tecido por mãos portuguezas, tirado das ovelhas conduzidas pelo pastor em terras do teu paiz, o teu filho ficaria egualmente agasalhado; e, quando á tarde passasse pelo pescador que se abriga do vento, sentado junto ao barco, o teu filho confundia-se com o pescador e o pescador com o teu filho; poderias sentir debaixo do mesmo trajo o mesmo coração.

Plantaste o jardim de plantas raras, vindas de muito longe, de terras que não conheces nem amas; soffrem dos frios no inverno, dão-te um triste espectaculo de miseria, no estio ostentam fórmas estranhas, mudas para o teu espirito. Quanto melhor não fôra plantares o carvalho robusto, que não teme os vendavaes tormentosos, ou o fragil salgueiro, que tão graciosamente beija o regato! São as arvores da tua terra, as que abrigaram com a sua sombra teus avós, e lhes deram o lume

crepitante, em frigidos e longos serões. Amem os teus olhos o mesmo quadro que os antepassados amaram.

E muito poderia dizer-te, mas para quê? Quando comprehenderes isto, comprehenderás tudo o mais, adivinharás tudo o que uma vasta bibliotheca não te poderia dizer. Então has-de ter no peito uma luz que não se apaga, luz de amor para illuminar tanta coisa por que agora passas indifferente e inundar de delicias o coração, agora esteril á mingua d'este alento vivificante.

O patriotismo é isto. E' tudo e é pouco: é anniquilação do teu ser n'um sentimento superior e eterno, e é ao mesmo tempo traducção d'esse sentimento em pequeninas coisas da existencia.

E' isto o que significa o livro do sr. Ramalho Ortigão? Se os meus olhos me não illudem, não pode ser outra a sua interpretação. Por isso lhe chamei, e não me arrependo, o mais bondoso dos seus livros; bondoso pelo profundo amor do seu paiz, bondoso ainda pelas horas de paz que encerra, para quem souber comprehendel-o e praticamente realisar-lhe os intuitos.

Felizes de nós, se um dia, sem livros e sem leis, sem regulamentos e coacção,

trouxessemos comnosco, a toda a hora e a todo o instante, n'uma inspiração intima e permanente, aquelle culto da arte! Mas desconfio. São tantos os erros!...

Não importa! A obrigação é lançar á terra a boa semente; os tempos dirão o que será d'ella.

OUTROS TEMPOS

Ha cerca d'um anno andei quarenta léguas em carruagem, por terras desconhecidas. A jornada durou alguns dias, sempre no mesmo carro, com os mesmos cavallos, caminhando vagarosamente, sem me furtar ao repouso necessario. A primavera ia adeantada. Como seguissemos pelas serras da Beira e do Bussaco, o calor começava já a sentir-se fatigante, ameaçador. Sahiamos de madrugada ou á tarde, a horas de vermos o caminho, combinando á vontade o modo de não perdermos espectaculos novos, sem sujeitarmos os cavallos a uma fadiga cruel. Por isso, as seis horas de mais calma durante o dia eram reservadas a abluções, descansos e refeições.

As malas e todos os objectos, que comnosco transportavamos, tinham logar determinado. Ao fim de pouco tempo, a carruagem arrumava-se como uma casa. Era sempre a mesma. Na verdade, transformára-se em domicilio ambulante. As terras mudavam, mas aquillo que mais directamente nos importava, era sempre o mesmo, inalteravel, feito e escolhido a nosso sabor. E que delicia esta jornada, em que servimos regalos de novidade ao espirito, sem sacrificarmos o corpo! Porque, d'outro modo, o corpo, exigente e difficil de convencer em mudança de habitos, quantas vezes nos molesta e prejudica o mais delicioso prazer do espirito!

Depois, estavamos livres da tyrannia dos horarios, das campainhas de gare, moços de restaurantes e hoteis a gritar, espavoridos e insolentes, que: — São horas! Almoçava-se tranquillamente, dobravam-se as *nossas* roupas, as *nossas* toalhas e os *nossos* guardanapos; e descia-se tranquillamente, para entrar na carruagem a vêr as serras, as arvores, costumes novos, palacios musgosos de velhos fidalgos, casaes humildes d'obscuros servos da gleba. A independencia libertava-nos a attenção para observarmos; o gozo crescia em proporção da plenitude.

Lendo ha pouco uma pagina de George Eliot, esses dias vinham-me á memoria, com saudade do que senti, saudade por mim e pelos meus, por todos os que amo. Porque os tempos são outros, e caminham oppressores da liberdade.

Dizia assim o romance inglez que estava lendo :

« De certo, todo o ocio parece actividade comparado a um passeio ao sol, pelos campos fóra, ao voltar da egreja, á tarde, tal qual se fazia em antigos tempos, quando o barco, deslizando sobre a agua do canal, era o mais espantoso meio de locomoção. Os ocios foram-se embora ; partiram com a rocca, os cavallos de tiro, os carros vagarosos e os bofarinheiros, que punham á porta as mercadorias nas tardes de sol. Sabios philosophos dir-vos-ão talvez que o grande trabalho da machina a vapor é procurar descanço á humanidade. Não acrediteis ; não cria senão o vacuo para que o pensamento ardente n'elle se precipite. Agora, até a ociosidade é activa, activa para se divertir, curiosa de comboios de recreio, de museus, de litteratura periodica, de romances commovedores, mesmo de theorias scientificas e de investigações com o auxilio do microscopio. O velho Ocio era pessoa inteira-

mente differente; não lia senão uma innocente gazeta privada de artigos de fundo, e encontra-se ao abrigo d'estas emoções periodicas que nós chamamos a hora do correio. Era um ser contemplativo, de percepções calmas, pouco incommodado pela hypothese, feliz da inaptidão para conhecer as causas das cousas e preferindo as proprias cousas. »

Todos nós, porém, advinhamos a defeza da machina a vapor. Foi quem afinal iniciou toda a revolução social, conduzindo em ultimo resultado a esta vida febril na qual, — synthese profunda! — até os ocios são ainda um modo de actividade inquieta. Pôz tudo barato, trabalho e descanso, penas e regalos. Hoje, custa tanto andar quarenta léguas, como em outro tempo andar quarenta kilometros; os fructos do Brazil custam em Portugal mais baratos do que outr'ora o vinho verde do Minho poderia custar no Algarve.

Sómente, — e esta é a outra face do problema, que porventura prejudica inteiramente a primeira, — pelo facto de pôr tudo barato, não pôz tudo melhor. Hoje é mais facil andar quarenta léguas do que outr'ora quarenta kilometros; mas o prazer d'essas longas e breves jornadas, longas pela extensão e breves pelo espaço

de tempo, é infinitamente inferior ao d'aquellas outras jornadas, tambem breves e longas simultaneamente, longas pelo tempo e breves pela distancia. A somma de fadigas d'uma jornada em caminho de ferro, em algumas horas, é infinitamente superior á d'esse mesmo numero de horas gastas cavalgando pachorrentamente por montes e valles, uma azemola mansa. A fadiga do pó, da trepidação, das correrias e encontrões, de somnos feitos em meio de um ruido de ensurdecer, é esmagadora; por outro lado, a somma das impressões de taes jornadas não vale a d'um simples passeio á beira-mar ou entre o arvoredo, com o corpo repousado e fresco, nas duas horas que precedem a noite.

Sempre é certo que os melhores espiritos protestaram, e vem protestando de continuo, contra a tonta e vã agitação caracteristica das sociedades modernas, transportadas em rebanhos, atordoadas, a despenharem-se á razão de noventa kilometros por hora. Deve haver n'este novo modo de ser das sociedades falta essencial, para assim repugnar a espiritos considerados a gloria da humanidade.

JORNADAS

Segundo li n'um periodico, já houve tempo em que na Inglaterra os comboyos andaram mais ligeiros do que presentemente. Algumas linhas diminuiram a velocidade; sacrificaram-se tres ou quatro kilometros por hora. Não foi por certo commodidade dos viajantes; essa, nem podia modificar-se sensivelmente com tão pequena reducção de velocidade, nem a pedia. Os viajantes pedem que as machinas a vapor tenham azas e os transportem, « mais velozes do que o vento », na phrase do poeta. Se ha comboyos hoje mais lentos do que em outros tempos, o motivo deve ser de ordem technica e economica; ou as linhas se gastavam mais rapidamente do que convinha; ou as machinas dispendiam em deterioração e combustivel mais

do que deviam para o negocio ser proveitoso; ou eram frequentes os perigos de descarrilamento; ou havia qualquer outro motivo que os engenheiros hão-de conhecer e nós, os profanos na arte, não podemos alcançar. Para regalo dos viajantes, com certeza não foi. Esses continuam a suspirar pelos famosos cem kilometros por hora.

Nem todos, diga-se a verdade. Conheço alguem, talvez um precursor ignorado, que já vae preferindo os comboyos chamados mixtos, esses que param em todas as estações, aos correios, que vão com uma anciedade desesperada. Não o faz por motivos de ordem esthetica ou moral; fal-o simplesmente porque n'esses comboyos viaja muito menos gente e assim temos todas e grandes probabilidades de viajarmos com inteira commodidade, quasi sós. Preferiria outros motivos; mas ainda assim consola-me o facto, esperando entretanto que o espirito se modifique.

Eu, pela minha parte, confesso, já fui do partido dos voadores. Se ha vinte annos me perguntassem qual era o melhor comboyo para uma jornada, com certeza respondia: — O mais rapido. Pois n'esse tempo, há vinte annos, tinhamos nós comboyos de mercadorias, transportando ao

mesmo tempo passageiros, comboyos que ficaram celebres. Nem tinham pressa, nem paravam por pouco. Em cada estação davam tempo, no inverno, a que os passageiros se aquecessem n'um largo passeio; no verão, permittiam refrescar o corpo á sombra das arvores. Se o viajante era curioso, podia, em conversação com a mulher que vendia fructas, terminar um inquerito minucioso sobre a villa, — situação, personagens politicos, riqueza e mais condições sociaes. Esses comboyos, que por meu mal desprezei e agora choro, eram afinal uma delicia de pachorra, mansidão e ensino.

Tenho saudades d'elles. Os famosos « rapidos » desenganaram-me das vertigens de velocidade. São, na realidade, uma tortura; em meu entender, hão-de vir tempos de lhes fugirmos como quem treme de visões pavorosas.

Em primeiro logar, todos os procuram. Chega quasi a ser immoralidade, nota de mau gosto e maus costumes, viajar em comboyo que vae lentamente. D'ahi a agglomeração.

Mas o mais curioso é a especie de gente agglomerada. Tudo gente fina! Antigamente, os comboyos tinham tres classes, e cabiam lá simultaneamente pobres e

ricos. Depois appareceram uns comboyos que tinham só primeira e segunda classe. Já eram unicamente para ricos e remediados; os pobres ficavam á espera de transporte menos fidalgo. Por fim vieram os comboyos só com primeira classe e logares de luxo, o que, na qualidade dos viajantes, se traduz em gente fina e superfina, gente por tal modo sensivel que aos plebeus de cajado e alforge nem póde presentil-os nem cheiral-os. Ter de os ver, será talvez um sacrificio.

Ora acontece que a gente fina se distingue nas jornadas pelas volumosissimas bagagens. Se são homens, o caso é menos grave, embora eu saiba de boas caixas de chapeu com logar para quatro chapeus; suppondo que o viajante não vá de cabeça descoberta, deixa-nos muito legitima certeza de haver viajantes com cinco chapeus e uma só cabeça. E' bom; mas onde a hypothese se torna, além de grave, affrontosa, é entre damas. O mais modesto chapeu occupa bem o logar de cinco chapeus de homem, e como, — é claro, — a senhora de gente fina não póde fazer uma pequena jornada com um só chapeu, calcule-se a infinita cauda de bagagens, quando para este leve appendice de fitas, plumas e fivellas, é necessario um espaço

onde cabia á vontade a trouxa d'uma familia, de terceira classe, está bem de vêr.

Viajar com muita gente e muitas bagagens é o primeiro beneficio na delicia de comboyos rapidos.

Em compensação teem a velocidade. Fazem em seis horas o que outros fazem em doze. Regalam-nos de fumo, de poeira, d'uma trepidação que desconjuncta os ossos e d'um ruido atroador; mas vão depressa. Andando depressa, podemos ter a illusão de realisar grandes feitos, salvar o mundo, a patria, a familia, ou, pelo menos, a propria pessoa. E' uma gloria.

Se depois d'isto não se crear uma religião de viajantes sem machinas a vapor, sem carruagens, sem bestas, sem mesmo um simples jumento, descreio da civilisação. A reacção deve ser proporcional á acção. A' tyrannia da demencia de velocidade só vejo força correspondente em despotica demencia de lentidão.

Antecipadamente podemos estar bem certos de que, ou os homens caminhem ligeiros, ou se movam morosamente, o sol não nasce mais tarde nem mais cedo, a terra não se affasta do seu caminho no espaço. Talvez não fizessemos mal em tomar para regra da nossa vida a harmonia paciente e serena, de que o universo nos

dá continuo exemplo. Porventura viriamos a julgar de erradosto dos os motivos de nos apressarmos; a suprema felicidade estaria em vivermos quietos, n'aquelle ninho que a natureza nos destinou, e esperarmos lá os bens infinitos de belleza e riqueza que ella gratuita e generosamente nunca deixa de nos trazer.

Então, em logar de os invejarmos, lamentaremos aquelles que um mau destino condemnou ás fadigas da vida errante.

ENTRE MUNDANOS

Uma folha mundana referia ha pouco que a sobriedade e a temperança estão na ordem do dia: muitos não bebem vinho, outros só misturado com agua lhe tocam. E' de mau gosto dar jantares com uma longa série de pratos e numerosos vinhos; são bem recebidos os hospedes, offerecendo-lhes dois ou trez pratos e duas especies de vinho. E' para conversar com alegria e encanto que nos sentamos em volta da meza; não para obscurecer o espirito, dando largas á gula.

Quanto á decoração da meza, refere a mesma folha que os fetos raros, as orchideas e outras custosas flôres d'estufa cairam em desgraça. Os proprios chrysantemos, complicados pela cultura abusiva, vão dando logar aos seus irmãos mais singelos,

vulgares e despretenciosos. Uns simples asters, de humilde côr de malva, meia duzia de dahlias singelas entre a verdura d'alguns ramos, modestas flôres do campo, são, segundo se affirma, de melhor gosto que a inundação da meza em raridades horticolas superabundantes.

O chronista adverte que muitos julgam estes novos costumes questão de snobismo, acrescentando todavia que n'este caso o snobismo teria alguma coisa boa. Tudo seriam passos para a simplicidade, virtude suprema e salvadora.

Eu tambem creio interessada a vaidade em semelhantes transformações, pois é certo ser ella quem tudo governa entre mundanos. N'esse estreito ambiente, o amor da distincção é soberano. O snob estava muito desvanecido da mesa, ostentando orchideas, emquanto a do burguez só tinha um ramo de eloendros; desde que as orchideas entraram em casa do ultimo, o snob, para evitar confusões, fez-se apostolo do eloendro.

Póde ser assim; póde encontrar-se ahi a razão capital da nova tendencia nas espheras erradamente chamadas superiores. Mas sempre nos parece haver no fundo d'estas ondas superficiaes uma real transformação de sentimento.

Os snobs são a quintaessencia da vaidade? E' possivel; como os agiotas são a nata da crueldade, os commerciantes a flôr da ganancia, e os glutões os gigantes da bestialidade. Toda a classe tem virtudes e peccados; a bondade insinua-nos que o melhor é admirarmos e seguirmos as virtudes de cada uma, deixando sem mais delongas os seus vicios. Aproveitemos-lhes as rozas; lancemos para longe os espinhos.

Isto seria na hypothese de admittir que a simplicidade em voga era questão de simples snobismo. Não é esse, porém, o meu pensamento. Os snobs sentem como os outros mortaes. Não ha razão para deixarmos de os crêr os primeiros atacados do fastio de coisas inuteis e prodigalidades insensatas, por isso mesmo que primeiro e mais longamente as experimentaram. Não competia aos ingenuos, que nunca por ellas passaram, repudiar o desconhecido.

Tomemos, pois, as novas tendencias como signaes percursores de nova vida, sem insistirmos em saber d'onde nos vém. Reacção natural contra uma civilisação em excesso sujeita ao artificio, são o rebentar espontaneo d'esta bella planta da simplicidade, a qual, por muito que

se córte e espesinhe, teima em reproduzir-se com vigor, bem proprio a convencer-nos de constituir uma das mais persistentes necessidades do coração humano.

BAFEJOS D'ESPERANÇA

No desamor da civilisação, não nos ceguemos. Substituiu o silencio pelo ruido, a placidez pela febre ; antepondo a lucta e o odio ao amor, trocou cuidados da alma, cultura e purificação do sentimento, por uma desvairada cobiça de cousas agradaveis ao corpo. Perverteu pelo affastamento da natureza, tentando romper os laços que sujeitam o universo a uma só lei, querendo destruir um equilibrio, condição da existencia facil, e portanto feliz ; imaginou para os homens um paraizo inaccessivel, constituido sómente de sensualidade e materia. Em compensação, por agora bem minguada e escassa, alargou a capacidade do mundo, creou pão para milhões de seres humanos, desvendou segredos, convertendo-os em prodigalidade

de sustento e agasalho, alliviou dores, baniu enfermidades, despertou a propria admiração da natureza, de que parece affastar-nos, estudando-a, penetrando-lhe a vida intima, o passado e o presente, as transformações e o viver.

Assim, quando passo pelas bibliothecas e escolas, attento nos instrumentos innumeraveis do saber, para ensinar á creança o que ha um seculo os homens cultos ignoravam; como se cria a planta e a flôr, como a arvore nasce, vive e morre, em meio de irmãs, ora propicias, ora fataes á sua existencia, como os animaes trabalham, combatem, construem cidades e organisam a sociedade; perante os livros, revelando-me a sombra d'uma alma na abelha, na formiga, na pedra, no musgo, na alga, nos astros, nos insectos, desperta no meu espirito a confiança. A hora presente mostra-se então apenas embriaguez, produzida pela inundação de riquezas materiaes. A mesma civilisação que desvaira, nos restituirá á natureza. Ninguem tão bem como nós a conheceu; ninguem como nós a ha-de amar. Creio no poder do seu contacto; é absorvente e salutar. Induz-nos em admiração invencivel; em troca, concede-nos bençãos, a paz da contemplação e dos campos, amor das cousas simples, res-

peito de toda a creação. Por este caminho, desprende de vaidades, revelando a mesquinhez das nossas forças e o nosso verdadeiro logar na terra; livra de ambições estereis, mostrando a propria fragilidade em meio do turbilhão dos mundos.

Se a civilisação, pela sede de saber, não nos restituir á natureza melhor armados do que d'ella sahimos, com uma alta capacidade de previdencia e aproveitamento dos bens naturaes, e profundo sentimento de admiração pela ordem dos mundos, é já certo trazer, dentro de si, n'aquelles mesmos fundamentos, sobre que se derrama e sustenta a podridão das cidades, germens de nova vida moral. No dia em que damos aos filhos um *Guia do Naturalista,* comprado por pouco, distraidamente, talvez lhe tenhamos feito uma dadiva preciosa, como a Biblia, livro santo tambem, onde egualmente se aprendem leis eternas de amor, guardadas pelos homens nas traducções escriptas da sua experiencia, vestigios do palpitar do seu coração.

DOIS SONHOS

Voltára á aldeia. Ha muitos annos não passava alli. Entrei pela rua estreita, lamacenta, de casas baixas, em desordem, mal alinhadas, onde se cruzavam agudas lanças de largos beiraes, cercando os telhados musgosos. Caminhei. Ao fim, começa a estrada nova, ampla e branca, ladeada de toscos alpendres; e dos alpendres vinha a sonora musica dos picões, amaciando a pedra para casas nobres, que despontam da terra, aqui e além, aprumadas, sobre o alicerce profundo e vasto. Para lá da casaria, entrevejo nos caes mastros de navios, fumos leves, como o respirar de monstros marinhos captivos das amárras, e as ondas vermelhas dos tectos, sob os quaes se guardam bens da terra e se movem e

atropellam mercadores atarefados. Mas antes, entre a aldeia e a cidade, fica um extenso campo circumdando um palacio, novo, luzidio, de marmores polidos, bastas columnas e arcarias, tendo pendentes das cimalhas festões lavrados, a ligar a móle, em suave abraço. Parei. O espanto e a estranheza paralysavam-me. Que era da aldeia d'outr'ora, dos silvados dividindo os campos, do pinhal escuro e cerrado, que os defendia dos vendavaes do mar? Os navios oscillavam nas aguas do canal; em surdo rumor de rodas na calçada, os cavallos, ferindo lume sobre os seixos escorregadios, arrastam fardos.

Proximo de mim, passa ligeira uma carruagem, tirada por nédias mulas, leve, conduzindo nuvens de rendas e sedas, espargindo perfumes; leva rostos de gente moça, frescuras juvenís, olhos limpidos e brilhantes, alegrias e ouro, almas sem cuidados. E' do homem rico, senhor do palacio de marmore; vae, pela tarde, com os filhos, a sorver as auras salutares que os prados lhe enviam.

N'isto, accórdo. Estava sonhando. O espirito, no sonho, transformára a aldeia e povoava-a de riquezas.

Ao meu lado, dormia o meu filho. Accordou tambem, no mesmo instante.

— Sonhava agora, disse-me, que encontrei um ninho, ao pé da valla, nos abrunheiros. Tinha quatro passaritos com os bicos abertos; a mãe estava a dar-lhes de comer nas guelas vermelhas.

Entre os dois sonhos, medi, e com amargura, distancia infinita. Vi, lá n'um extremo, a vida singela a sonhar com os ninhos, e, no pólo opposto, mares agitados erguendo palacios, revolvendo cobiças, paixões, luxo e miseria. Vi as aves que com o meu filho cantavam na alvorada, louvando a luz; e vi os homens, na escuridão infecta das cidades, praguejando odios, a espumarem dementes de ambições ignobis.

Ai! se podésse voltar ao sonho infantil, ao ninho encerrado entre as hastes do abrunheiro, a oscillar ao vento, protegido do sol pela folhagem apertada!... Talvez lá curasse, por allivio magico, as feridas que me rasgaram, sonhando a cidade. Porque, disse o Evangelho, é necessario seres como a creança; é necessario sonhar com os passaritos que estão em ninhos agasalhados pelas mães.

RELIGIÃO

Um sabio, grande explorador de terras e plantas desconhecidas, que durante uma longa vida estudou os segredos da natureza, pôz sob a egide de legendas da Escriptura obras valiosas da historia natural.

A' frente d'uma, escreveu as palavras do propheta Isaias: — « Mas vós folgareis e exultareis para sempre n'aquellas cousas que Deus creou ». (L. xv, 18). N'outra, tratando do arvoredo, apontou o preceito do Deuteronomio: — « Não cortarás as arvores, nem deves devastar a golpes de machado a sua região ». (xx, 19).

O materialismo suspeitaria unicamente no seu trabalho curiosidade de saber, interesse economico, talvez aptidão ao exercicio physico; elle, temeu a suspeita, advinhou-a, quiz antecipadamente repellil-a.

Para isso inscreveu alli a lembrança dos sentimentos que lhe guiaram os passos e insuflaram na sua vida aspirações religiosas, prendendo-a á revelação de verdades eternas, fazendo-a obedecer a um motivo de consciencia. O contacto com a natureza, em logar de lhe despertar selvagem ferocidade de combate e o conduzir á lucta cruel para viver, que, dizem os pensadores, é condição fatal da existencia, revelou-lhe pacifica missão de amor e respeito, alegrias e deveres suaves e santos. — Não córtes a arvore que te proteje! Só nas cousas que Deus creou encontrarás perpetua alegria!

Desde essa hora de revelação, por certo sentida no peito antes de a lêr na Escriptura, quanto lhe seria doce a fadiga! Já não trabalhava para si, nem mesmo só para os homens, seus irmãos, procurando communicar-lhes affecto redemptor, admiração e conhecimento das cousas que Deus creou; trabalhava por obediencia a leis extrahumanas, não escriptas em livro algum e todavia reinando no universo; trabalhava para manter essa perpetua alegria, dispersa em toda a natureza, na qual eternamente exultaremos.

A religião é só isto; tenue e invisivel fio prendendo-nos á vida espiritual impere-

cível. Que importa encontral-a no amor da arvore, da flôr, do velho, da creança, do misero, do mar ou da montanha? Viver é sentil-o. Este homem, atravessando as florestas de mundos ignorados e distantes, se não a levasse no coração, com o amor da arvore e a alegria nas cousas creadas fóra da acção humana, teria talvez succumbido de desanimo nas terras estranhas de que recebeu verdadeiras bençãos. Assim, poude caminhar e viver vida fecunda; porque era guiado por cousas mais altas que as da terra, porque tinha uma religião.

SEJAMOS POETAS

Muitas vezes me aconselham a deixar-me de poesia. Bons amigos tentam convencer-me de que consagre a vida a um fim util e pratico. Admirar o pôr do sol, como o espectaculo de maiores e mais ricamente variados esplendores da luz; sentir nas flores cariciosa e communicativa doçura, a maior que os seres creados nos podem conceder; cantar, lendo os poetas, a grandeza heroica, o desinteresse, o sacrificio, o heroismo, a coragem, e o infinito amor derramado no universo inteiro por mãos divinas; auscultar os movimentos do coração humano, aprendendo-os nas lições legadas, em obras sublimes, por aquelles que souberam traduzir em palavras de genio a dôr, a alegria, a anciedade, o odio, a loucura, todo o palpitar das paixões

nobres ou vís, dignas ou abjectas; preferir o silencio ao ruido, a modestia á ostentação, a simplicidade a futeis e complicados enredos de viver material; subordinar a existencia a uma aspiração moral, que ha-de traduzir-se nos objectos mais pequeninos e nas acções vulgares; — tudo isso, segundo tenho ouvido a juizes com fama de entendimento seguro e rectidão sevéra, é, pelo menos, superfluidade gigantesca, se não involve delicto do bom senso, do dever e da justiça. Porque tudo isso é poesia; e a poesia não só é cousa dispensavel, mas representa bagagem incommoda, estorvo e impedimento á execução da boa regra, a regra da utilidade.

Não, meus bons censores! A poesia, significando amor de qualquer cousa extraterrena e eterna, a que, penetrados de admiração e de culto, subordinamos a ephemera vida temporal, será sempre a unica prova legitima de pertencermos ao mundo de creaturas superiores chamado humanidade. « Uma instrucção exclusivamente scientifica ou exclusivamente utilitaria não basta para *humanisar* o homem; isto é, para o livrar inteiramente do estado brutal e barbaro, para o civilisar e polir. Ha uma differença muito sensivel entre a instrucção e a cultura. *Instruir-se,* no

sentido etymologico da palavra, é munir-se de conhecimentos uteis, equipar-se com todas as armas necessarias para o combate da vida. Mas *cultivar* o seu espirito é tratal-o como uma terra que, de charneca mais ou menos bravia e esteril, se torna, pelos cuidados do jardineiro, um logar agradavel, ornado de flores, de sombras, frescas aguas e fructos deliciosos ».

Esta cultura é, na sua base, no ponto inicial e fonte unica, a capacidade de admirar e louvar. O prodigioso ensino de Ruskin, na obra colossal dos oitenta annos da sua existencia, gravita em torno d'uma ideia : — Admirae, adorae ; assim sereis felizes e bons. « A admiração, longe de nos recolher egoistamente em nós, arranca-nos á propria individualidade, eleva-nos infinitamente acima da nossa personalidade mesquinha. E' n'isto que propriamente consiste o fructo inapreciavel da cultura artistica e litteraria. O seu mais alto effeito é moral ; é despertar e manter nas almas um enthusiasmo generoso. "Admira ! E' assim que se vôa ao firmamento", disse um grande poeta. Um dos maiores interpretes do coração humano, que lhe conheceu toda a profundeza e os mais reconditos movimentos,

Shakespeare, aconselha no *Mercador de Veneza:* "Não te fies no homem que não tem em si musica alguma e que não se commove pela doce harmonia dos sons. E' proprio para as traições, para as perfidias, para a rapina; os movimentos da sua alma são escuros como a noite e as suas inclinações tenebrosas como o Erebo" ».

Sejamos poetas. Só por este modo seremos dignos; só por este modo alcançaremos a nobreza que é reflexo de luz em toda a alma, illuminando-nos a propria alma e o mundo, derramando sobre toda a mortificação suavidade e paz.

A poesia não é uma arte guardada para os privilegiados; a poesia, simples emanação do espirito, diffunde-se em toda a existencia. Não se compra nos museus de arte e bibliothecas; semeia-se no coração. Ahi semeiada, vae nascendo por toda a estrada, florindo todo o caminho de passagem na terra. Porque, sendo uma aspiração a guiar todos os actos, imprime-lhes o caracter da nossa individualidade e, por conseguinte, do nosso ideal.

« Se a officina, se a choupana são centros d'actividade mais poeticos que a morada do rico, é porque alli o homem se revéla mais como o artifice laborioso do seu destino. Uma dona de casa deve ser, em

grande parte, a sua propria serva, para simultaneamente se tornar mais encantadora e mais bella por um trabalho pessoal que é a poesia em acção, e para levantar no seu humilde papel as pobres mulheres, que a desigualdade das condições condemnou a servil-a, associando-as e interessando-as na sua vida. Sem duvida, é necessario considerar a sua alma, o seu coração, o seu espirito, a sua intelligencia, e até o seu corpo, como uma especie de jardim de que se cuida e que se cultiva, para fazermos de nós uma creatura cada vez mais acabada; mas é necessario sobretudo comprehender que não nos elevaremos verdadeiramente na escala dos seres, senão pela nobreza d'uma actividade dedicada ao serviço d'outrem, esquecendo os fins interessados d'uma cultura unicamente egoista ».

« A poesia, continua ainda o publicista, Paulo Stapfer, do qual traduzi os periodos acima apontados, não é senão uma fórma, se quizérem; mas a preoccupação esthetica da fórma arrasta a do fundo, que é sua substancia e apoio. Portanto, sejamos os poetas da nossa vida; arrangemol-a harmoniosamente, como uma obra d'arte, e, por uma consequencia logica, necessaria, dar-lhe-emos um valor

solido; procuremos realisar a belleza, e realisaremos o bem. Amemos a belleza em todas as suas manifestações sensiveis: a bella natureza, as bellas creaturas de Deus, o mar, as montanhas, as florestas, symbolos das cousas eternamente velhas e novas, as flores, symbolo fragil do que dura o espaço de uma manhã. Amemos os bellos versos, a bella musica, os bellos quadros, as bellas estatuas, os bellos moveis; mas amemos sobretudo as bellezas moraes, todas resumidas n'este caridoso amor, sem o qual o artista de si mesmo, occupado na sua propria perfeição, esqueceria justamente a cousa essencial — deixaria subsistir o egoismo, destructor do bem e da belleza; levantar-se-ia, no insaciavel orgulho, na sua tola vaidade, como uma arvore esteril... E' o profundo erro dos espiritos e das almas incuravelmente prosaicas não avaliar as acções e obras dos homens senão medindo-as pela sua utilidade. Não, não devemos contar como perda tudo o que se não resolve em lucro positivo e tangivel. E' necessario saber dispender com mão larga sem olhar sempre ao proveito real e proximo. O desperdicio vale mil vezes mais do que certas economias ».

O PODER DO SILENCIO

In silentio et in spe erit fortitudo nostra.

No silencio e na esperança encontraremos a fortaleza.

Manhã d'estio, atmosphera parada e quente! Toda a natureza respira fadiga, cansaço, anniquilamento; a planta, envelhecida e exausta, entrega os fructos á terra, semeiando-os no pó, onde vão esperar as chuvas fecundantes do outomno, e dormir sob o gelo escuras noites d'inverno.

N'esta fadiga de que o meu corpo partilha, bato á porta do amigo, a pedir conselho para allivio de certo travor que me amargura o espirito. A casa baixa e antiga, n'um recanto affastado, parece querer muito ao semi-abandono em que lhe deixam livre a modestia e o confessado desejo de se occultar; os campos em torno,

ermos, entregues ao ardor do sol, involvem-na de quietação e paz.

Emquanto espero o amigo, na pequena célla onde me encontro, com as paredes forradas de velhos livros já mordidos da traça, abro este, que o acaso primeiro me traz ás mãos, e encontro uma folha, quasi desprendida dos fios de linho que a cingiam, gasta nos cantos, com bem marcados signaes de innumeras vezes ter sido procurada. Contém uma estampa antiga, de traços largos e duros, representando um homem, ainda moço, mas de olhar amortecido. Tem pousada sobre o braço da cadeira, em que se senta, uma das mãos, longa e magra, dizendo na magreza isenção e dôr; a outra sustenta o livro aberto que está lendo, de cujo pergaminho pendem sobre o joelho as fitas soltas. Ao lado, em cima, n'um dos cantos superiores — unica legenda, — o buril do gravador anonymo escreveu : — *In silentio et in spe erit fortitudo nostra.* No silencio e na esperança encontraremos a fortaleza.

E assim um desconhecido me trazia o conselho que buscava.

Muitas outras vezes o ouvi; eternamente o ouvirei. No valle repousado sobre que a noite desce, alongando a sombra; pelos claustros humidos que sentiram os passos

do penitente e hoje se enfeitam de asperos silvados; por toda a parte em que a natureza e o homem se furtaram ao ruido passageiro do mundo, tornei a ouvir a voz peregrina a repetir-me, como n'aquella manhã d'estio: — No silencio e na esperança encontrarás a fortaleza.

Todas as batalhas da vida ahi venceremos; toda a poeira esteril de desejos, vaidades e ambições, ahi se dissipa; toda a treva se resolve em luz. Por isso adoro o silencio, Deus Omnipotente na angustia, ao mesmo tempo sevéro e consolador, confidente divino que ora castiga ora perdoa, e sempre restitue a paz.

Não sei ao certo quem me ensinou a amal-o; talvez a imagem que casualmente encontrei; talvez os passos do meu destino. Se aquelle homem pallido, esmorecido, buscando na leitura palavras que lhe fortificassem o animo, não foi meu mestre, foi pelo menos meu irmão.

DO AMOR DA NATUREZA

A Felicidade está no amor da natureza — foi esta talvez a maior das verdades prégadas por Ruskin e Tolstoi, e confirmadas pelo seu exemplo. Na minha esperança de regeneração da humanidade, entra como lei e primeiro artigo de fé. Sem ella, já mais haverá paz sobre a terra; a alegria e a conformidade dependem d'esse sentimento de harmonia e suprema belleza, que ha-de confundir a nossa vida com a vida do universo e a sua immensa alma.

Mas o que é o amor da natureza? Para bem amar, é necessario amar intelligentemente, servir com perfeita consciencia d'aquillo que devemos e d'aquillo que, em compensação, recebemos. E' o que procuro, tentando definir no meu espirito o amor da natureza. Meditação longa, porventura inexaurivel, a que não posso ver

termo proximo; emquanto lá não chego, ou melhor, pela estrada, vou mendigando, colhendo esmolas com que espiritos estranhos prodigamente me soccorrem. Hoje, recebo-a d'um grande critico, um mestre, Edmond Schérer.

Escrevendo de Wordsworth, diz:

« Ha muitos modos de amar a natureza.

« Ha o da adolescencia. Um rapaz gosta da nàtureza como campo aberto ao exercicio das suas energias. A entrada na posse do mundo, do vasto mundo, e a entrada na posse de si mesmo pela consciencia da sua força, tal é o gozo supremo n'esta epoca da vida. Assim, os prazeres do campo, a esse tempo, estão em proporção do jogo que offerecem á actividade, da excitação na qual lançam os espiritos animaes. A carreira a pé, o galope do cavallo, a caça, a natação, outras tantas alegrias nas quaes o sol, a verdura, as tintas do arvoredo e dos campos entram certamente em alguma conta, contribuem para a embriaguez d'um d'esses dias de fadiga deliciosa, mas ficam todavia como o fundo do quadro. E' a propria affirmação que o rapaz procura na natureza.

« Entrando na seriedade da vida, todo entregue á sua tarefa e a esta lucta pela existencia que hoje se tornou tão apertada,

o homem não perde necessariamente o gosto da natureza. Sómente o que agora lhe pede, é o repouso. Ama-a pelo contraste que faz com os ruidos da cidade, com a preoccupação dos interesses materiaes, a mesquinhez das rivalidades, a inquietação das paixões. Por pouco que se tenha gasto a alma na grande partida do acaso que cada um sustenta contra a sociedade, não vagueamos nas ruas d'um parque, não nos sentamos á beira d'um lago tranquillo ou em frente d'uma vasta planicie, sem sentirmos de repente uma especie de frescura. A calma das cousas communica-se ao espirito. Insensivelmente, pomos-nos de harmonia com este universo que tão pouco se importa com o que tanto nos agita. A ordem universal leva os nossos pensamentos a um sentimento mais justo da realidade. Sobre as preoccupações obstinadas, sobre as mágoas importunas, sobre as anciedades pertinazes, sobre os desgostos, as invejas, os odios, sobre todo o trabalho d'um cerebro em fogo, a contemplação da natureza faz cahir uma pacificação que só a ella pertence. Como outr'ora pelo contacto do mestre, d'ella irradia uma virtude que cura.

« Para o proprio velho ou, o que se lhe assemelha, para o enfermo cujos dias estão

contados, a natureza não deixa de ter o seu encanto, uma tristeza d'um sabor particular, uma doçura temperada de amargura:

Aux regards d'un mourant le soleil est si beau!

« Ha não sei quê de pathetico no contraste entre a perpetuidade das cousas e a fraqueza do ser pensante que as contempla. Saboreamos então, nos aspectos do campo, como uma acerba volupia misturada á resignação e ao desdem. Triumphamos melancolicamente da lucta desigual a que succumbimos, do paradoxo d'esta derrota, da superioridade que ao mesmo tempo nos dá sobre o que dura a consciencia da nossa propria caducidade. Apreciamos a estranha e horrivel alegria de ter medido o que vale a vida e nos sentirmos, a nós e ao mundo de pensamentos e paixões que trazemos no peito, tão breves como a onda que se fórma á superficie d'um lago e logo é dissipada pela propria aragem que a formou.

« O rapaz vê na natureza um imperio a occupar; o homem feito procura n'ella tréguas á agitação interior; o velho encontra alli consolações funebres. Mas o artista? » Não é com um perfeito desinteresse que ama a natureza, não é só por ella, pela sua

belleza, pelo ardor de a sentir e interpretar, pela paixão de a revelar? « Não; o que o artista procura é menos a natureza que o effeito a que ella se presta, é o pittoresco, a arte ».

Acima de todos estes modos de amar a natureza, ha ainda um outro; não é nenhum d'elles e a todos os reune; ha esse amor que caracterisou Wordsworth, « o poeta que mais profundamente sentiu e mais poderosamente exprimiu o commercio da alma com a natureza, o dialogo do espirito humano com o espirito das cousas ».

Para esse, a natureza é o grande mysterio, mas um mysterio vivo, mostrando-se em fórmas, na flôr, nas arvores, nas torrentes e nuvens; ouve-a como a um oraculo; impregna-se das suas inspirações como de suprema sabedoria. « A sciencia, para elle, consiste em tentar decifrar os seus enigmas; a virtude e a felicidade em nos collocarmos sob a sua influencia, em nos pôrmos de harmonia com ella ».

Não o diz o critico, mas convenco-me de que estas especies de amor da natureza admittem entre si conciliação. Campo de actividade embriagando de sol e luz, refrigerio do trabalho, consoladora da desventura, da velhice e de toda a fragilidade humana, alma divina communicando a belleza e

sabedoria da vida, a natureza é para todo o espirito são um pouco de tudo isto simultaneamente. Talvez por isso, porque abrange no seu carinho a actividade e a contemplação, consola o corpo e eleva o espirito; talvez por isso o seu imperio sobre a alma humana será eternamente a maior fortuna. Desgraçado do que se libertou do magico poder! Cae, pensando emancipar-se, no mais cruel abandono; na vida só encontrará amargura e soffrimento, lenta e crudelissima morte.

Á PROCURA DO SABER

O meu visinho, homem de bem, ganhou em Lisboa uma fortuna mediana. Quando calculou ter o bastante para viver tranquillo e crear os filhos, voltou á aldeia. Por si, talvez o não tivesse feito; era possivel deixar-se ficar pela capital, a ganhar mais alguns contos de réis. Mas a mulher, provinciana, sempre saudosa da provincia, com tão fina arte lhe mostrou os seus desejos que suavemente o induziu a abandonar o commercio e regressar á terra natal. Até n'isto foi homem honesto; pareceu-lhe justa a partilha nos haveres; quiz, correspondentemente, partilhar tambem os bens da alma, a satisfação das suas aspirações. Por isso cedeu aos desejos da mulher, por um bondoso sentimento de equidade.

Na sua nova e ultima residencia, o meu visinho continua o mesmo homem de bem, que se mostrára quando commerciante, conquistando um sentido respeito dos antigos camaradas. Não mente, não intriga, não persegue os outros com uma matilha de ambições soffregas, não pede rendas desmedidas aos caseiros, nem juros de usurario aos devedores, não insulta os creados e não se queixa de que n'este mundo é tudo roubo; levanta-se cedo, olha pelo quintal e pelas suas cousas, trabalha como os melhores trabalhadores, auxilia a boa ordem da casa, que a esposa guarda zelosamente, sae á rua o menos vezes possivel, e, quando ao domingo vae á missa, em logar de inquirir das desgraças alheias e saber quantas raparigas foram seduzidas na ultima semana, conversa singelamente do bom e máu tempo, das chuvas e lavouras.

Mas tem uma fraqueza, — é a educação dos filhos, dos dois bellos rapazes que Deus lhe deu e a mulher lhe creou magnificamente, com o sadio leite de seu peito, trazendo-os bem desenxovalhados, regalados de bons somnos em berço aceiado. Isso apavora-o!

Quer os rapazes bem educados. Elle julga-se um brutinho, segundo a sua

propria expressão. Não sabe francez, nem latim, nem geographia, nem historia. Quanto lê no jornal, — porque por bem entendida economia lê só um jornal, reputando os outros inuteis repetições, — tudo lhe parece novidade, quasi uma voz do outro mundo. Sabe apenas lêr devagar, escrever mal, com grandes lettras angulosas, conhece as quatro operações arithmeticas e a regra de proporção. Esta é o fecho de toda a sciencia. Ensinou-lh'a o guarda livros da casa onde primeiro foi caixeiro; por tamanha dadiva lhe conserva no coração perpetua e gratissima lembrança.

Sabe tambem trabalhar, ser poupado, respeitar a propria casa e os estranhos, soccorrer os desgraçados a cuja miseria póde valer; mas tudo isso é uma cousa áparte, que não toma em conta de saber.

E' preciso os rapazes não ficarem brutinhos! N'isto deve cuidar, e n'isto tem cuidado.

Perguntou, inquiriu, interrogou os amigos, em quem mais confiava; veio a descobrir que para ensinar não havia como os jesuitas. Era entregar-lhes os filhos; vinham de lá perfeitos. Então em linguas, extraordinarios! Ficam a sabel-as todas, aquellas mesmas que a torre de Babel

engeitou, por muito confusas e desconhecidas.

N'esta conformidade, procurou um bom collegio de jesuitas e entregou-lhe os filhos. Porque não hão-de ficar brutinhos. Não! Lá por economia ou falta de zelo, não lhes ha-de succeder tal desastre.

Tinha, é verdade, o mestre escola da aldeia, bom homem, e o lyceu ficava tambem muito perto, na cidade. Era mais barato, sem duvida. Mas ensinavam pouco. Só no collegio se aprendia a valer. Mesmo pelo rigor: os rapazes não vinham a casa, não se distraíam, não estavam sempre com o sentido na familia e nos brinquedos.

Ora acontece ao meu visinho, que talhára tão bem a educação dos filhos, soffrer n'este momento duvidas terriveis; e hesita. Dizem-lhe que os jesuitas são perversos, ameaçam fechar essas casas, em que elle confiava para os rapazes não ficarem uns brutinhos e até, muito pelo contrario, se tornarem homens perfeitos e de muito saber.

N'esta afflicção, advinhando que eu não lhe podia querer mal, antes o estimava e a todos os seus prejuizos e ingenuidades, veio consultar-me.

Eu, que tremo de dar conselhos, por casualidade n'aquella hora em maré

d'ousadia, ouvi-lhe a confissão, e respondi:

— Mas que demencia o induziu a querer os seus filhos melhores do que você?!...

N'esta altura, o meu visinho córou.

Tive pena d'elle. Mudei de tom. Substituindo a mal entendida severidade pela necessaria mansidão, disse-lhe:

— Nem calcula que fortuna significa esta casualidade, obrigando-o a trazer os filhos para casa. Pois ha melhor escola do que esta que lhe deu a fortuna e a felicidade? Collegios são casernas. Os dos jesuitas são como os outros: as mesmas regras de obediencia, o mesmo espirito de vida estreita, uniformemente regrada, e de virtude codificada, reduzida a leis, a mesma preoccupação do muito saber e aridez do coração, sequestrado da familia e da sociedade, n'uma atmosphera toda de artificio. Educar é transmittir por contagio, exercitar no trabalho, no viver e no sentir, pela necessidade e pelo exemplo. Os collegios podem servir, são mesmo muito bons, para quem não tem familia. Para quem tivér a fortuna de a possuir, a melhor escola, a unica verdadeira, é a propria casa, aquella onde habita todo o nosso coração, — a não ser que a povoe o egoismo que, a pretexto de utilidade para os outros se

apressa a affastar as creanças por serem estorvo aos prazeres, ao descanço ou ainda mesmo a uma feroz ganancia de riquezas. Então, n'este ultimo caso, tambem os collegios são bons, para receber os engeitados, os filhos orphãos que têem os paes vivos.

— Mas o saber, o saber?! perguntava ainda ancioso o visinho.

— O saber é muito bom, bello instrumento, rico e nobre, quando serve um bom caracter. Mas o caracter forma-se pelo habito, pelo contacto com as boas acções; essas só podem encontrar-se onde a vida é plena, em todas as manifestações, nunca onde ella é regra singela sem desvio admissivel. Os judeus, amigo, homens praticos, educavam os filhos em casa. Dizem até os eruditos que esta era a sua grande força. Não sei se era!... Mas affiançolhe que, se fosse tambem a nossa regra, não tinhamos nem a temer jesuitas nem a apaixonar-nos por elles. A educação deve ser dos paes; não póde ser de estranhos. Se os paes abandonam os seus direitos, que são tambem os seus deveres, virá a especulação tomar a empreza indignamente regeitada. A especulação, entenda bem, para me dispensar de commentarios.

Ora experimente : traga os rapazes para casa, faça que elles o acompanhem nas fadigas ou prazeres, sempre que possa ; a seu tempo lhe apparecerão educados magicamente, só por virtude da propagação dos terriveis microbios do habito e da imitação. Assim perderá todo o amor e odio aos jesuitas. Se não está resolvido a isto, se quer negociar a educação como negociou o café, n'esse caso sempre lhe direi que o mais honrado seria não ter casado. Porque o enganam, verá. O commercio, — queira perdoar, se o offendo, — é sempre um bocadinho traiçoeiro.

Eu disse-lhe isto, mas parece-me que elle não acreditou, e vae procurar outro collegio para os filhos. Tem medo de os educar em casa. E' que podem ficar brutinhos ! . . .

DAS
COUSAS NÃO COMMERCIAVEIS

O mundo é muito vasto, mas igualmente profundo. Para o conhecer, não é preciso percorrel-o; basta caval-o. Ou se trate da natureza ou das sociedades humanas, ou consideremos a vida inconsciente ou a vida consciente, olhando bem em volta de nós, e principalmente dentro de nós, na propria alma, nas suas tendencias, desejos e impulsos, em qualquer parte encontramos quanto a intelligencia humana póde abranger e sentimos quanto o coração póde alcançar. Se alguem o procura n'uma mudança sem repouso, nunca o encontrará; essa inquietação é testemunho de incapacidade, de cegueira mental; a infinita passagem dos objectos nunca supprirá a deficiencia organica.

Nas plantas e animaes que nos cercam, ainda nas mais pequenas e desprezadas, nas rochas que calcamos, nas aguas, no ceu, nos astros do firmamento, — e são companheiros que por toda a parte nos seguem — teremos sempre, se os soubermos vêr, uma revelação completa do universo, na sua belleza e poder. Como tambem no contacto dos nossos irmãos, ainda os menos educados, os mais rudes e até os miseraveis, teremos o espectaculo do movimento da alma humana, se o prescrutarmos com attenção e soubermos auscultal-o com sympathia.

Talvez por isso, por o meu espirito ter tido a fortuna de attingir esse estado de curiosidade, de possibilidade de aprehensão da infinita riqueza que em qualquer logar o rodeia, — não é de aprehensão, note-se, é de possibilidade de aprehensão, porque sei bem que quanto posso sentir e adquirir é uma quantidade infinitamente pequena em relação áquillo que me escapa, e esta sensação de riqueza inexaurivel não é mesmo o menor prazer na observação e no conhecimento, — talvez por possuir esta faculdade me interessam egualmente grandes e pequenos, a paysagem mais arida e erma, o campo mais viçoso e povoado.

Quando este amigo me falla singelamente dos seus bens, desejos e propositos, não o vejo, não o ouço, a elle; vejo e ouço um mundo vastissimo de almas que fallam pela sua bocca, vivem a mesma vida, as mesmas duvidas e anceios, as mesmas dores e prazeres.

Era pobre. Conheceu a pobreza, com todo o pezo inexoravel, desapiedada. Depois, bafejos da sorte fizeram-n'o commerciante. Quando já não tinha fome nem frio, teve uma tentação; quiz uma casita á beira mar. Pensou, calculou, contou; convenceu-se de que podia dar esse regalo ao espirito e esse repouso ao corpo. Era ainda um negocio, o capital rendia; a casa arrendava-se uns mezes; quando já ninguem a quizesse, e a praia estiver deserta, irá elle então descansar um pouco.

Foi. Que estranhas sensações as suas na tranquillidade, perante a magestade do mar, ouvindo o hymno de gloria que a luz canta na paz de divina soberania? Por certo, não o sabe. Sentia-se transportado com delicia a um outro mundo; acompanhavam-no cuidados dos bens, talvez não o acompanhassem saudades. Intimamente, na consciencia, o facto era nada; porventura o classificou de amor da ociosidade; na alma deveria haver uma inclinação que

nem por ser muito vaga perdia intensidade.

Os tempos correram tranquillos e prosperos; com elles vieram novas tentações. Se reservasse a casa só para si, se não a arrendasse... Seria então inteiramente sua, a toda a hora. Posse plena! O espirito iniciava-se no conhecimento dos valores não commerciaveis. Havia qualquer cousa que não rendia, que não tinha conta aberta nos livros commerciaes, não matava a fome nem a sede, não era regalo para o corpo; e todavia elle, commerciante, apetecia-a, sacrificava-lhe valores commerciaes, dos que se compram e vendem. N'uma incerta inconsciencia passou-lhe pela mente que arrendava os sentimentos com os objectos a que os prendia; e aquelles não eram de arrendar.

N'essa pequena historia encerra-se lição moral completa. A vida tem dois pólos, um commerciavel, outro não commerciavel. E é sem duvida o logar d'este ultimo que define a pureza da alma humana. Se as cousas do mundo teem de a corromper e possuir, o commercio alastra-se por todas as nossas acções; a riqueza serve para negociar vaidades ou commodidades, em qualquer caso, para instrumento de troca. Se, porém, outra luz se accende

dentro de nós, toda a vida é ambição de possuir cousas não commerciaveis, desde o singelo objecto recordando uma existencia passada e querida, o livro em que leram nossos paes, o rosario que contou as orações de nossa mãe, até ao canto escolhido ou casualmente encontrado para o ninho, dois palmos de terra onde respiramos o ar livre, sentimos o sol, o vento e o palpitar da natureza, nas estações que se succedem, nas arvores soltando folhas amarellecidas ou nas flores que desabrocham viçosas.

O mundo é tão rico que a todos deixou parte n'estes bens não commerciaveis. Não temos uma casa, uma reliquia, uma imagem com um preço que só o nosso sentimento conhece e os estranhos ignoram? Temos ao menos a paysagem que os nossos paes admiraram, temos sempre qualquer cousa a prender-nos á natureza e ao passado, marcando-nos logar no universo e no tempo, emquanto funde a nossa vida na vida eterna.

O segredo resume-se em o coração chegar a descobrir os valores não commerciaveis. Se lá chega, que infinita e perpetua riqueza não alcançou!

RIQUEZA E FELICIDADE

Domingo. Primeira tarde de outomno; atmosphera serena, temperatura suave, luz do poente levemente velada pela névoa e levantando-se das bandas do mar; nem uma só nota irritante ou mesmo accentuada em toda a paysagem, impressão de serenidade; o silencio, a amplidão, o ambiente tépido, quieto, e a moderação de linhas no horisonte casam-se em harmonia perfeita para nos infundirem sentimentos de doçura. Menos luz na atmosphera, será melancolia; d'um horisonte mais apertado, surgiriam sombras e tristeza; só um raro capricho da natureza é capaz de nos dar quadro tão completo de belleza para os sentidos e deleite para o espirito ávido de repouso.

A cidade está deserta; tudo se dispersou, ou pelas festas e arraiaes suburbanos, ou aproveitando o descanço para visitar parentes e amigos. Os que ficaram, passeam pelas estradas onde se espera maior concorrencia dos que recolhem a casa. Já de noite, passam retardatarios: nas ruas não se ouve algazarra; o regresso ao ninho era pacifico e manso, como impregnado de satisfação, e isento ao mesmo tempo de desvairada alegria.

N'essa noite, encontrei alguns amigos. Entre elles um rapaz intelligente e activo, que ganhou fortuna fóra da sua terra, dizia: — Para mim houve uma terra melhor do que a minha; foi a que me deu fortuna.

Depois, a conversação variou. Lamentamos o fim d'um pobre homem de condição humilde, morto poucas horas antes, mas que quasi todos haviamos conhecido trabalhando bondosamente, na santa paz de quem acceita a vida, prazeres e agruras, como favor de Deus, sempre bemvindo, abençoado.

Intimamente perguntei qual era melhor, se aquelle que corajosamente foi ao longe, entre desconhecidos, buscar o pão e fortuna, se aquelle que ficou junto do lar, cumprindo a sua tarefa na humildade e

no trabalho, para morrer pobre, na atmosphera que lhe foi ao mesmo tempo berço e mortalha.

Nunca condemnarei os que se desprendem de carinhos domesticos e da seducção da terra onde nasceram, para procurar fortuna em terras longiquas, no mais ingrato risco.

São missionarios dos nossos sentimentos. Dilatam a nossa propria existencia, onde commungam todos, os que ficam e os que partem. Mas n'este desejo de expansão e nos beneficios pessoaes, que porventura d'ahi resultem, ha um perigo fatal. Lembremos que para os ramos serem viçosos é necessario o tronco robusto e são; a seiva não deve correr a essas flores que, apesar de brilhantes, seriam todavia ephemeras.

A pobreza tem compensações. Se é feliz quem, graças á energia, volta a casa enriquecido em terras distantes, não o é menos aquelle que modesto ganhou o pão de cada dia entre affectos que foram os dos seus avós, no mesmo pedaço de terra que lhe deu o primeiro leite e viu todas as suas penas e alegrias, fecundado pelo suor do seu rosto, e que vae, por fim receber e restituir á vida os seus ultimos despojos. N'esta continuidade de existen-

cia confunde-se o passado e o presente; a vida individual prolonga-se em limites indefinidos, áquem do nascimento e além da morte.

A vida não é conta corrente de valores economicos; é tambem conta corrente de valores moraes. E' necessaria no derradeiro saldo a predominancia d'estes sobre aquelles. Alimentemos, pois, o fogo sagrado das tradições da nossa terra, o culto da sua belleza, habitos de trabalho, vida de modestia, bondade, sã e moderada alegria.

AO DOMINGO

No caminho em que modernamente os prazeres nos levam, não valerá menos para a felicidade humana saber se a inquietação póde ter uma pausa ou se ao trabalho de ganhar o pão é preciso juntar um trabalho de nova especie, não menos violento, o de se divertir. Toda a vida social contemporanea se me afigura imposição de actividade; imposição de enriquecer, imposição de luxo, de saber e pensar, imposição de saúde. O medico não é menos despotico que o professor; o dinheiro manda tanto como a dissipação. E' preciso ganhar muito, gastar muito, saber muito; e é preciso ir a banhos, cuidar da saude, descançar ao domingo, tudo conforme regras universaes, imperiosamente dictadas.

Ora o meu visinho, com quem afinal sempre me encontro a discutir estas cou-

sas e que tem no meu espirito influencia soberana, prega-me constantemente que tudo isso é illusão; não ha como um sabio e contemplativo abandono á fatilidade das cousas, moderação de aspirações e necessidades, para rapidamente se chegar á felicidade e á alegria. Eu ouço-lhe o discurso, e começo ás vezes a pensar se elle terá razão. Não ha modo de me libertar d'esse demonio perseguidor. Lembro existencias passadas, confronto-as com o presente; e fica-me impressão de que este complicado machinismo chamado civilisação nos rouba deliciosas horas de feliz tranquillidade. Deve ser erro; os outros, o grande numero, mostram pelas acções que não pensam assim. Mas, ou seja erro ou verdade, o meu visinho domina-me; infiltra-me no pensamento impressões de desgostos que me instigam a mudar de vida.

Fui a Lisboa, pela primeira vez, ha vinte e quatro annos. Vinte e quatro annos! — note-se. A historia é de hontem; não é do tempo dos prophetas nem dos santos.

Lá apresentaram-me a um negociante rico, que me guiou e acompanhou, associando-me ao seu viver. Era um homem que se levantava cedo e vinha immediatamente para o armazem, onde já encontrava os caixeiros a pé e a casa varrida. Almo-

çava ás nove horas o almoço que de casa lhe mandavam; jantava ás cinco horas da tarde, e passava o dia inteiro no estabelecimento; á noite, tambem lá ia, mas não era para trabalhar. A porta cerrava-se cedo, e vinham dois ou trez amigos, commerciantes tambem, que se sentavam por cima da saccaria e até do balcão, rindo, conversando de negocios, prazeres, cousas presentes e passadas, descuidadamente, como aquelles a quem a vida é leve e propicia. Antes das dez horas, iam-se embora; o meu amigo e patrono fazia o mesmo. Ás onze, era um regalo vêl-o dormir. Respirava tão amplamente, que parecia querer pôr o arfar do seu peito á altura da prosperidade dos negocios.

Esquecia-me dizer que os homens que vieram á noite, tambem uma vez fallaram do theatro. Conforme a propria confissão, iam lá poucas vezes. Era caro. Traziam isso muito contado, segundo observei; custava dinheiro e obrigava-os a deitarem-se tarde, fóra d'horas, como diziam, o que lhes fazia mal á saúde e aos interesses.

Tambem percebi que todos elles tinham parentes pobres na provincia e gostavam de lá ir, ás suas terras, matar saudades. Era o unico motivo pelo qual no verão

deixavam os negocios durante alguns dias. De resto, nenhum precisava de ir a banhos nem sentia ambições de viajar. Tinham excellente saude, contentes com a sua toca. Só um fallava em passar a loja; queria morrer na terra de seus paes.

Quando chegou o domingo, o negociante rico foi de manhã á loja, como de costume, mas veio almoçar a casa. Em seguida, foi á missa. Depois da missa, convidou-me para ir com elle a uma quinta, lá para os lados de Sacavem. Propriedade modesta — casita branca com parreira á porta, moveis comprados na Feira da Ladra; ao lado da adega, vinhas e olival; em baixo, flores, á volta do tanque, a um canto do laranjal. Deram-me boas laranjas. Era o que havia, advertiu o negociante, gabando-me as outras fructas, as do verão. Enthusiasmavam-n'o sobretudo os magnificos pecegos, dos quaes me referia, com gestos superlativos, extraordinarios merecimentos.

Voltámos a Lisboa; á noite, fomos a S. Carlos; por signal elle me disse que S. Carlos ao domingo não era bom; aos dias de trabalho cantavam melhores cantores. Não costumava lá ir; não tinha tempo. Isso era para outra gente, concluia.

Voltei a casa d'este meu velho amigo ha pouco tempo. Vae para o estabelecimento ás onze horas, almoça n'um restaurante visinho; tem assignatura em S. Carlos, onde comparece todas as noites, tão hirto que parece empalado dentro da alvissima camisa. Vendeu a quinta e comprou outra no Estoril, sem oliveiras, nem vinhas, nem laranjal, nem adega, mas com chalet, relvas, flores, lago e plantas exoticas que lhe dão infinitos cuidados. E anda apressado. Tem sempre muito que fazer. Já não lhe sobra tempo para palestrar á noite com aquelles amigos d'outras eras, de resto condemnados a egual destino.

A sua maior fadiga é ao domingo. Terrivel! Principalmente por causa dos comboios... Ficar em Lisboa é vergonha. E então corre, correm os cavallos que o levam á estação, corre para entrar no wagon, corre para apanhar logar nos toiros e no restaurante, e depois da meia noite vem estirar-se na cama, moido, esfalfado, com a intima e profunda satisfação de haver descansado todo o domingo. Póde dizel-o sem mentira. Foi ou não foi ao Estoril?!... Eis o problema. O essencial consiste em fazer a jornada. Ahi está o descanço.

O mais curioso é, no fim de tudo isto dormir mal, por causa da maldita dôr no

figado, que o obriga a ir ao Gerez todos os annos. Essa dôr significa quasi uma fortuna; para o medico em primeiro logar; depois para o proprio doente, dando bom fundamento a falar das suas doenças, o que, com os divertimentos e o dinheiro é o mais rico e elegante assumpto, proprio d'homem amigo de lidar com gente fina.

Li que um persa, chegando a Pariz, de tal modo estranhou o movimento do povo que com grande surpreza perguntou: — Mas esta gente quando terá tempo para pensar?!

Approximando este caso das palavras do persa, lembrei-me de que talvez elle, o negociante, fizesse bem em guardar o domingo para pensar. Talvez tivésse feito bem em não vender a quinta velha, a que não tinha chalet nem lhe dava cuidados, e continuar a ir lá aos domingos, á hora que muito bem lhe apetecesse, sem se esfalfar; e docemente, á sombra das larangeiras e ao abrigo do ruido da cidade, pensaria quanto a vida é breve, quanto é ephemera, quanto por conseguinte é urgente não perdermos um momento de a tornar bella. Era mesmo possivel não soffrer tanto do figado com aquelle antigo regimen; talvez não precisasse aguas nem banhos, e simplesmente viesse a saber o que seja

uma cousa completamente esquecida, o descanso.

Sim, porque afinal o que é descanso? O meu pensamento esvoaça em volta d'esta luz, attraido sem muito se poder approximar e ao mesmo tempo incapaz de lhe fugir. O descanço será talvez libertar o espirito, deixar-lhe toda a concentração e expansão, entregando-o só e unicamente ás suas forças, phantasia, meditação, capricho, pouco importa. O descanso é emancipar-nos d'esse azorrague com que a vida do corpo nos flagella para ganhar o pão de cada dia, e que, no conceito d'um grande pensador, nos avilta, despertando em nós brutaes e crueis energias da pura animalidade.

Foi por isso, diz-nos o grande Ruskin, por nos pouparem esse aviltamento, que se chamaram dias santos os dias de descanso. Mas andam profanados, — creio eu.

PRAIAS E THERMAS

A primeira vez que attentei bem no valor dos passatempos e recreações populares, foi poucos annos depois de ter sahido da Universidade, ao lêr um livro do economista inglez Stanley Jevons. Provavelmente no anno da sua desastrada morte, em 1882, se me não engano.

No livro, collecção de estudos intitulada *Methodos de reforma social*, o primeiro dos ensaios tinha por epigraphe: *Divertimentos do povo.*

Divertimentos do povo! Pois tambem era necessario cuidar d'isso? Não bastava saber o que o povo havia de comer, e esperar os divertimentos, quando a abundancia lhe deixasse socego e naturalmente os trouxesse? A minha inexperiencia da vida estranhava a original preoccupação

do economista; porventura teria sorrido, se a auctoridade preadquirida d'aquelle mestre não me impozesse obrigação de o escutar.

Mas li, e não fui tardo em me convencer. Comprehendi mesmo muito além do que havia lido; comprehendi quanto era grave e séria a questão dos divertimentos, não só para o povo, mas para todas as classes da sociedade. Talvez mais grave que o trabalho. O trabalho impõe-se por necessidade ou habito; facilmente encontra caminho proprio, seguro. Os divertimentos teem uma margem de expansão que os tornam capazes de grandes males e grandes bens.

Depois, são cada dia mais invasores. Ou porque realmente as machinas, dispensando uma somma consideravel de trabalho humano, deixam em larga escala tempo disponivel; ou porque novos habitos e condições moraes tenham redobrado a attenção por os passatempos; as sociedades vão mudadas. Não falta quem convencidamente insista em que precisa divertir-se. Ha mesmo a invenção modernissima, desconhecida dos afamadissimos juristas romanos, — o direito de se divertir.

Reconhecida a necessidade e acceite o direito, vejamos o melhor uso que

d'elle podemos fazer, para bem do corpo e do espirito. Os caminhos de ferro andam repletos de gente, procurando, a toda a pressa, freneticamente, com um trabalho insano, na feliz concepção de George Eliot, divertir-se. Essa gente cobre as gares do caminho de ferro, suando, esfalfada, com toda a familia, creados, creanças e infinitas malas atraz de si. Diverte-se. Alguns tambem vão restabelecer a saude.

Nos empestados rebanhos que se chamam cidades, covis escuros revestidos de pannos e farrapos, estofos, reposteiros, papeis e decorações, ao abrigo da luz do sol, que por occultos peccados e remorsos parecem odiar ou temer, vivem milhares de familias, agoniadas por ambições, umas pelas ambições da fome e da pobreza, outras pelas ambições do luxo e da abundancia, sempre soffrendo, soffrendo muito na inquietação e no desejo de cousas que ou não chegam ou, quando chegam, são desengano.

Entre aquella gente que a outra, a de pés descalços e corpo immundo, chama rica, habita d'ordinario um homem, andando a miudo por fóra de casa e dando o dinheiro. A mulher tambem sahe muito de casa para o gastar, e as creanças, — pobres creanças, sempre tão lindas! — a

quem ensinam a pôr fitas nos hombros para ir ao theatro, e a quem passeiam de carruagem, nas faces desbotadas revelam a saudade d'uma fortuna desconhecida, vagamente sonhada e instinctivamente apetecida.

Quando vem o inverno, no tempo em que os dias são curtos e a escuridão em casa pouco menos de tenebrosa, adoecem as creanças, a mulher treme de febre; o homem, esse que traz para casa o dinheiro, seguindo-lhe as pisadas, fica tambem lá entre os trapos da alcova, a tremer, a tremer, o corpo crivado de dores e o espirito aturdido. E' singular que a vida moderna seja uma consumpção, no trabalho, nas doenças, na vida do espirito, em todos os modos de ser.

Então, quando ha doenças, um outro homem bem trajado, que chamam doutor, aconselha-lhes a compra d'aguas caras e maleficas, venenosas o mais das vezes, e remata dizendo-lhes: — Lá para o verão é preciso ir a banhos.

Ir a banhos! E' preciso ir a banhos! Desde aquelle momento viveu-se na certeza de que era preciso ir a banhos. Ir a banhos significa no espirito da mulher ter diversos vestidos, sapatos, chapeus e luvas para andar em visitas e pelos casinos, em

danças e tagarelices, a ostentar-se a par, rigorosamente a par, de quantas vaidades encontra no mesmo caminho. O marido tambem terá muito a estudar em gravatas e camisas; as creanças brincarão em alamedas ensombradas, com o chão limpo, sem uma herva, bem ensaibrado, em meio da multidão de creanças que corre, grita e berra, exactamente como aquella multidão das cidades que deixaram.

Para isso fez-se um enorme esforço, esforço economico da parte do homem que arranja o dinheiro, e d'esta vez teve de o pedir emprestado, e esforço physico, porque as jornadas são fatigantes, as casas estreitas e a vida, sem parança, extenuante.

Depois volta-se a casa cansado, com uma divida que ha-de levar tempo a pagar, amarrotados os vestidos que tinham ido tão frescos e precisam quanto antes de ser substituidos por outros, visto o inverno estar á porta. Mas foram a banhos, cousa muito precisa, segundo ordena o medico; faz bem á saude. Não é habito de gente elegante, ou vaidade. Foi por causa da saude.

O corpo e o espirito resistem a este systema de vida, que troca uma fadiga por outra, absolutamente equivalente; porque na verdade o organismo não está tão

fraco como o medico pretende. Para um aviltamento physico completo, ainda temos muito que andar. E' certo.

O meu visinho, caturra exotico, queria as cousas de modo differente. Por infelicidade da tua condição, vives na cidade, no meio do ruido e vaidades, n'uma casa escura? Para repousares e te fortaleceres, procura simplesmente a luz, o silencio e a singeleza em qualquer aldeia. Quanto mais ignorada, melhor. Os teus filhos são creados pelas calçadas das ruas, entre as paredes d'uma casaria infinita que se alastra e perde nos ares, só conhecem as arvores e plantas que a mão do homem mutila e deforma? Para os repousares e educares, procura-lhes logar onde a natureza seja livre, as aguas corram á luz do sol, as aves cantem, e as séstas se alonguem caladas, como embriaguez de vida e calor. Gastaste muito para teres um prazer passageiro e ruim, que te arruina e afflige com o espectro do agiota e a cruz da mendicancia choramigas? Sê mais simples, resiste ao desvairamento do teu tempo, põe a tua arte e esforço em viver normalmente, n'um canto salubre, onde o vento passe e o sol te abençoe todos os dias, a ti e aos teus. Talvez ao fim d'isto, reformada a

tua casa e a alma, encontres o descanso em nada fazer, estar quieto, contemplativo, entre as alegrias baratas que Deus nos dá. E não precisarás mais do conselho do medico, nem de te apressares e incommodares o proximo, para não perder o comboio.

Isto pensa o meu visinho, amigo da pobreza. Na sua caturrice, encontrou-se a pensar, como George Eliot, que o descanso deve ser descanso e não movimento. Mas eu, aborrecendo tal doutrina, vou a correr, que são horas, para o emprego que é n'uma casa escura e dá dinheiro para o medico, para a botica, para tomar banhos e um enterro de primeira classe, em grande coche, a tres parelhas, com musica sacra pelos cantores da opera. Isso é bom e de juizo!

AS DEMENCIAS DO SPORT

I

Uma publicação periodica estrangeira fez um curioso inquerito sobre a conveniencia das mulheres se entregarem aos diversos passatempos modernos, ordinariamente designados pela palavra, outr'ora ingleza, hoje de uso universal, — sport. Perguntou a escriptores e pensadores de fama, de ambos os sexos, se pelo sport a mulher deixaria de ser mulher, se esses exercicios seriam para ella diversão salutar ou deveriam antes considerar-se questão de moda, nociva ao seu futuro.

O inquerito comprehendia todos os sports. A maioria das respostas referiam-se evidentemente ao uso da bicycleta. A equitação é cousa muito cara; barcos e remos precisam de rios e mares; só a

bicycleta, barata e facil, pode estender-se por todos os caminhos, pelas cidades e aldeias, entrar na mobilia das casas mais modestas.

Entre as respostas, destacam-se algumas radicaes. São pelo sport, sem attenuantes. Marcel Prévost julga que, cada vez mais, a mulher fará as mesmas cousas que o homem, sciencias, artes, exercicios do corpo e do espirito. Henri Béranger quer a mulher com direito ao exercicio normal dos seus musculos e nervos; só então será uma natureza elegante, sã e bem equilibrada; pretende que quasi todos os sports desenvolvem o habito das decisões rapidas, a necessidade de sangue frio, uma especie de energia precisa e voluntaria.

Mas não é esta a tendencia mais evidente. A maioria inclina-se a vêr no sport o naufragio provavel das melhores qualidades physicas e moraes da mulher. « O exercicio ao ar livre », diz M.me Alphonse Daudet, que talvez melhor represente a opinião dominante no inquerito, « a gymnastica, os sports, n'uma palavra, são necessarios ao crescimento das raparigas, á sua saude, ao bom humor », mas, « sem querer limita-la a fiar a lã, teme o que a tira do lar e faz da casa moderna um corredor, onde se passa para mudar de

vestuario, uma estação para as refeições, em logar do interior activamente cuidado e adornado, como o entendiam as nossas mães e avós. »

O dr. J. Héricourt resume a questão com nitidez admiravel :

« A mulher não está no seu logar nos exercicios do sport ; para isto ha razões d'ordem physiologica, d'ordem esthetica e d'ordem social.

« A physiologia e a esthetica, tendo a mesma base, dão n'este ponto respostas conformes... Como medico, desconheço sport que não seja susceptivel de comprometter, d'algum modo, a physiologia da mulher... Apresso-me a accrescentar que sou d'aquelles para quem a mãe é o ideal feminino. — Uma sociedade perfeita seria aquella em que a mulher não trabalhasse, tendo bastante que fazer no lar, no meio dos filhos... » Em qualquer caso, os sports constituem um *trabalho de luxo,* ao qual a necessidade não obriga a mulher. O seu dever é abster-se d'elle, para conservar á communidade o valor social de mulher-mãe. « Alguns parecem julgar graciosos estes seres estranhos que, deixando o seu sexo, partilham dos exercicios musculares, proprios da actividade masculina. São espectaculos *immoraes,* no

sentido real da palavra, independentemente de toda a convenção, porque são espectaculos contra a natureza, de resto não isentos de perversidade psychica da parte de quem n'elles se deleita. »

Trabalho de luxo, immoralidade e perversidade psychica correspondente—n'este ponto reside o que ha de grave e sério na questão.

Não tenho a menor repugnancia pelo uso da bicycleta para as mulheres. E' um transporte como qualquer outro. Dá-lhes frequentes occasiões de mostrarem o artelho, mais do que é uso? E a chuva, e as carruagens e os caminhos de ferro não trazem o mesmo risco? Por esse lado o perigo não é grande.

Uma feia cousa! Não soffre duvida. Feia para homens e mulheres; não ha meio de pôr esses pedaços de ferro esguio, em linhas rectas, quebradas por angulos agudos, de harmonia com a flexibilidade ondeante e graciosa do corpo humano.

Feia, mas transporte commodo, rapido, barato, da maior independencia, convindo a quantos precisam de ser transportados, homens ou mulheres.

A questão não é de transportes, é d'esse *trabalho de luxo,* que o dr. Héricourt aponta. E aqui temos a condemnação do

sport, não só para as mulheres como para os homens.

O sport é um trabalho desnecessario, movimento pelo movimento, sem fim nem outro intento que não seja este inteiramente vão — mover-se. Que se monte uma bicycleta para ir vêr um amigo, visitar terras novas, respirar um momento novos ares, ou para simplesmente encurtar a distancia entre a officina e a casa, é a cousa mais natural e sã d'este mundo. Que se monte uma bicycleta sómente para exclamar: — 20, 30 ou 40 kilometros por hora! é cousa de tamanha inanidade que só a imbecis póde dar prazer. Embarcar, para sentir o repouso do corpo acariciado pelo ar fresco e humido, é a satisfação d'uma necessidade organica, tão legitima como comer, beber ou dormir; pegar furiosamente n'um remo, n'uma cegueira que não deixa vêr céo nem agua, sómente para ir mais depressa do que outros, exactamente para fugir á delicia propria de vogar sobre as aguas, é, com certeza, uma especie de demencia.

Dir-me-ão que tudo é necessario á saude do corpo. Acredital-o-ia, se não me lembrasse a bella organisação de grande numero de pessoas da minha familia, que ignoraram sports, e provavelmente desco-

nheciam até a significação de tão extravagante palavra. Foi gente vivendo ao ar livre, sem extraordinaria fadiga do espirito, trabalhando, quando era necessario, brincando, nadando, caçando ou montando a cavallo, quando podiam ou quando precisavam, o que é differente de fazer do exercicio do corpo occupação obrigada ou ordinaria. Quando podiam, quando podiam!... Porque a regra era o trabalho.

Se me dizem que o trabalho moderno se organisa nas mais horrorosas condições physiologicas, com as cidades, officinas monstruosas, vida sem luz, sem ar, sem repouso, concordo. E' outra questão. E nem as bicycletas, nem os clubs, nem os sports, de que aproveitam meia duzia de ociosos, hão-de salvar milhões de miseraveis, victimas em grande parte da ociosidade de poucos.

Sendo o sport trabalho de luxo, a perversidade psychica é sua natural consequencia, pela simples razão de que, sendo de sua natureza ocioso, ha-de trazer todas as funestas consequencias da ociosidade.

Ora aqui está o motivo pelo qual, não desejando o menor prejuizo ás boas donas de casa, zelosas e intelligentes, e ás singelas raparigas que julgam o mundo uma festa,

não lhes desejo a bicycleta, senão como meio de transporte, se precisam d'ella. Porque não a desejo para mim por outro motivo, e não me podem razoavelmente exigir que eu lhes queira fortuna superior áquella que apeteço para mim.

Não julguem por isso que lhes quero o captiveiro. Quizéra antes repartir de novo a terra, para toda a mulher ter o seu jardim, um pequenino campo, onde sentiria sempre, a cada instante, o valor e belleza da luz do sol, do ar, dos animaes e flores, de tudo o que a natureza nos concede para salutar regalo. Nas obrigações domesticas, n'estas que resultam do amor do marido, dos paes, avós e filhos, na ordem e carinho, incluiria esta : — a de não se affastar do contacto da natureza, a de quotidianamente se purificar physica e moralmente na sua admiração, vendo-a, observando-a, cultivando-a, servindo-a tambem, assim como ella nos serve.

São os votos do meu coração. Suspeito bem que não serão diversos das aspirações do bom entendimento da felicidade humana.

II

O dr. Héricourt julgou não ter dito tudo sobre a conveniencia do sport para as mulheres; volta á discussão, distinguindo entre exercicios, jogos e sports.

Os exercicios, no seu entender, são andamentos naturaes do homem, praticados com methodo, de modo a aproveitar o melhor possivel a força muscular, sem prejuizo da graça e da esthetica. Caracterisa-os, principalmente, a ausencia de todo e qualquer instrumento. Assim, são exercicios a marcha, a corrida, o salto, a natação, a dansa, e até o canto.

Depois dos exercicios, vem os jogos. Ás forças naturaes junta-se o uso d'um accessorio. São uma actividade de luxo, sem proveito pratico, d'ordinario para simples disputa de um objecto. Pertencem a esta cathegoria o foot-ball, o croquet, o tennis, etc.

Por ultimo temos os sports, — a gymnastica, a esgrima, o tiro, a bicycleta, a equitação, carruagens de cavallos e automoveis, navegação a remo e á vela, balões. Aqui ha um trabalho de luxo, auxiliado

por um instrumento, como nos jogos; mas o manejo d'esse instrumento, « importando uma aprendizagem mais ou menos difficil, necessita por isso mesmo um sacrificio de tempo importante, e despeza de energia physica e mental muito absorvente, para que se faça sentir no resto da existencia. » De tal modo tudo isso constitue tarefa longa e complicada, que os homens do sport se classificam n'uma hierarchia especial.

« Dito isto, o papel da mulher nos sports é talvez mais facil de determinar. Comprehender-se-á então que prohibir os sports á mulher, é prohibir-lhe o menejo de instrumentos e apparelhos excessivamente pesados para os seus musculos, ou excessivamente absorventes para a actividade, que o lar reclama; e, na verdade, não poderia sentir-se humilhada por isto. Mas não é prohibir-lhe, nem os exercicios, nem os jogos, entre os quaes ha muitos que, não exigindo senão destreza e graça, são absolutamente dos seus dominios e hão de assegurar-lhe a saude physica e moral, que lhe desejam os que lhe recusam os sports. »

A distincção é engenhosa. Se, como todas as classificações dos phenomenos concretos, pecca pela difficuldade de

marcar limites, ao menos dá-nos com segurança uma linha de evolução, inteiramente exacta. Do exercicio ao sport o caminho é inteiramente descoberto: começa-se pelo movimento normal dos musculos; auxilia-se em seguida o movimento com qualquer instrumento; acaba-se por converter o uzo d'esse instrumento na occupação principal do corpo e do espirito, sacrificando-lhe toda a actividade physica e mental. Ora, como o uzo do instrumento preferido representa um trabalho inutil e vão, d'aqui a immoralidade dos sports. Não tendo utilidade alguma social, redundam em um modo de dissipação de energia e bens, que corre parelhas com o tabaco e o alcool. Pouco importa que um conserve o corpo e o outro o arruine; ambos significam prejuizo social sem compensação. Atrophiar o cerebro pelo exercicio muscular elevado a mania, ou incendial-o com a embriaguez, tudo termina na mesma inutilisação para trabalho social, e individualmente, proveitoso e util. Comprehende-se muito bem que seja a cousa mais sensata d'este mundo montar a cavallo para fazer uma jornada commoda e rapida; não se percebe bem qual o motivo por que um homem se levanta de madrugada, monta um cavallo que comeu ração

capaz de alimentar uma familia, desata a correr pelos campos, e volta a casa, contente, annunciar que correu com a velocidade de tantos kilometros por hora, fazendo d'isso gloria. Os proprios cavallos acabam por se parecerem com quem os monta para tal fim; são vorazes, inquietos, impacientes, petulantes, ao contrario dos seus irmãos pacientes, trabalhadores e corajosos, arrastando-se nas ruas e estradas, em resignado esforço, a ajudar os homens.

Ha, com certeza, em tudo isto uma perversão que não deve estar longe da demencia.

Que os homens a soffram, comprehende-se. A força foi e será sempre a sua qualidade por excellencia, o melhor titulo de nobreza. Comprehende-se o abuzo em quem possue o uzo; pertençam os defeitos, erros e desvairamentos a quem é dotado das virtudes correspondentes. Mas nos seres ligeiros, que na partilha dos dotes do corpo e do espirito humano alcançaram a graça, não se pretenda substituir as faculdades naturaes por outras alheias á sua natureza. Seria perfeito absurdo.

Afinal, — será talvez em mim simples mania, pois que cada um tem a sua, — estas

questões domesticas, como as maiores questões politicas, são unicamente questões moraes; a physiologia e a saude estão aqui na dependencia completa d'um determinado estado d'espirito. Quando me lembro de que conheci tantas freiras bonitas e tantas vivendo, com alegria, espirito e vigor, velhices de mais de oitenta annos, fico a desconfiar de que a mulher se dá bem com a vida sedentaria. Como as plantas mimosas crescem pelos valles e abrigos, sem por esse facto serem menos sadias e vigorosas que as urzes da charneca, tendo aliás na fragilidade equilibrio e harmonia propria, tal qual a das arvores mais robustas, desconfio que a mulher possue não só uma alma differente d'aquella que os homens tem, mas ainda uma outra especie de saúde. São parallelas, identicas; mas são differentes.

Só por perversão moral, pelo fastio e consequente abandono da sua condição, se explica a mania de emparelhar as cousas mais desiguaes d'este mundo. Dêmos ás nossas filhas o amor da casa, dos trabalhos, exercicios e prazeres que ella naturalmente importa; aposto que nem sentirão saudades da bicycleta nem mesmo necessidade de maiores exercicios. Se

porém o dinheiro nos sobra e com elle a ociosidade, então é certo precisarem medicos, banhos de mar, sports e distracções. Tudo será pouco para a inanidade de espirito e coração.

LEITURAS DE CHANNING [1]

I

MISTÉRES E DIGNIDADE

Uma das reformas que os grandes pensadores modernos reclamam, como base de triumpho do sentimento igualitario e christão nas sociedades, é o valor econo-

[1] A democracia não pode reduzir-se ao nivellamento de direitos politicos e riqueza. Ahi facilmente alcança a energia dos homens publicos e o poder da lei. O problema fundamental consiste em produzir a virtude correspondente á organisação politica e economica, elevar a alma ao uzo benefico da liberdade, da riqueza, e á consciencia da responsabilidade. Sem isso, a democracia será esteril na missão suprema de trazer felicidade aos homens.

Revolvendo este pensamento, encontrei as obras de Channing *(Oeuvres sociales de Channing, tr. française, precédée d'un essai sur sa vie e sa doctrine par mr. Edouard Laboulaye.* Paris: Charpentier.), de tão rara e elevada lucidez que me apeteceu registar os breves

mico e moral attribuido ao trabalho muscular. Tolstoi lavrou a terra; Ruskin construiu caminhos. Ambos reputaram o trabalho dos braços tão alta e essencial demonstração de virtude que se julgaram obrigados a juntar o proprio exemplo á propagação escripta da doutrina.

O mundo chamou-lhes doidos. Com certeza, não foi dos motivos menores para tal classificação o facto de pretenderem levar a conformidade da vida e do pensamento a ponto de terem animo de trocar uma existencia em commoda e ociosa meditação pela actividade singela do operario. Não se comprehende, ainda nas camadas superiores da sociedade, n'aquellas que a governam e dominam, quanta dignidade e

periodos aqui transcriptos. « Todos os grandes problemas modernos», diz o eminente traductor do nobilissimo propagandista americano, « educação, aperfeiçoamento moral, elevação das classes laboriosas, temperança, paz universal, abolição da escravatura, direitos politicos, melhor forma do governo, tudo, para Channing, se prende a estes dois principios: amor religioso dos homens, respeito religioso da sua liberdade... Assim, não é d'uma mudança de condição que Channing espera a elevação das classes laboriosas; nem tão pouco d'uma organisação que no estado as ponha em primeiro logar. Para o homem do povo que quizer levantar-se, só ha um segredo, o mesmo para todas as condições, o unico que conduz á verdadeira igualdade — é a elevação moral. »

salutar exercicio, physica e moralmente, principalmente pela acção moral, quanta dignidade existe em trabalhar com os braços e tirar da terra e das cousas o nosso agasalho e sustento. Pelo contrario, parece muito distante a revolução do pensamento, que ha-de aquilatar o valor dos mistéres pelas consequencias sobre o nosso espirito, e não pelos callos das mãos maltratadas ou pela poeira com que nos enxovalhem as faces. Veja-se a innumeravel legião de peralvilhos que julgariam a ultima deshonra, não direi já pegar na serra ou na enxada, simplesmente limpar o pó da meza onde comeram, ou transportar a mala com as proprias roupas.

Liga-se uma ideia de inferioridade, baixeza e desprezo ao trabalho manual; « a razão é, na maior parte dos paizes, poucos homens intelligentes se entregarem a esse trabalho. Que os homens instruidos cavem e lavrem, que se dêem aos trabalhos mais communs; e a charrua e a enxada e o balcão deixarão de ser desprezados. E' o homem que faz a dignidade da funcção, e não a funcção que dá a medida da dignidade do homem. Os medicos e os cirurgiões fazem operações mais asquerosas que as da maior parte dos artifices. Encontro pequena diffe-

rença, quanto a dignidade, entre as diversas occupações dos homens. Quando vejo um guarda-livros, passando dias inteiros a sommar algarismos, talvez simplesmente a copiar, um caixeiro a contar dinheiro, um mercador a vender sapatos, não me parece isto mais respeitavel que fabricar coiro ou moveis. Não vejo n'estes mais actividade intellectual do que nos outros mistéres. O homem do campo parece-me ter, no seu trabalho, mais probabilidades de aperfeiçoamento do que aquelle que vive por detraz de um balcão ou faz correr a sua penna. E' signal d'um espirito estreito imaginar, como parece fazer-se, que ha incompatibilidade entre o exterior simples e rude do operario e a cultura do espirito, pelo menos a cultura mais delicada. O operario, sob a poeira e o suor, traz em si os grandes elementos da humanidade; póde d'ahi desenvolver as faculdades mais nobres. Não duvido de que a contemplação da natureza e a leitura das obras de genio despertem um enthusiasmo tão verdadeiro sob um trajo de burel como sob um trajo bordado... O trajo e a habitação nada fazem para vermos a verdade e sermos sensiveis á belleza, e termos por nós mesmos tanto mais res-

peito quanto maiores tiverem sido os obstaculos para desenvolvermos o nosso espirito ».

Mas, como, onde encontrarão os operarios e a gente humilde tempo para educar e elevar o espirito, virtude que é afinal o padrão commum da dignidade? « O que exerce a sua profissão com actividade e ardor, e sabe poupar as horas, terá sempre livre uma parte do dia... Muitas vezes se tem observado serem aquelles que têem maiores ocios quem menos os aproveita. Uma hora por dia, consagrada regularmente ao estudo d'um assumpto interessante, permitte amontoar thesouros de conhecimentos ».

Os serões do inverno e o domingo são excellentes occasiões de cultivar o espirito, principalmente o domingo. « Sem duvida, o setimo dia deve ter um caracter religioso; mas a religião prende-se em todos os grandes assumptos do pensamento humano, conduz ao seu estudo e auxilia-o. Deus está na natureza; Deus está na historia. A instrucção que as obras do Creador nos offerecem, revelando-nos a sua harmonia, beneficios e grandeza; a instrucção que nos dão as historias da Egreja e do mundo, mostrando em todos os acontecimentos a mão

divina, revelando as grandes lições de moral em que a vida humana abunda, a instrucção tirada do exemplo dos philantropos, dos santos, dos homens distinctos pela sua piedade e virtude; todos estes ramos d'estudo fazem parte da religião e convém ao domingo ».

Ha na realidade obstaculos á elevação do espirito, mas esses obstaculos não provém da condição profissional de cada um. « Os principaes obstaculos encontram-se, não em a nossa condição, mas em nós; não nas difficuldades exteriores, mas nas proprias inclinações mundanas e sensuaes; a prova está em se pensar n'uma verdadeira educação pessoal tão pouco na Bolsa como na officina, tão pouco entre os ricos como entre os pobres ». Quando ambos, ricos e pobres, souberem poupar o tempo para cultivar a alma, todos os mistéres se confundirão no mesmo nivel de dignidade; o padrão de baixeza será tambem um só.

II

AMBIÇÕES

Se houve epoca de ambições terrenas, foi o seculo XIX. Deixa-nos um espirito de ganancia, de lucta e aspereza na conquista dos bens do mundo, que sempre existiu, é certo, mas nunca se mostrou tão orgulhoso, principalmente tão isento de influencias que o equilibrem. A santidade, significando desprendimento das riquezas e humildade da vida externa, nunca foi menos apetecida do que em nossos dias. Houve tempos em que abundavam guerreiros e heroes, acabando monges e ermitas; hoje, o heroismo, depois de se revestir de medalhas, acaba rico e obeso, com boas e chorudas rendas, creadagem basta, regalos de toda a especie. Veja-se a historia das ultimas guerras e seus homens illustres; veja-se a historia dos homens d'estado, que teem governado as grandes nações.

Não são porém melhores nem peiores do que esses pastores famosos dos rebanhos da humanidade, os simples aldeões,

os artifices e commerciantes. A pobreza caíu no horror de todos, quando não é para muitos signal de opprobrio. Este, que vivia singelamente no casal de seus paes, trabalhando e accrescentando parcamente o mealheiro, quer ir para o Brazil ou para a Africa, não para ter mais luz no entendimento ou maior paz no coração, só para possuir uma casa vasta, mobilada de cousas caras e com muitos creados. Afere a felicidade pelos bens do corpo; não cuida de saber se dentro de si haverá cousa mais preciosa a cultivar. Se lhe podessemos illuminar a alma com uma luz que anda perdida, mas a seu tempo resurgirá, porque é o mais perduravel da existencia humana, talvez juntamente revelassemos a esses desventurados, — outra cousa não são, seja qual fôr o seu destino, — uma prosperidade superior em beneficios a ess'outra cobiçada com tamanho sacrificio.

Não desanimemos por a maré ser contraria; persistamos em manter bem vivas dentro de nós, e até onde a nossa voz alcançar, as palavras de salvação. Esperemos. Quem sabe o destino que o mundo reserva ás frageis grandezas, quem sabe da victoria reservada ao espirito!

Entretanto, ouçamos os bons, aquelles que tiveram a ventura de receber maior quinhão nas graças divinas, na virtude, humildade e lucidez d'espirito:

« O numero das pessoas que desejam a educação sómente para adquirir fortuna e elevar-se no mundo, é consideravel; mas estas pessoas não procuram verdadeiramente o progresso. O que ellas procuram é qualquer coisa exterior, alguma cousa que lhes é estranha; tão baixo impulso só póde trazer um progresso restricto, parcial, incerto. O homem deve cultivar-se, porque é homem. Deve começar com a convicção de que ha n'elle qualquer cousa maior do que em toda a creação material, e todas as cousas que lhe tocam os olhos e os ouvidos; deve comprehender que o progresso interior tem em si um valor e uma dignidade inteiramente distinctas do poder que elle dá sobre os objectos externos. Sem duvida, devemos trabalhar em melhorar a nossa posição, mas primeiro devemos cuidar de nos melhorarmos: se não conhecemos uso mais nobre do corpo do que fatigal-o em proveito do mesmo corpo, devemos desesperar da nossa educação.

« Fazendo estas observações, não quero aconselhar ao operario que seja indiffe-

rente á sua posição. Considero importante que cada homem, qualquer que seja o seu estado, possua meios de bem estar: a saude, alimento e vestidos convenientes, e ás vezes um pouco de socego e descanso. Eis-aqui bens verdadeiros, que merecem só por si ser procurados; são, de resto, recursos importantes para a causa que defendo. Uma habitação limpa, confortavel, com alimentos sãos, não auxilia pouco o desenvolvimento intellectual e moral. Um homem a viver n'um subterraneo humido ou n'uma agua-furtada, aberta á chuva e ao vento, respirando o ar impuro de uma habitação immunda, procurando em vão acalmar a fome com um alimento insufficiente e desagradavel, corre o risco de se abandonar a um desleixo desesperado. Melhorae, pois, a vossa sorte; multiplicae os vossos recursos e, melhor ainda, fazei fortuna, se a podérdes fazer por meios honestos, e se não a pagaes por um preço excessivo. Uma boa educação é feita para nos adeantar nos negocios; deveis usal-a para alcançar este fim. Sómente, tende cuidado que este fim não vos domine, e os vossos motivos não baixem, á medida que a vossa condição se eleva; não sejaes victimas da miseravel paixão de rivalisar em luxo,

ostentação e despezas, com aquelles que vos cercam. Respeitae-vos sempre. Comprehendei que a vossa alma é mais preciosa do que quanto vos é estranho. Quem desconhecer o que em si tem de racional e espiritual, de superior ao mundo e de alliado a Deus, ignora a fonte de que sáe esta vontade sobre a qual insisti, como sendo a primeira condição do progresso. »

III

VERDADE

« Desgraçado do que não tem o amor da verdade! É por falta d'este amor que o genio se tornou um flagello para o mundo ».

« O amor da verdade, a sede insaciavel da verdade, a firme resolução de a procurar e guardar fielmente, eis o que é necessario considerar como verdadeira base da educação e da dignidade humana ». Quando o operario souber que a verdade é mais preciosa que o pão quotidiano, quando este sentimento se lhe revelar no coração, terá encontrado guia seguro da elevação do seu espirito. « Infelizmente, até hoje pouco ou nada se fez para inspirar, quer aos ricos, quer aos pobres, o amor da verdade pela verdade, ou pela vida, a inspiração e a dignidade que ella traz á alma. Os felizes da terra possuem este principio tão pouco como as classes trabalhadoras, posto que eu creia que o luxo do rico lhe é mais contrario do que o trabalho e a miseria do pobre ».

Quando julgamos necessario ao espirito do trabalhador o amor e estudo da verdade, não queremos significar que elle deva ter largos conhecimentos do mundo physico, grande copia de saber. N'este ponto, basta-lhe o conhecimento da sua profissão, dos instrumentos do seu trabalho material, e esse deverá ser, bem entendido, tão completo quanto as condições do viver lh'o permittam. Não é a quantidade, é a qualidade dos conhecimentos que dá a medida da dignidade humana. O trabalhador precisa ser iniciado na verdade, possuir no seu entendimento e no coração principios de conducta na vida, que o guiem e o libertem de uma imitação sem discernimento, de impulsos cégos e apaixonados, da tyrannia das opiniões correntes. Precisa alcançar uma obediencia interior, que é a verdadeira revelação da verdade.

Para isto não carece de grandes meios economicos, nem de cousas caras. As grandes ideias, estes principios que dirigem a consciencia e o espirito, « vém-nos menos d'um ensino exterior, directo, penoso, do que d'influencias indirectas e do trabalho natural do nosso espirito ; de modo que não são inaccessiveis áquelles que não conseguiram adquirir um saber extenso. Assim,

poderiam mestres zelosos fallar-nos, durante annos inteiros, de Deus, da virtude, da alma, sem por isso ficarmos menos ignorantes que ao principio; emquanto um olhar, uma palavra, uma acção d'um dos nossos semelhantes, que uma grande ideia anima e o acaso nos trouxe ao caminho n'um momento favoravel, despertará e desenvolverá em nós esta mesma ideia. É um facto provado pela experiencia que as maiores ideias vém muitas vezes ao espirito recto, sem que elle saiba como: é o relampago, a luz do ceu. O homem que cultiva seriamente a virtude e a verdade, encontra em si um ensino bem superior ao que os homens dão. A alma, a presença intima de Deus, a grandeza da creação, a gloria do desinteresse, a fealdade do mal, a dignidade da justiça universal, o poder do principio moral, a verdade immutavel, a immortalidade e as fontes interiores de felicidade, todas estas revelações que excitam a sede das cousas superiores, apresentam-se espontaneamente áquelle que trabalha com humildade por elevar-se. Ás vezes, um aspecto ordinario da natureza, uma das revelações mais communs da vida, offerecer-se-nos-á com um brilho e uma significação desconhecidos. Acontece que um

pensamento d'este genero faz epoca na vida, muda todo o seu curso, é uma nova creação. E estas grandes ideias não são o privilegio d'uma só classe; communica-as o espirito infinito a todos os espiritos que se abrem para as receber; o proprio trabalho é n'este ponto uma bem melhor condição que uma vida de luxo e alta roda; até mesmo vale mais que o estudo, quando este serve d'alimento á vaidade, ao orgulho, á inveja. Uma simplicidade de creança atrae bem melhor estas revelações do que uma cultura egoista da intelligencia, por mais extensa que ella seja ».

IV

TRABALHO E NOBREZA

A uma sociedade guiada pelo pensamento christão e onde elle tente traduzir-se na vida individual e social, á sociedade que é a aspiração de toda a alma generosa, não desejarei emancipal-a do trabalho, da simples fadiga physica, d'este trabalho que, nas palavras do Evangelho, consiste em ganhar o pão com o suor do rosto. Não desejarei ao trabalhador « vestil-o n'um alfaiate parisiense, nem ensinar-lhe attitudes n'uma escola de dansa; não quero vêl-o, no fim do dia, deixar o seu trajo de trabalho, para ir representar entre elegantes; não quero dar-lhe entrada em festas esplendidas, ou que elle tome gosto a moveis sumptuosos; não espero uma série de invenções que o libertem da tarefa ordinaria; não desejo fazer-lhe abandonar a officina ou a granja, tirar-lhe das mãos o machado ou a enxada ».

Pelo contrario « tenho fé no trabalho e na fadiga. O mundo, pela sua belleza e pela sua harmonia, faz muito para o espi-

rito; mas opera ainda mais pela fadiga que nos dá, pela sua resistencia obstinada, que cousa alguma póde vencer, senão um trabalho tenaz, pelas suas immensas forças, que só com arte e esforços constantes podemos aproveitar, pelos seus perigos, que exigem da nossa parte uma vigilancia continua, e pelo seu combate perpetuo. Creio que as difficuldades são mais importantes para o espirito humano do que aquillo a que chamamos auxilios ».

Mas é preciso nobilitar o trabalho. Desde que se torne excessivo, absorvente, amesquinha e degrada, corrompe, reduz a actividade humana a um mistér de conquistar o sustento, abandonando a alma aos impulsos que não podem ser mais do que impulsos de baixa animalidade, se não os cultivamos e corrigimos. Tambem temos intelligencia e coração, além do esqueleto e dos musculos; tambem carecemos de meditação, d'estudo e belleza, além do agasalho e do pão. A vida só é plena, se representa a actividade parallela e harmonica do corpo e da alma. É necessario, pois, sem abandonar o trabalho, lei salutar, nobilital-o, coroando-o pela elevação da alma.

« Não é uma mudança de condição externa; não é a libertação de fadigas;

não é a lucta empenhada para chegar a outra condição; não é o poder politico; é qualquer cousa bem maior e bem mais profunda ». A verdadeira elevação é a elevação da alma. O logar e a fortuna nada importam para se pertencer á verdadeira nobreza, á nobreza que nos vem da communhão em Deus. « Não ha differentes especies de dignidade, para as differentes classes da sociedade; ha uma só dignidade, e é a mesma para todos. A unica elevação consiste no exercicio, no desenvolvimento, na energia dos mais nobres principios e das mais altas faculdades da alma ».

Dir-se-á que a maior parte dos trabalhadores « está evidentemente destinada a ganhar pelo seu braço o bem estar physico e material, e que no operario o espirito está sem remedio excessivamente preso á materia, para se elevar mais alto... Estudaram com bem pequeno cuidado o mundo material aquelles que o suppõem creado como um tumulo para o espirito da maior parte d'aquelles que o habitam ». O vasto systema que comprehende o mar e a terra, o ar e os ceus, esta creação sem limites, o sol, a lua, as estrellas, as nuvens, as estações, não são unicamente para sustento do nosso corpo, seu agasalho e alimento, são juntamente alimento da alma

escola da intelligencia, revelação da belleza e instrumento da linguagem, com que nas relações sociaes traduzimos os nossos sentimentos. O espirito e o mundo material vivem n'uma união indissoluvel. « A maior parte das sciencias, das artes, das profissões e das occupações da vida sahem das nossas relações com a materia ». É n'ella que o sabio aprende ; é por ella que o artista, o poeta, o esculptor e o pintor nos exprimem as suas concepções. A philosophia, que não vê nas leis e phenomenos da natureza exterior meio de despertar o espirito, é estreita e mesquinha ; um estado social, que deixa esmagar a alma pelo excesso do trabalho material, é contrario á lei de Deus.

Que o trabalhador, em meio dos suores, não esqueça pois o que deve á elevação da propria alma, á nobreza e á dignidade, entendida a elevação da alma pela sua consagração, primeiro a conhecer, depois a fortificar os sentimentos puros e generosos, e finalmente a avigorar a resolução.

Verdade, pureza, generosidade e firmeza, eis as condições em que o trabalho se nobilita.

V

GRANDEZA

Ao terminar um seculo, não sei se é melhor pensar no passado, se embeber-nos em sonhos do futuro. Talvez o mais seguro seja considerar bem o passado; só por elle podemos avaliar o futuro, principalmente guial-o. É a hora propria para um exame de consciencia; o espirito de menos reflexão será inevitavelmente conduzido a interrogar a vida e a historia, sobre as cousas consumadas e sobre as cousas a realisar.

Vanitas vanitatum! Vaidade das vaidades. O mundo não mudou. É hoje o que foi hontem e será ámanhã. Seculo algum revolveu mais a materia do que o seculo XIX; telegraphos, caminhos de ferro, medicinas maravilhosas, colossos que cortam os máres, engenhos de guerra nunca vistos nem sequer sonhados, espantam a pobre humanidade atonita, e dão ideia d'uma actividade a que epoca alguma assistiu. E, apezar d'isso, o seculo XIX não será, com certeza, maior do que qualquer dos seculos precedentes. Aquelles em que a Grecia

revelou á humanidade os thesouros da alma humana, aquelles em que Roma nos ensinou os segredos do poder politico, esses da Edade-Média, accendendo fachos inextinguiveis de heroismo, amor e sacrificio, os da renascença, restaurando os direitos de cidade d'um paganismo excessivamente esquecido, o final do seculo XVIII, inundando a terra de aspirações generosas; todos hão-de ficar na historia iguaes ou porventura superiores ao seculo XIX, marcado nos ultimos dias pela nódoa da mais barbara e deshonrosa violencia a um povo christão.

O seculo XIX n'um ponto errou e se illudiu, a triste sujeição se viu obrigado pela fatalidade do destino: procurou a grandeza nas cousas, quando ella só na alma humana reside. Procurou-a, seguiu-a; com ella se desvairou e perdeu, não obstante salutares avisos dos espiritos de eleição, que a condemnavam.

Não faltou quem lhe apontasse os erros e anathematisasse os desvarios. Entre tantos, Channing é bem do seculo XIX, não só porque n'elle existiu e morreu, mas particularmente porque o auscultou com santa anciedade de o corrigir. As suas palavras infundem no espirito uma serenidade, que escapa a todas as vicissitudes da

fortuna e torna a vida um manso e glorioso palpitar: « A sciencia e a arte pódem inventar illuminações brilhantes para a habitação do rico, mas tudo isso é pobre e sem valor, comparado com a luz commum que o sol nos envia para todas as janellas, que derrama com liberalidade e sem preferencias na collina e no valle, com esta luz que cada dia abrasa o oriente e o occidente. » A grandeza está nas coisas mais vulgares, quer consideremos o mundo exterior, quer consideremos a alma humana. « A verdadeira grandeza nada tem de commum com a esphera que se occupa. Não depende da acção exterior, nem tão pouco dos effeitos produzidos. O homem maior póde não ter senão diminuta influencia. Talvez que os maiores da cidade estejam n'este momento sepultados na obscuridade. A grandeza de caracter consiste inteiramente na força d'alma, isto é, na força do pensamento, do principio moral, do amor; podemos encontral-a nas condições mais humildes da vida. Um homem, creado para uma profissão obscura, cercado pelas necessidades d'uma familia que cresce, póde, na sua estreita esphera, vêr mais claro, discernir melhor, julgar mais prudentemente, e, n'uma situação difficil, ter mais decisão, mais presença de espirito, que outro que,

á força d'estudo, amontoou immensos thesouros de conhecimentos; tem pois mais verdadeira grandeza. Este, que nunca se affastou senão algumas milhas da sua morada, comprehende melhor a natureza humana, descobre os motivos e pésa os caracteres com mais sagacidade que aquell'outro que percorreu o mundo e creou um nome, pela narração das suas viagens. »

A grandeza dos tempos não póde deixar de se aferir pela grandeza dos homens. Uma epoca caracterisa-se, não pelas rotações dos astros ou pelas caprichos metereologicos, mas pelas acções humanas.

Se houve gloria para o seculo XIX, foi principalmente n'aquella parte onde conscientemente reconheceu a grandeza do povo.

« O homem maior é aquelle que escolhe o justo com uma resolução invencivel, que resiste ás mais terriveis tentações interiores e exteriores, supporta alegremente os mais pesados fardos, tem maior calma na tempestade, que se ri das ameaças e dos olhares irados, aquelle cuja confiança na verdade, na virtude, em Deus, é inabalavel... Creio que esta grandeza se encontra principalmente na multidão, entre aquelles cujo nome nunca teve ecco. É no povo ou nos felizes do mundo que se

encontram maiores penas supportadas com mascula coragem, mais verdade sem artificio, mais confiança religiosa, mais generosidade que offerece o que até é necessario para o doador, emfim mais sabia apreciação da vida e da morte? E mesmo, no que toca á influencia sobre os nossos semelhantes, influencia que se considera como privilegio das classes elevadas, creio que a differença entre o homem obscuro e o homem posto em evidencia é bem fraca. A influencia não deve medir-se pela sua extensão, mas pela sua natureza. »

Se houve grandeza para o seculo XIX, foi no reconhecimento d'estas verdades; foi em crear os cerebros poderosos onde ellas se geraram com lucidez, e dos quaes irradiaram com penetração magica, levando-as a illuminar os mais obscuros meandros das sociedades humanas, annunciando fecundidade, esperança de paz e amor, eterno sonho dos bons, eterna cruz dos verdadeiros martyres. O resto é pó, que em pó se ha de tornar.

VI

COMO A SOLIDÃO SE AFUGENTA

A agua gela; chove; o temporal açoita os montes e o arvoredo? Dardeja o sol, requeimando a terra, seccando as fontes e abrazando as seáras?... Quando a natureza mais adversa nos parece, quando se julga obrigar-nos á treva, ao recolhimento, á immobilidade e solidão, se a alma é sã, se tem apetites sadios, se o espirito vive e habita em nós, a solidão povoa-se, uma festa interior vem alegral-a, mais mansa mas não menos carinhosa que o fulgor da natureza. Ouvimos então, pelos silencios das interminaveis frigidas noites do inverno ou pelas enervantes calmas estivaes, vozes amigas. São as horas de abrirmos os thesouros, tão pequeninos externamente, infinitamente profundos na vastidão interior, que se chamam os livros, — vestigios indeleveis dos que pensaram e soffreram como nós, e, como nós, amaram e encontraram allivio na contemplação de Deus e da natureza; eccos distantes, que a distancia não quebra nem esmorece, de

cantos consoladores e amigos; companheiros certos e generosos na peregrinação pela terra.

« Não nascemos para viver sós. A sociedade é para nós tão necessaria, como o ar e o alimento. Uma creança, condemnada a uma solidão absoluta, crescendo sem vêr ou ouvir seres humanos, não igualaria certos animaes em intelligencia; o homem, que nunca tivér sido posto em contacto com espiritos superiores ao seu, percorrerá provavelmente o mesmo circulo monotono de pensamento e d'acção até ao fim da vida.

« É principalmente pelos livros que gozamos o commercio dos espiritos superiores, e este inapreciavel meio de communicação está ao alcance de todo o mundo. Nos livros mais bellos, os grandes homens fallam-nos, dão-nos os seus preciosissimos pensamentos, derramam a sua alma na nossa alma. Louvemos a Deus pelos livros. São a voz dos que estão longe e dos que morreram; fazem-nos herdeiros da vida intellectual dos seculos passados. Os livros são os verdadeiros niveladores; a todos aquelles que querem usal-os sinceramente, procuram a sociedade, a presença espiritual dos melhores e dos maiores homens. Que importa a

minha pobreza? Que importa que os felizes do tempo desprezem a minha obscura morada? Se a Sagrada Escriptura entra e habita sob o meu tecto, se Milton passa o limiar da minha porta, para me contar. o paraizo, Shakspeare, para me abrir os mundos da imaginação e os segredos do coração humano, Franklin, para me enriquecer com a sua sabedoria pratica, não me faltarão amigos intellectuaes, e posso tornar-me um homem bem educado, ainda que não seja recebido pela boa sociedade no logar que habito ».

Este homem, que se queixa de que é grosseiro, ignorante e rude, porque vive na aldeia e não tem ensejo de tratar com gente instruida e delicada; este, que aproveita o domingo para correr aos logares onde a multidão se agglomera, e, pensando no modo de aproveitar o mez de villegiatura, escolhe a praia onde mais povo se reune; a rapariga, que no modesto casal do campo boceja, suspirando pelas valsas, e continuamente se lamenta de intoleravel isolamento; frequentadores de tabernas, de cafés e casinos de jogo, que na imaginação guindaram o seu covil á altura d'um templo de civilisação; — todos, não ha duvida, debalde aprenderam a lêr, ignoram o salutar prazer e benefica necessidade dos

livros; cansam-se a procurar companheiros, porque desconhecem os melhores companheiros, que a qualquer parte poderiam seguil-os, e em toda a circumstancia teriam uma palavra boa a dizer-lhes, uma luz a accender no coração entre as escuras mágoas, incerteza ou angustia. Não lhes quero mal, apenas os lamento; á falta d'um pequenino impulso do espirito para servir a Deus, perderam as maiores delicias e as mais poderosas consolações.

« Sei quanto é difficil para algumas pessoas, principalmente para aquellas que estão absorvidas por trabalhos manuaes, fixar a sua attenção n'um livro. Esforcem-se por vencer esses obstaculos, escolhendo assumptos que as interessem vivamente, ou lendo em companhia d'aquelles que amam. Cousa alguma póde substituir os livros. São amigos que nos animam e nos consolam na solidão, na doença, na afflicção. A riqueza dos dois continentes não substituiria o bem que elles procuram. Que cada um, se é possivel, reuna no seu lar algumas obras boas, e obtenha para si e para a sua familia a entrada em qualquer bibliotheca commum. Não ha luxo que não se deva sacrificar por isto ».

VII

BELLEZA

O vulgo vive na illusão de que a belleza é cousa preciosa e rara. Compra-se com muito dinheiro, e é privilegio dos ricos. Vive em palacios, entre marmores e esculpturas, em estufas de plantas exoticas, em sedas, joias, pedrarias, guardada para os ociosos, para a dissipação e opulencia. A belleza é luxo e inutilidade; essencial á vida é o dinheiro. Haverá até, — com certeza não falta, — quem opponha o trabalho e a belleza, julgando ingenuamente excluirem-se, imaginando o trabalho destituido de belleza e a belleza alheia ao mais sublime trabalho — seja elle qual fôr, com tanto que seja são e alegre.

Isto pensará o vulgo, o vulgo vulgar, este em que a vulgaridade e a inferioridade são synonymos, esta inferioridade que é deformação da alma, ou desfigurada pela ambição dos bens, ou corrompida pela sensualidade, ou atrophiada por estreiteza congenita. Mas o vulgo, o verdadeiro vulgo, a grande humanidade, a expressão

sincera, sem artificio, da sua alma, sente, comprehende e apetece a belleza. É vêr a religião da aldeia, as festas bem casadas com o volver das estações e dos astros, as egrejas repletas de flores, associando o culto e a natureza, os penitentes a caminhar ao lado dos romeiros que vão dansando, a harmonia do corpo agil ao lado das atribulações do espirito. Que infinita e sublime percepção da belleza em toda a ingenuidade, que captiva os philosophos, torturados de locubrações, e tentou Fausto, entre os desenganos da velhice!

A arte de ser feliz e viver contente em qualquer parte, para os que já não pódem sentir a belleza ingenuamente, é saber buscal-a onde ella reside e desprendel-a da corrupção do espirito. É-lhes tão facil!... Porque, afinal,

« A belleza está em toda a parte. Desabrocha nas flores innumeraveis da primavera. Ondula nos ramos das arvores e nas hervas do prado. Habita os abysmos da terra e do mar, e brilha no reflexo das conchas e pedras preciosas. E não só estes fracos objectos, mas o oceano, as montanhas, as nuvens, os céus, as estrellas, o sol ao erguer-se e no occaso, tudo está inundado de belleza. O universo é o seu templo; os homens, que a sentem viva-

mente, não pódem levantar os olhos, sem que ella os cerque de todos os lados. Ora a belleza é tão preciosa, os prazeres que ella procura são tão delicados e puros, de tal modo em relação com os nossos sentimentos mais nobres e mais ternos, tão perto da adoração de Deus, que é penoso pensar na multidão de homens que vivem cegos n'este mundo, como se, em logar de possuir esta bella terra e este glorioso firmamento, habitassem uma masmorra. Por não se cultivar o sentimento do que é bello, perde-se para o mundo uma gloria infinita. »

« Fallei apenas da belleza da natureza, mas quanto d'este mysterioso encanto se não encontra nas artes, e principalmente nas lettras? Os melhores livros são os mais bellos. As maiores verdades, quando não estão unidas á belleza, falta-lhes qualquer cousa; entram mais seguramente e mais longe na alma, quando veem revestidas d'este adorno que lhes é natural. Não tem a verdadeira educação do homem aquelle que não cultivou o sentido da belleza, e não conheço condição a que este gosto deixe de convir. De toda a especie de luxo, é o menos caro e o mais facil, e parece-me principalmente importante para as condições que, exigindo um trabalho penoso,

dão rudeza ao espirito. A diffusão do sentimento da belleza na Grecia antiga e do gosto musical na Allemanha moderna, prova-nos que o povo é capaz de partilhar estes prazeres delicados, até agora considerados como privilegio de pequeno numero. »

Simplesmente, para que esta renovação do sentimento da belleza se realise, é necessario, indispensavel, preparal-a pela renovação de toda a nossa existencia, creando habitos de espirito e costumes, singelos, sãos, moralmente superiores. A unidade da alma humana é inteira e completa. Impossivel fragmental-a, sem a perder e destruir. « A creação exterior está intimamente ligada aos mais encantadores, aos maiores attributos da alma. É o seu emblema ou a sua expressão. A materia torna-se bella para nós, quando parece perder o seu aspecto material, a sua inercia, limitação e grosseria, quando a leveza etherea das suas fórmas e movimentos parece aproximal-a do espirito; quando nos pinta doces e puras affeições; quando se estende n'uma immensidade que é a sombra do infinito; ou quando, sob fórmas ou por movimentos imponentes, nos falla do Todo Poderoso. Assim, a belleza exterior deriva de qualquer cousa

profunda e invisivel; é o reflexo das cousas espirituaes, e, por conseguinte, se queremos vêl-a e sentil-a vivamente, é necessario cultivar os principios moraes, religiosos, intellectuaes e sociaes, que são a gloria da natureza espiritual. »

Ha uma intima harmonia entre todos os ramos da educação do espirito humano, harmonia derivada da unidade fundamental da nossa alma. Desconfiemos dos que ignoram ou desprezam a belleza, e dos que a põem nas vaidades e na futilidade; antecipadamente poderemos presumir, sem injuria, que ignoram ou desprezam a virtude, ou que a põem em cousas vãs e ambições mesquinhas.

INDICE

Pag.

Advertencia V

1.ª Parte. — OS COMPANHEIROS DA ESTRADA.

Junquilhos 3
Mimosas 7
Lilazes 13
Cilindras 17
Os livros 21
Madresilvas 35
Açucenas 39
Amigos certos 43
Os cravos 47
A dahlia 51
Espelhos da vida 55
O eloendro 63
O milagre das rosas 67
Os pequeninos 71
Violetas 75

2.ª Parte. — POR MONTES E ARRAIAES.

Mez de Maria 79
A Ascenção 85
Da Freita á Gralheira 91
A Semana Santa 97
Senhora da Nazareth 103
S. João 107
Nas solidões alemtejanas 111

Pag.
Devaneios 117
Rigores 123
Canções do inverno 127
Quadros do estio 131
No eterno templo 137
Em jornada 141
Manhãs de primavera 147
Orvalhos 151
Vozes do arvoredo 155
Aridez 159

3.ª Parte. — ALTARES DA MINHA FÉ.

O meu optimismo 163
Uma lição salutar 169
Outros tempos. 177
Jornadas 183
Entre mundanos 189
Bafejos d'esperança 193
Dois sonhos 197
Religião 201
Sejamos poetas 205
O poder do silencio 211
Do amor da natureza 215
A' procura do saber. 221
Das cousas não commerciaveis. 229
Riqueza e felicidade. 235
Ao domingo 239
Praias e thermas 247
As demencias do sport 255
Leituras de Channing
I. Mistéres e dignidade 269
II. Ambições 275
III. Verdade 280
IV. Trabalho e nobreza 284
V. Grandeza 288
VI. Como a solidão se afugenta . . . 293
VII. Belleza 297

YC152132